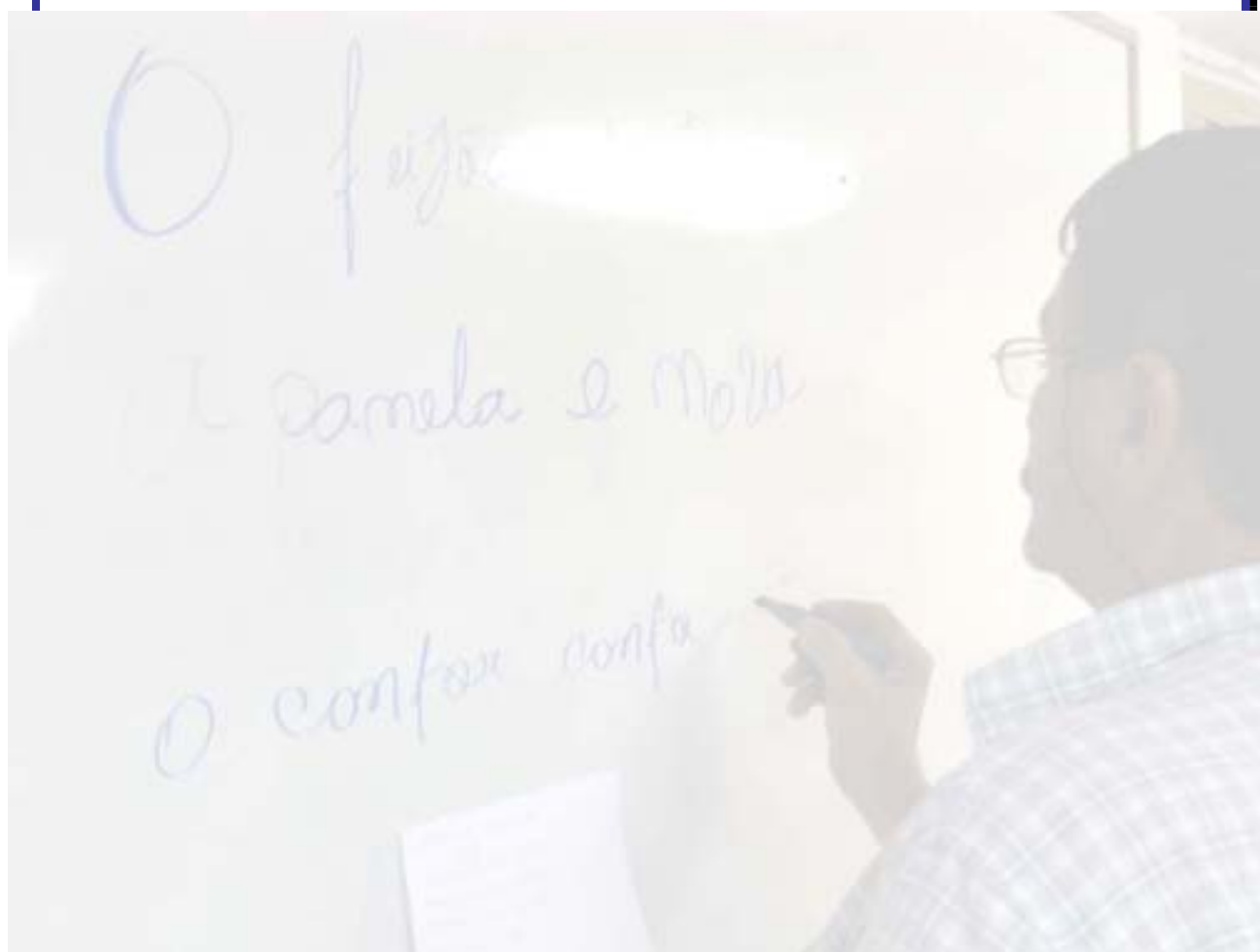


Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Deyse Karla de Oliveira Martins



Natal/RN
2005

Deyse Karla de Oliveira Martins

***A LIVRE EXPRESSÃO NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS: vivência em salas de aula***

*Dissertação apresentada à Pós-Graduação da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte como
requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em
Educação.*

Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis Pereira.

**Natal - RN
2005**

Catálogo da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Setorial do CCSA
Divisão de Serviços Técnicos

Martins, Deyse Karla de Oliveira.

A livre expressão na alfabetização de jovens e adultos: vivência em salas de aula / Deyse Karla de Oliveira Martins. – Natal, 2005.

142. il.

Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis Pereira

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Educação.

1. Educação – Tese. 2. Pedagogia Freinet - Tese. 3. Livre expressão - Tese. 4. Alfabetização de jovens e adultos – Tese. I. Pereira, Francisco de Assis. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BS/CCSA

CDU 37.046 (043.3)

Deyse Karla de Oliveira Martins

***A LIVRE EXPRESSÃO NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
vivência em salas de aula***

*Dissertação apresentada à Pós-Graduação da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte como
requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em
Educação.*

Aprovada em: ____/____/____.

Mestranda: Deyse Karla de Oliveira Martins

Banca Examinadora

Prof. Dr. Francisco de Assis Pereira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Prof.^a Dr.^a Rita Vieira de Figueiredo

Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof.^a Dr.^a Neide Varela Santiago

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Prof.^a Dr.^a Lúcia de Araújo Ramos Martins

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Dedicatória

Aos meus pais, sempre presentes em minha vida, modelos de integridade moral, de coragem, fé e vida, pelo carinho e dedicação aos filhos e à neta.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me agraciar com o dom da sabedoria e do discernimento;

Aos meus pais, pelo investimento na minha formação humana e intelectual e por sempre acreditarem na minha capacidade de luta, no meu potencial, sendo meus eternos torcedores e incentivadores;

Aos meus irmãos – Clestenis, Danielle e Clayton –, que também fazem parte da torcida pelo meu sucesso;

Ao meu namorado e incentivador Alexandre Remo, sempre presente durante este processo, ajudando-me na coleta de dados, nas fotografias e filmagens;

Ao meu iluminado orientador, Francisco de Assis Pereira, que, com sua paciência e ternura, me apontou um caminho mais sereno e tranquilo, conduzindo-me nos momentos difíceis e solitários – pela competente e criteriosa orientação;

Às minhas amigas Patrícia Carla de M. Chagas e Maria da Conceição Silva, por partilharem comigo todos os momentos, tanto os difíceis, angustiantes, quanto os de vitórias;

A Giovana Carla, pela colaboração e a reflexão junto ao grupo de alfabetizadoras;

A Rosângela, pelas calorosas discussões filosóficas, nas longas madrugadas;

Às alfabetizadoras, que dedicaram parte de seu tempo para discutir e trocar experiências conosco;

Às professoras Sandra Maria Borba Pereira e Rosa Aparecida Pinheiro, pelos ensinamentos – que tanto contribuíram para a minha formação acadêmica e profissional –, pelo apoio, pelas orientações, pelos conselhos – sempre necessários e bem vindos –, além da inquestionável receptividade por sempre estarem dispostas a colaborar comigo;

Aos colegas do Núcleo de Estudos da Pedagogia Freinet – Cláudia Santa Rosa, Maria Betânia, Eduardo Cavalcante e Ana Paula –, pelo estímulo constante;

Aos professores e colegas da base de pesquisa Práticas Pedagógicas e Currículo, especialmente às Prof.^a Márcia Gurgel e Prof.^a Tânia Câmara, que colaboraram para o aprimoramento deste trabalho durante os seminários de dissertação;

Aos membros da Banca Examinadora deste estudo, pela pertinência da avaliação e pelas contribuições que venham a oferecer para o enriquecimento de nossas reflexões;

Aos colegas que tive oportunidade de conhecer ao longo do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN, também interlocutores na construção deste trabalho;

A Prof.^a Albanita Lins de Oliveira, do Departamento de Biblioteconomia da UFRN, pela normatização bibliográfica e catalogação deste trabalho;

Aos colegas do Programa Geração Cidadã – Reduzindo o Analfabetismo, pelo carinho, incentivo, respeito e pela compreensão nos momentos difíceis e de ausências;

À CAPES, pelo apoio financeiro.

"Escola é...

*o lugar onde se faz amigos
não se trata só de prédios, salas, quadros,
programas, horários, conceitos...
Escola é, sobretudo, gente,
gente que trabalha, que estuda,
que se alegra, se conhece, se estima.
O diretor é gente,
O coordenador é gente, o professor é gente,
o aluno é gente,
cada funcionário é gente.
E a escola será cada vez melhor
na medida em que cada um
se comporte como colega, amigo, irmão.
Nada de 'ilha cercada de gente por todos os lados'.
Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir
que não tem amizade a ninguém
nada de ser como o tijolo que forma a parede,
indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
é também criar laços de amizade,
é criar ambiente de camaradagem,
é conviver, é se 'amarrar nela'!
Ora , é lógico...
numa escola assim vai ser fácil
estudar, trabalhar, crescer,
fazer amigos, educar-se,
ser feliz."*

Paulo Freire

RESUMO

Este estudo foi desenvolvido a partir de uma experiência de alfabetização de jovens e adultos em duas turmas do Projeto Redução do Analfabetismo, uma parceria entre a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a Secretaria Municipal de Educação e a Prefeitura Municipal de Natal-RN. Para o alcance dos objetivos propostos, optamos pelo método qualitativo de pesquisa, utilizando a observação da dinâmica da sala de aula, considerando os atores sociais como sujeitos ativos dos processos histórico, cultural e político. No sentido de colaborar nesse campo de estudo propusemos um referencial teórico-prático que objetiva a dinamização da sala de aula por meio da visão de alfabetização voltada para os usos sociais da leitura e da escrita; da concepção dialógica de Paulo Freire, baseada na própria cultura do aluno e na valorização deste como sujeito ativo da aprendizagem; da proposta pedagógica de Célestin Freinet, da dinamização da sala de aula (ênfasis nos princípios da *livre expressão*), da colaboração, da atividade e do respeito ao ritmo individual, em função do sucesso escolar. Lembramos que Célestin Freinet e Paulo Freire contribuíram para a conscientização individual, social, cultural e política do educando, mediada pelo processo escolar. Destacamos o interesse e a participação das alfabetizadoras e dos alunos nesse processo educativo. Constatamos ao longo do trabalho mudanças na postura das alfabetizadoras, superando práticas centradas no formalismo e no verbalismo, frutos da educação tradicional e avançando no sentido da abordagem construtivista do conhecimento que assegura um clima de segurança, dinamismo e respeito em sala de aula.

Palavras-chave: Educação, Pedagogia Freinet, Livre Expressão, Alfabetização de Jovens e Adultos

Résumé

Cette étude a été faite à partir d'une expérience d'alphabétisation chez des jeunes et des adultes dans deux groupes du "Projet Réduction de l'analphabétisme" réalisé par l'Université Fédérale du Rio Grande do Norte, le bureau du Ministère de l'Éducation et la Préfecture Municipale de Natal-RN. Nous avons choisi la méthode qualitative de recherche, en utilisant l'observation de la dynamique en salle de classe, considérant les acteurs sociaux comme étant le sujet actif du processus historique, culturel et politique. Nous avons voulu collaborer dans ce thème en proposant un référentiel théorique et pratique, en visant le dynamisme de la salle de classe, à travers la vision de l'alphabétisation centrée sur les utilisations sociales de la lecture et de l'écrit; la conception dialogique de Paulo Freire, basée sur la propre culture de l'élève et sur sa valorisation en tant que sujet actif de l'apprentissage ; la proposition pédagogique de Célestin Freinet dans son aspect de la dynamisation de la salle de classe renforçant le principe de la libre expression, de la collaboration, de l'activité et le respect du rythme individuel, pour le succès scolaire. Nous avons rappelé que Célestin Freinet e Paulo Freire ont contribué dans la conscientisation individuelle, sociale, culturelle, politique, de l'élève par le processus scolaire. Nous avons séparé l'intérêt et la participation de celles qui alphabétisent et des élèves dans ce processus éducatif. Nous avons constaté tout au long du travail des changements dans la posture de celles qui alphabétisent, surpassant les pratiques centrées dans le formalisme, et le verbalisme fruits de l'Éducation traditionnelle. Avançant dans le sens de l'Abordage Constructiviste de la connaissance, garantissant un climat de sécurité, de dynamisme et de respect en salle de classe.

Mots-clés: Éducation, Libre expression, Pédagogie Freinet, Alphabétisation des jeunes et des adultes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - PENSANDO E CONSTRUINDO UMA PRÁTICA ALFABETIZADORA	19
1.1 Objeto da pesquisa: objetivos e questões norteadoras	19
✓ OBJETIVO GERAL	20
✓ OBJETIVOS ESPECÍFICOS	20
✓ QUESTÕES NORTEADORAS	21
1.2 Conhecendo o Projeto Redução do Analfabetismo	21
1.3 Contextualizando o campo da pesquisa, as alfabetizadoras, os alunos e a pesquisadora	25
1.4 Aspectos metodológicos	36
CAPÍTULO 2 – ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	43
2.1 Alguns aspectos históricos	43
2.2 Contribuições de Paulo Freire como marco nas concepções de alfabetização	48
2.3 Do Mobral aos nossos dias	51
CAPÍTULO 3 - A PEDAGOGIA FREINET NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	65

3.1 A pedagogia Freinet e sua utilização no Projeto Redução do Analfabetismo	65
3.2 Célestin Freinet e a ousada proposta de uma <i>escola para o povo</i> – Articulando princípios e práticas	73
3.3 – A <i>livre expressão</i> nas salas de EJA	85
 CAPÍTULO 4 - DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA NAS SALAS DE AULA E ANÁLISE DOS DADOS	 93
4.1 Descrição da experiência	
Organizando a aprendizagem de jovens e adultos baseada na experimentação e na vivência	93 94
✓ AS REUNIÕES DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS	96
✓ AS DIFICULDADES ENCONTRADAS	99
A vida na sala de aula	101
4.2 Discussão dos dados	
4.2.1 – Construindo caminhos para uma prática pedagógica viva com as técnicas freinetianas da <i>livre expressão</i>	105 105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS	137
ANEXOS	142

INTRODUÇÃO

Por educação de adultos entende-se o conjunto de processos de aprendizagem, formais ou não formais, graças aos quais as pessoas cujo entorno social considera adultos desenvolvem suas capacidades, enriquecem seus conhecimentos e melhoram suas competências técnicas ou profissionais ou as reorientam a fim de atender suas próprias necessidades e as da sociedade. A educação de adultos compreende a educação formal e permanente, a educação não formal e toda a gama de oportunidades de educação informal e ocasional existentes em uma sociedade educativa e multicultural, na qual se reconhecem os enfoques teórico e baseados na prática.

(Art. 3º da Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos, 1997).

A *Educação de Jovens e Adultos* (EJA) é uma modalidade específica da Educação Básica que tem como finalidade atender à camada da população que não teve acesso à educação durante a infância e a adolescência, ou seja, na faixa etária dos 07 aos 14 anos, conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN 9394/96). Dentre os fatores que levaram essas pessoas a não freqüentar os bancos escolares, podemos citar a oferta irregular de vagas, as condições socioeconômicas desfavoráveis e as inadequações do sistema educacional.

O direito à educação, independente do limite de idade, está presente no primeiro e no segundo artigos da referida lei. O Art. 1º diz: "A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais". E o Art. 2º: "A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno

desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho".

Lembramos que o conceito de *educação de jovens e adultos*, em muitos casos, confunde-se equivocadamente com o de ensino noturno. Tal confusão ocorre devido ao turno em que comumente é oferecida essa modalidade de ensino, deixando-se de considerar as características e especificidades dos indivíduos aos quais ela se destina. Diante dessa situação, projetos e programas de alfabetização, como o Programa Alfabetização Solidária, o Projeto Redução do Analfabetismo, entre outros, têm demonstrado interesse em ofertar a EJA nos outros turnos, visando atender aos alunos que só podem estudar no período diurno.

Para que se considere a EJA uma modalidade de ensino que se constitui como um direito de todos, faz-se necessário superar-se a concepção compensatória, que traz a idéia de que a *educação de jovens e adultos* é um meio de recuperação, ou resgate, do tempo de escolaridade perdido, acentuando que o aprendizado ideal deve acontecer na infância e na adolescência. É necessário ampliar a compreensão sobre o processo de aprendizagem do público jovem ou adulto, suas características e especificidades desse processo, garantindo a elaboração de atividades pedagógicas específicas, com a consciência de que a juventude e a idade adulta também são tempos de aprender.

Sendo a alfabetização concebida como um processo diretamente relacionado aos usos sociais da língua e observando-se o problema das diferenças dialetais, vê-se que, ao chegarem à escola, o jovem e o adulto já dominam determinados usos da língua oral, que podem estar distantes da escrita padrão. Além disso, essas pessoas geralmente apresentam níveis de letramento compatíveis com as suas experiências socioculturais.

Compreendemos que a língua oral e a escrita atendem a funções distintas de comunicação. Assim, procuramos valorizar as práticas lingüísticas de jovens e adultos das

classes populares, buscando perceber em tais práticas o sentido de alfabetização adotado na *pedagogia Freinet*: alfabetização - como prática social, cultural, emancipadora, auxiliar na construção da consciência política -, de modo que a manifestação da palavra aconteça considerando o direito próprio do ser humano.

Tomamos como referência central do nosso trabalho a *pedagogia Freinet*, por considerá-la uma opção política e uma definição filosófica que, através de sistemas educativos, buscam preparar os educandos para a construção de uma sociedade mais solidária e menos desigual.

Perpassa a *pedagogia Freinet* toda uma dimensão valorativa, a saber:

[...] a ajuda mútua e a cooperação, e não a competição e promoção individual; a partilha e não a propriedade e a promoção pessoal; o desenvolvimento pessoal e não o condicionamento; o respeito às diferenças e não a intolerância; a ajuda mútua e a cooperação; o espírito crítico e não o conformismo; a iniciativa, a autonomia e não a obediência passiva". (LANDROIT, 1987, p. 2)

A proposta freinetiana está a serviço de um projeto educacional voltado às classes populares, estimulado pela confiança na possibilidade humana em favor da vida. Para isso, a necessidade de referências adequadas e uma divulgação de estudos e pesquisas sobre a *educação de jovens e adultos*, de modo que proporcionem o desenvolvimento sócio-afetivo dos alfabetizando dessa modalidade de ensino.

O fato de existirem poucas propostas específicas para o trabalho pedagógico com jovens e adultos, de acordo com as nossas vivências, contribui para que muitas professoras tentem adequar a seus alunos da EJA metodologias e referenciais didático-pedagógicos que estão contemplados nos documentos referentes às primeiras séries do ensino fundamental voltados para o desenvolvimento das crianças, utilizando, inclusive, material didático com conteúdos infantilizados.

Gostaríamos, assim, de deixar registrada nossa experiência educacional, para que possa contribuir para o processo que se instaura no contexto da alfabetização especificamente voltada para jovens e adultos norteada pela *pedagogia Freinet*.

Nessa perspectiva de análise, registramos as impressões que tivemos durante a convivência com a alfabetização de jovens e adultos, que gerou em nós um incentivo especial. Realizamos um breve histórico da *educação de jovens e adultos* no Rio Grande do Norte, particularmente em Natal, destacando as concepções de aprendizagem de jovens e adultos adotadas em cada época.

Apresentamos os resultados das análises realizadas em duas turmas da alfabetização de jovens e adultos do Projeto Redução do Analfabetismo na cidade de Natal-RN, o qual funcionou no segundo semestre letivo de 2002, no bairro de Felipe Camarão, zona Oeste. Uma turma funcionava no turno vespertino, no prédio do Pólo da FUNDAC (Fundação de Assistência à Criança e ao Adolescente) e a outra no turno noturno na Escola Municipal Maria Cristina Ozório Tavares, no turno noturno.

Como referencial teórico para nosso trabalho, adequamos os princípios da *pedagogia Freinet* para a modalidade de alfabetização de jovens e adultos, buscando estimular a *livre expressão*, entendida aqui como ponto fundamental para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa, por dar voz ao aluno, permitindo-lhe expressar seus desejos e sonhos livremente. O educando se sente mais à vontade sendo estimulado a expressar-se oralmente, daí o papel fundamental da escola no crescimento psicossocial do aluno. Pode-se dizer, em linhas gerais, que esse processo educativo contribui para a formação do sujeito crítico e reflexivo, na sua realidade social. É, portanto, de fundamental importância psicopedagógica, de “dar a palavra” aos educandos, priorizando, na visão freinetiana, a educação para a cidadania e para a paz, a partir de um clima interativo e cooperativo entre alunos e alfabetizadores.

Diante do exposto, as atividades desenvolvidas por nós, como coordenadora setorial do Projeto Redução do Analfabetismo, concentraram-se, em grande parte, em dar apoio didático-pedagógico aos alfabetizadores, realizando encontros quinzenais de estudo, planejamento de atividades e visitas às salas de aula para conhecer as particularidades de cada turma, fazendo observações em cada uma delas e fornecendo elementos que contribuíssem para o desenvolvimento de estratégias didáticas que facilitassem o ensino-aprendizagem dos jovens e adultos em processo de alfabetização, uma vez que nosso papel era articular teoria e prática.

Essa articulação entre teoria e prática com alfabetizadores pode ser apreciada no relatório de atividades desenvolvidas nos meses de junho e julho de 2002 (RELATÓRIO JUNHO-JULHO, 2002, p. 1 - 2), o qual aponta que:

[...] o mais visível deste trabalho é a melhoria na qualidade do trabalho pedagógico do alfabetizador em sala de aula, as “pontes” que ele estabelece entre o teórico (alunos do Curso de Pedagogia) e o prático, a identificação dos usos pedagógicos dos seus conteúdos específicos (alunos dos diversos cursos de Licenciatura).

Realizamos, também, reflexões acerca das possibilidades de práticas alfabetizadoras e vivências socioculturais com alunos jovens e adultos.

Os questionamentos e as observações feitas nas salas de aula nos conduziram a buscar resposta em fontes teóricas. A princípio, buscamos apoio teórico-prático na obra de Paulo Freire, na qual encontramos contribuições relevantes para o nosso contexto educativo, como a importância do conhecimento da realidade do aluno, o respeito a sua expressividade, de modo de prepará-lo para o exercício da sua liberdade, numa perspectiva de compreensão do contexto, do limite e do direito, visando estabelecer seus próprios princípios.

Do ponto de vista conceitual, buscamos referências na obras de Célestin Freinet, educador francês que dedicou grande parte de sua vida à criação de: uma *escola para o povo*, contribuindo para a formação do cidadão livre, participativo e consciente; uma escola que se pretendesse democrática, que ensinasse a pensar, sentir e refletir, socializando o saber e educando para a solidariedade, na qual o espaço educativo se tornasse uma comunidade viva, atuante, capaz de celebrar a vida.

Nesse sentido, a *pedagogia Freinet* tem como ponto de partida a ânsia de viver e de saber do educando, associada a sua curiosidade. Sob a ação do educador e do grupo, o aluno pesquisa e aprende, avançando como membro de uma comunidade cooperativa, regida pela educação pelo trabalho. Segundo Freinet (1969, p. 27): “O trabalho será o grande princípio, o motor e a filosofia da pedagogia popular, a atividade de onde advirão todas as aquisições”.

No tocante à construção da leitura e da escrita, nos fundamentamos no princípio do *letramento*, especialmente em alguns estudos de Soares (2003, 2002, 2000, 1989 e 1985), que concebe o letramento como:

O estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas, que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participa competentemente de eventos de letramento (SOARES, 2002, p. 145).

Ao enveredar pelos caminhos traçados nesta dissertação, buscamos responder às indagações que nos orientaram na construção deste trabalho, assim como refletir em torno da experiência desenvolvida no Projeto Redução do Analfabetismo, através de uma proposta ousada e inovadora aplicável tanto na sala de aula quanto na escola.

Sendo assim, estruturamos nosso trabalho em quatro capítulos. No primeiro, apresentaremos os objetivos da pesquisa, a metodologia, descrevendo os sujeitos envolvidos no processo educativo.

No segundo capítulo, faremos um breve histórico da EJA no Brasil –suas concepções, propostas e práticas educativas desenvolvidas ao longo dos anos, destacando a concepção inovadora de Paulo Freire nos anos 60. Fazemos referência, em particular às ações educativas desenvolvidas em Natal – RN.

No terceiro capítulo, aprofundaremos o estudo ligado à *pedagogia Freinet* e à busca de uma escola do povo, bem como, o princípio da *livre expressão* e sua aplicação no Projeto Redução do Analfabetismo na cidade de Natal – RN.

No quarto capítulo, fazemos uma análise das observações feitas ao longo dos encontros pedagógicos que realizamos e da atuação das alfabetizadoras em sala de aula no cotidiano.

Faz-se necessário esclarecer que optamos por uma análise crítica levando em consideração estudos de Célestin Freinet no que se refere à organização do espaço escolar, e de Paulo Freire no que se refere à prática educativa. Quanto à alfabetização política, apontamos limites pedagógicos e materiais, além da reconstrução docente a partir da ação – reflexão – Ação.

Percebe-se, ao longo deste trabalho, que, silenciosamente, vem sendo apontada uma tendência ao desenvolvimento de pesquisas na tentativa de interpretar o cotidiano de uma sala de jovens e adultos buscando o entrelaçamento com outras áreas de conhecimento, como a sociologia, a psicologia e a filosofia, com vistas à plenitude do homem. Essa orientação conjunta pretende tornar o jovem ou adulto capaz de enfrentar os desafios e incertezas do cotidiano identificando, porém, seus limites, de modo que se torne capaz de reconhecer-se plenamente, humanamente, em busca da liberdade de expressão.

CAPÍTULO 1

PENSANDO E CONSTRUINDO UMA PRÁTICA ALFABETIZADORA

1.1 Objeto da pesquisa: objetivos e questões norteadoras

Partindo do pressuposto de que a formação do alfabetizador de jovens e adultos vem sendo oferecida para que ele possa ampliar a sua reflexão sobre a prática pedagógica nessa modalidade de ensino, de forma a entender as especificidades educacionais das pessoas que não tiveram acesso à escolaridade na idade própria – conforme prescrevem as legislações federal, estadual e municipal –, pretendemos investigar as estratégias de que o alfabetizador lança mão ao desenvolver o processo de ensino-aprendizagem com jovens e adultos no Projeto Redução do Analfabetismo.

Tomando como base a nossa experiência de assessoramento pedagógico a alfabetizadores de jovens e adultos, juntamente com as observações que fizemos acerca do contexto educacional, particularmente no Projeto Redução do Analfabetismo, constatamos que, no cotidiano dos alunos, afloram desafios, medos, alegrias, etc. Tudo isso provoca o alfabetizador e exige dele uma tomada de decisão, tendo o espaço escolar como o lugar de troca de saberes sistematizados que considera os saberes trazidos pelos educandos, obtidos por meio de suas vivências. Por outro lado, percebemos que alguns deles são tomados por um sentimento de paralisia que os impede de reagir; em muitos casos, fruto de uma experiência escolar frustrada.

Quanto aos alfabetizadores, também encontramos neles essas mesmas reações, pois, enquanto uns buscavam caminhos para facilitar a aprendizagem de seus alunos, outros

permaneciam inertes, acomodados, apenas adaptados, negando a sua própria contribuição à sistematização conceitual necessária à formação do alunado.

Capaz de instigar o espírito crítico humano a buscar novos horizontes, nossa reflexão, agora em nível de mestrado, continua incentivando a curiosidade necessária à busca da qualidade do ensino, geradora da plena cidadania. Nesse sentido, traçamos em nosso trabalho os seguintes objetivos:

✓ OBJETIVO GERAL

✓ Compreender como o princípio da *livre expressão* foi concretizado pelas alfabetizadoras nas duas salas investigadas do Projeto Redução do Analfabetismo.

✓ OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para auxiliar a investigação de como a *livre expressão* se concretiza na sala de alfabetização de jovens e adultos, traçamos os seguintes objetivos específicos:

✓ Identificar como as alfabetizadoras concretizaram, na sala de aula, o princípio da *livre expressão*; e

✓ Discutir as implicações das técnicas freinetianas da *livre expressão* na alfabetização de jovens e adultos.

✓ QUESTÕES NORTEADORAS

Com base nas dificuldades das alfabetizadoras, surgiram questões que orientaram este trabalho:

✓ *Como a livre expressão foi apropriada pelas alfabetizadoras?*

✓ *Como a livre expressão se concretizou na sala de jovens e adultos do Projeto*

Redução do Analfabetismo?

1.2 Conhecendo o Projeto Redução do Analfabetismo

Em sintonia com pressupostos teórico-metodológicos difundidos no limiar do século XXI, a Prefeitura Municipal de Natal, através da Secretaria Municipal de Educação, lançou, na capital do Rio Grande do Norte, o Projeto Redução do Analfabetismo, visando diminuir o analfabetismo. Essa preocupação teve como referência os dados da própria Secretaria Municipal de Educação, que apontavam, em 2001, que 13% da população natalense com idade igual ou superior a quinze anos, era analfabeta. Diante desse quadro, fazia-se necessário um projeto educacional que atendesse a esse contingente populacional, surgindo, assim, o Projeto Redução do Analfabetismo. O projeto-piloto objetivava atender a cinquenta turmas, 1.250 alunos, no segundo semestre letivo de 2001, mais precisamente a partir de agosto desse ano.

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN – foi convidada pela Secretaria Municipal de Educação para uma parceria nesse projeto, no sentido de apoiá-lo pedagogicamente, ficando responsável pela seleção dos alfabetizadores, sua capacitação (inicial e continuada), seguidas do acompanhamento pedagógico das atividades.

Nessa perspectiva, o Projeto Redução do Analfabetismo tornou-se um projeto vinculado à Pró-Reitoria de Extensão – PROEx. Apesar de estarmos atuando num projeto de extensão universitária, articulamos as atividades de ensino, pesquisa e extensão, de modo que muitos coordenadores setoriais e alfabetizadores têm registrado e divulgado suas experiências em eventos, congressos e publicações.

A coordenação geral do projeto é composta pelas seguintes professoras do Departamento de Educação: a Prof.^a Ms. Sandra Maria Borba Pereira e a Prof.^a Ms. Rosa Aparecida Pinheiro, e é assessorada pedagogicamente pelo Prof. Dr. Francisco de Assis Pereira.

A experiência do projeto-piloto foi sendo desenvolvida por alunos dos cursos de Pedagogia e Licenciaturas da UFRN, com o objetivo de estabelecer trocas de experiências visando à melhoria do aspecto pedagógico nas salas de alfabetização de jovens e adultos. Assim, esses alunos tinham a oportunidade de estabelecer e vivenciar a relação teoria-prática através do uso pedagógico dos conteúdos específicos das diferentes áreas do conhecimento contempladas nas diversas licenciaturas (Letras – Língua Portuguesa, Matemática, Biologia, Geografia, História, Ciências Sociais, entre outras). O projeto-piloto contava com quatro coordenadoras pedagógicas setoriais. Os dados e resultados obtidos na experiência de 2001 foram relevantes para ampliá-lo em 2002.

A dinâmica da sala de aula era construída de acordo com os objetivos dos projetos pedagógicos, considerando-se as particularidades, na tentativa de atender os interesses de cada grupo. Além desses aspectos, essas práticas iam oportunizando aos grupos vivenciarem metodologias dinâmicas e atraentes capazes de envolver os educandos por meio de processos interativos, favorecendo a expressão de cada um dos membros, oportunizando principalmente a aprendizagem conjunta.

Além disso, o projeto visava também à formação continuada dos alfabetizadores, além do trabalho na perspectiva do professor pesquisador, reflexivo, comprometido politicamente com a transformação da sociedade. Aqui destacamos a parceria com os líderes comunitários e religiosos, que contribuíram significativamente, para implementar o projeto, desde a abertura do espaço para a formação e o funcionamento das turmas ao longo do processo.

De acordo com o texto do Projeto Redução do Analfabetismo, seu objetivo consiste em identificar, na população a partir dos quinze anos de idade, os bolsões de analfabetos residentes na zona urbana de Natal, além de desenvolver uma ação alfabetizadora em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para minimizar essa situação.

Através do projeto-piloto, constatamos uma maior concentração de pessoas com pouco ou quase nenhum domínio da leitura e escrita nas zonas Norte e Oeste de Natal. A idade dos alunos se concentrava na fase adulta acima dos 40 anos, sendo eles na sua maioria oriundos de municípios do interior do Estado do Rio Grande do Norte. Nas salas de aula predominava o sexo feminino (80% em 2001 e 72% em 2002).

Com a intenção de contribuir para a alfabetização dessa parcela da população, o projeto busca atender os alunos que nunca passaram pela escola, ou que, apesar de terem uma

escolaridade mínima, ainda têm dificuldade de realizar socialmente o uso da escrita. Segundo a UNESCO, para um indivíduo ser considerado alfabetizado não basta saber decodificar; é necessário fazer uso social do código.

Orientamos as alfabetizadoras do Projeto Redução do Analfabetismo permutando experiências, na tentativa de enriquecer os procedimentos pedagógicos sob o enfoque teórico da *pedagogia Freinet*, a partir da concepção humanista, num clima de empenho e colaboração. Tal prática alfabetizadora possibilita a construção da cidadania, através de um maior envolvimento e participação, colaborando para a construção coletiva de resultados.

Ao adotarmos o posicionamento de uma prática extensionista, capaz de extrapolar os muros da universidade, interagindo com a sociedade, socializamos o conhecimento, possibilitando aos alfabetizadores do projeto a verticalização dos estudos a partir das experiências em sala de aula. Foram também realizadas experiências a partir de reflexões acerca da aquisição da escrita pelo adulto; da constituição da identidade individual, cultural e social, da utilização da tipologia textual mediando situações de aprendizagem; assim como da dinamização da sala de aula através da *pedagogia Freinet*. Essas foram algumas das temáticas estudadas no grupo, sendo os alfabetizadores sempre estimulados a refletir e socializar os resultados em eventos locais, nacionais e internacionais.

1.3 Contextualizando o campo da pesquisa, as alfabetizadoras, os alunos e a pesquisadora

Com o desenvolvimento desse estudo, pretendemos colaborar com os estudos da pedagogia freinetiana na educação de jovens e adultos, partindo do princípio que Freinet ao fundar as bases da sua pedagogia não determinou faixa etária, nem tão pouco, etapas educacionais que possibilitassem a sua vivência. Quanto a esse aspecto Freinet (1995, p. 17) afirma:

Não estimamos em absoluto que a escola deva parar sua ação na puberdade, que é, por assim dizer, o limiar da vida. Mas como fizemos questão de falar apenas dos temas que conhecemos particularmente, limitamos à puberdade nosso projeto educacional, deixando aos educadores do segundo e terceiros graus o cuidado de fornecerem um estudo similar relativo às idades que lhes concernem, para as quais os princípios gerais que enunciamos permanecem essencialmente válidos.

Diante desse contexto, a pesquisa realizada por nós foi desenvolvida em duas turmas (A e B) do Projeto Redução do Analfabetismo em Felipe Camarão, Zona Oeste da cidade de Natal – RN, durante o segundo semestre de 2002.

A turma A

Essa turma funcionava no Pólo da FUNDAC (Fundação Estadual da Criança e do Adolescente), situada na entrada do bairro Felipe Camarão, vizinho a uma estação ferroviária. A Fundação Estadual da Criança e do Adolescente atua, principalmente, junto a adolescentes

em conflito com a lei; aos quais foram aplicadas medidas sócio-educativas e a crianças e adolescentes em situação de risco social e pessoal, de abandono e orfandade. A filosofia da FUNDAC é a educação para o convívio social através da promoção e defesa dos direitos, fortalecimento de vínculos familiares, educação formal e profissional e resgate do exercício da cidadania.

Também funcionava no prédio da FUNDAC um Grupo de Idosos coordenado pela ATIVA, o qual trazia para o local cursos de trabalho manual, orientação médica (sobre hipertensão, diabetes e outras doenças crônicas que acometem as pessoas na terceira idade), coordenado pelo médico do Programa Saúde da Família. As atividades do grupo aconteciam semanalmente, com o objetivo de proporcionar entretenimento a pessoas idosas.

Na turma A, após discussões sobre Ética e Cidadania em sala de aula, certa vez, um grupo de alunas requisitou ao comandante da Polícia um espaço para funcionamento de um posto da Polícia Comunitária, melhorando a segurança daquela região. O grupo argumentou com o comandante da polícia e encaminhou-lhe um abaixo-assinado, de modo seu objetivo foi alcançado: uma base da Polícia Comunitária foi montada numa das salas do prédio onde aconteciam as aulas.

A turma A era constituída por 35 alunas, com idade entre 19 e 68 anos, todas donas de casa. Dentre elas, algumas desenvolviam trabalho voluntário nas suas igrejas, enquanto outras eram agentes multiplicadoras do Programa Saúde da Família, ministrando palestras sobre hipertensão, osteoporose, boas maneiras, esclarecendo sobre alimentação e sobre prevenção de doenças que acometem a terceira idade.

Pode parecer estranho que pessoas analfabetas pudessem ministrar palestras sobre os assuntos já citados, se elas não dispunham da ferramenta básica, que é a leitura e a escrita. Mas isso se tornava fácil, pois era feito por meio da expressão oral, utilizando-se um

vocabulário próximo da comunidade, o que facilitava a compreensão das informações repassadas aos moradores daquela região.

A turma A apresentava heterogeneidade cultural (as alunas provinham de vários municípios do Rio Grande do Norte) e religiosa (havia católicas, evangélicas, testemunhas de Jeová, umbandista e de outras religiões).

A alfabetizadora da turma A, SSA (28 anos), procurou diagnosticar as necessidades e sonhos do grupo, o que havia motivado aquelas pessoas a retornar à escola. Algumas informaram que desejavam aprender a assinar o nome, outras que desejavam arranjar um emprego ou ter mais autonomia e resolver as coisas sozinhas, sem precisar ocupar filho, marido ou um conhecido. Além disso, disseram que gostariam muito de retornar à escola e concluir o Ensino Fundamental, o Ensino Médio e, quem sabe, entrar na faculdade.

Vejamos alguns de seus depoimentos:

- Gostaria muito de aprender a ler a Bíblia sozinha [...]
- Meu sonho é[...] me sentir realizada, conseguir concluir os estudos [...] quem sabe ainda faculdade, né? Sonhar alto não faz mal não (risos).
- Eu sempre tive o desejo de voltar a estudar, de continuar os estudos.
- Estou estudando porque eu quero saber mais, pegar um ônibus sozinha [...] Por que tem muita gente que dá informação errada [...]
- Estou aqui porque lá em casa tem dois cegos, por isso quero aprender a ler.
- Enquanto caminhava na rua vi as letras que a professora me ensinou.

Além dos desejos de melhorar as condições de interagir com o mundo, alguns também revelaram que sentiam saudades da aula durante o final de semana, enquanto outros se sentem estimulados a participar das atividades em sala de aula, mesmo estando cansados após uma longa jornada de trabalho, como podemos verificar na fala desses alunos:

- [...] Quando chega o fim de semana sinto saudades da aula e não vejo a hora que comece logo a semana, para eu voltar a estudar e encontrar meus amigos [...]
- Estou gostando muito das aulas, por isso, mesmo quando estou cansada do trabalho, venho estudar [...]

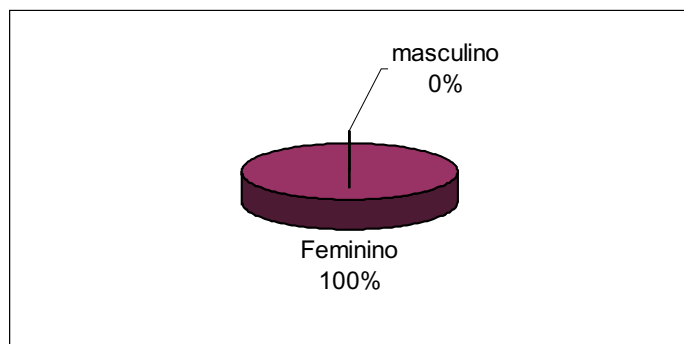
Após as alunas expressarem seus desejos, foram traçadas estratégias para se iniciar o processo de alfabetização. A alfabetizadora SSA procurou desenvolver o trabalho a partir dos assuntos que o grupo elegeu como sendo relevantes. Ela define esse momento da seguinte maneira:

- Diante desses depoimentos foram sendo plantadas as sementinhas contendo os sonhos das alunas que ao longo do processo educativo foi sendo cultivado, crescendo cheio de cuidados especiais. Especialmente, com relação a ervas daninhas que eventualmente surgiam. Como por exemplo, alguns questionamentos que surgiam por parte da direção do Pólo da FUNDAC, onde a professora foi questionada várias vezes porque ela enquanto professora não se restringia apenas a dar aula as alunas? Por que ela fica procurando coisas [...] diferentes? Esses questionamentos surgiram em decorrência da participação efetiva das alunas em assuntos da comunidade que, ao se reunirem, elegia uma comissão para participar da reunião, colocando seus pontos de vista, enfim, argumentavam e em alguns momentos tiveram suas reivindicações atendidas. Citemos como exemplo a base da polícia comunitária. Uma das alunas soube que o comandante da polícia ia estar presente no bairro de Felipe Camarão para uma reunião.

Os dados que apresentaremos abaixo, foram obtidos a partir da análise dos cadastros dos alunos, matriculados no Projeto Redução do Analfabetismo, durante o segundo semestre de 2002. O gráfico, a seguir, apresenta a distribuição dos alunos quanto ao sexo.

Turma A – Pólo da FUNDAC

Distribuição dos alunos quanto ao sexo



Fonte: Perfil social dos alunos do Projeto Redução do Analfabetismo

Como se pode verificar no gráfico, na turma A havia o domínio absoluto da presença feminina. Esse fato decorria dos seguintes fatores:

- 📖 o fato de a turma funcionar no turno vespertino;
- 📖 a conveniência do horário, que fazia com que os maridos não impedissem que suas esposas estudassem;
- 📖 algumas alunas aproveitavam o tempo em que os filhos ou netos iam para a escola para fazerem o mesmo.

A estrutura física do prédio onde eram realizadas as aulas era composta por quatro salas, sendo uma ocupada pela direção da FUNDAC, outra, pela base da Polícia Comunitária, outra era destinada à alfabetização de jovens e adultos, e a quarta era destinada às reuniões da ATIVA a que nos referimos anteriormente. Havia ainda uma cozinha e dois banheiros (um masculino e um feminino).

A turma de alfabetização de jovens e adultos funcionava no turno vespertino, numa sala pequena, pouco iluminada e muito barulhenta, por localizar-se ao lado da estação

ferroviária, o que exigia um esforço sobre-humano por parte da alfabetizadora, que conseguia manter uma frequência média diária de 22 a 25 alunos.

A alfabetizadora dessa turma SSA era aluna do curso de Letras – Licenciatura plena – 8º período, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A alfabetizadora participava do Projeto Redução do Analfabetismo desde o 2º semestre letivo de 2001(projeto-piloto). Com experiência no Ensino Fundamental e na modalidade de *educação de jovens e adultos*, ela assumiu depois a coordenação pedagógica de um cursinho pré-vestibular voltado para a população carente. Seu primeiro contato com a *pedagogia Freinet* foi com a Professora Cláudia Sueli Santa Rosa, em curso de capacitação promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Natal.

Para a alfabetizadora SSA, a alfabetização é um processo que ocorre durante toda a vida do indivíduo e, dentre outras aprendizagens, ela destacou a decodificação da palavra e o uso social da leitura e da escrita.

Na perspectiva do letramento, alfabetizar

[...] é um processo que se reflete na vida das alunas, especialmente, no que se refere ao planejamento de suas atividades no dia-a-dia, previsão de gastos domésticos através do orçamento familiar, como economizar através da organização de listas e levantamento de preços, negociar na hora de comprar uma quantidade maior de produtos.

Quando perguntamos à alfabetizadora sobre a sua compreensão de alfabetização na *pedagogia Freinet*, ela afirmou que alfabetizar é:

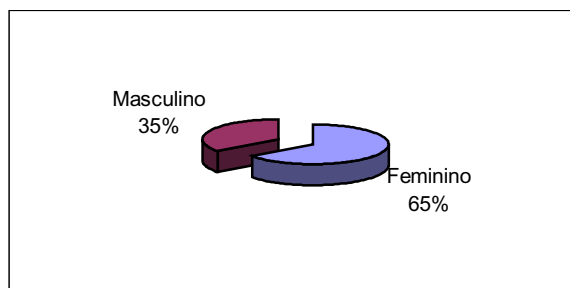
[...] trabalhar a criatividade do aluno e onde se instiga o educador a pesquisar, a estudar. A proposta freinetiana nos dá a dimensão de diagnóstico, que permite primeiro você conhecer os relatos de vida [...] e aí traçamos as metas [...]

A alfabetizadora ainda falou espontaneamente que muitas pessoas, inclusive professores, têm a idéia de que a escola é para ensinar a fazer contas (as quatro operações), e que, quando se faz um trabalho que traz a matemática para a vida prática, ficam achando um pouco estranho. Mas, ao se trabalhar com os alunos o planejamento dos gastos familiares, por exemplo, percebe-se uma mudança significativa na vida dessas pessoas e na de seus familiares, pois elas passam a reorganizar a sua vida, seus gastos, suas necessidades, tomando como referência um planejamento prévio.

A turma B

A turma **B** funcionou numa escola da Rede Municipal de Ensino, que durante o dia oferecia o Ensino Fundamental. Além da turma B, funcionava nessa escola outra turma do Projeto Redução do Analfabetismo que não foi objeto de nosso estudo. A escola dispunha de uma estrutura física adequada: salas amplas, com carteiras, quadro verde, bem iluminada, arejada, banheiros (masculino e feminino), uma biblioteca, uma sala de professores e a sala da direção.

Esse espaço proporcionou um bom desenvolvimento das atividades com os alunos, cuja idade variava entre 20 e 74 anos. Nessa turma, a frequência média diária era de 27 a 29 alunos. Como se pode observar, no gráfico a seguir, na turma B notava-se a presença predominante de mulheres, representando 65% dos alunos.

Turma B – Escola Municipal Maria Cristina Ozório Tavares**Distribuição dos alunos quanto ao sexo**

Fonte: Perfil social dos alunos do Projeto Redução do Analfabetismo

Reunindo-se as duas turmas do Projeto Redução do Analfabetismo, verifica-se a presença maciça de mulheres, o que se deve, em parte, ao fato de, historicamente, a mulher ter sofrido discriminações, inclusive não podendo trabalhar nem estudar.

As atividades econômicas desenvolvidas pelos alunos dessa turma eram as mais diversificadas: açougueiro, camelô, pedreiro, quituteira, empregada doméstica, entre outras.

No que se refere às alfabetizadoras pesquisadas, evidenciaremos alguns elementos que consideramos relevantes para o desenvolvimento das atividades pedagógicas, destacando o interesse em participar de discussões e reflexões teóricas e em sistematizar essas informações, o que é importante na medida em que possibilita recuperar dados significativos sobre elas mesmas e suas respectivas salas de aula.

A alfabetizadora da turma B, ECBS tinha 28 anos de idade, cursava o 4º período do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Trabalhava no Projeto Redução do Analfabetismo desde o projeto-piloto (2º semestre letivo de 2001). Tinha experiência no trabalho com o Ensino Fundamental, além de ser evangelizadora na comunidade. Os primeiros contatos sistematizados de ECBS com a *pedagogia Freinet* ocorreram nas aulas do curso de graduação.

Para ECBS, alfabetizar era “sistematizar conhecimentos já adquiridos, pois ‘a leitura do mundo precede a leitura das palavras’, proporcionando aos indivíduos a ampliação das

suas relações sociais e o aumento da sua ‘auto-estima’”. Essa alfabetizadora compreendia que, na perspectiva do letramento, “alfabetizar é possibilitar ao aluno a oportunidade de fazer o uso social da leitura e da escrita”.

Quanto à nossa percepção de alfabetização, inicialmente compreendíamos que alfabetizar era ensinar a ler, escrever e compreender o mundo, de modo que esse conhecimento fosse aplicado nas diversas situações do cotidiano. Ao longo dos estudos nesta pesquisa, nossa compreensão foi sendo ampliada, e hoje, entendemos a alfabetização como uma prática social capaz de possibilitar meios de compreensão de nós mesmos, dos grupos com os quais interagimos e do mundo. Nessa abordagem, a alfabetização propicia condições histórico-sociais concretas, na luta pela construção da cidadania, constituindo-se, por parte dos educandos, na descoberta e no exercício dos direitos que têm como cidadãos que vivem numa sociedade letrada, ampliando o alcance dos seus atos de interlocução e comunicação.

Na perspectiva do *letramento*, alfabetizar jovens e adultos significa conduzir o aluno para além da simples decodificação do código escrito, de modo que ele possa se apropriar criticamente do conteúdo do texto problematizando-o, fazendo uso dele no seu dia-a-dia.

Nesse sentido, compreendemos, enfim, que alfabetizar, na *pedagogia Freinet*, é poder dar voz ao aluno, dar-lhe a oportunidade de desenvolver-se em vários campos do conhecimento. Não basta ensinar a ler e escrever; é necessário também possibilitar uma compreensão dos fatos sociais, contribuir para desenvolver o espírito cooperativo e a liberdade de expressão dos educandos jovens e adultos, permitir sua participação em constante experiência tateada, relacionada o máximo possível à vida.

Ressaltamos que essas reflexões sobre alfabetização, na perspectiva do *letramento* e da *pedagogia Freinet*, fazem parte do nosso processo de *tateamento experimental*, de crescimento individual, construídos ao longo de estudos teóricos, reflexões, observações,

trocas de experiências com alfabetizadores nos encontros formativos e na convivência na sala de aula. Sobre esse ponto Elias (1997, p. 48) destaca:

Todos somos pesquisadores; pesquisar é um processo instutivo através do qual o homem busca o próprio crescimento: tateia porque quer caminhar em direção a um objetivo que serve à vida.

Compartilhamos com Soares (1989) a idéia de que os usos e significados sociais da língua são tarefas não só técnicas, mas também políticas, sociais e educacionais. Além de desenvolver habilidades de codificação e decodificação do sistema de escrita, de compreensão do uso da escrita, o alfabetizador deve promover o uso adequado às funções que ela tem na sociedade como instrumento indispensável na conquista da cidadania plena.

Nesse sentido político e social mais abrangente, a *pedagogia Freinet* propõe uma alfabetização que atenda às múltiplas dimensões do processo a partir de uma visão mais abrangente, de desenvolvimento da linguagem de forma contextualizada social e culturalmente, num projeto político de transformação social capaz de considerar relevante a dimensão específica de aquisição do código lingüístico.

Dessa maneira, os educandos resolvem os problemas do cotidiano integrados no processo de vida, pelos seus próprios recursos ou com a ajuda de companheiros que contribuam para uma visão mais ampliada das realidades sociais.

Aproximando-se do pensamento de Freinet, quanto à dimensão política e emancipatória da alfabetização, FREIRE (1992) explicita:

O conceito de alfabetização deve ser tomado como transcendendo seu conteúdo etimológico. A alfabetização não deve ser reduzida a experiências apenas um pouco criativas, que tratam dos fundamentos das letras e das

palavras como uma esfera puramente mecânica. A alfabetização deve ser entendida como a relação entre os educandos e o mundo, que ocorre exatamente no meio social mais geral em que os educandos transitam, e mediada, também, pelo discurso oral que diz respeito a essa prática transformadora. Esse modo de compreender a alfabetização leva à idéia de uma alfabetização abrangente, que é necessariamente política.

Na compreensão freireana, a leitura da palavra é precedida de releitura e reescrita da sociedade: o educando estabelece relações com o mundo no contexto social em que está inserido. Na *pedagogia Freinet*, a relação educando e meio social é igualmente afirmada, embora não se negue a especificidade do processo de alfabetização, o ensinar o código da língua escrita. Igualmente consideramos, com a *pedagogia Freinet*, que a alfabetização é um processo de tateamento experimental e mediado, no qual o educando utiliza toda a sua competência discursiva. Com essa compreensão, a alfabetização contempla fatores diversos: afetivos, lingüísticos, psíquicos, pedagógicos, sociais, políticos e atitudinais.

Compreendemos o processo de alfabetização na *pedagogia Freinet* como parte dos mecanismos de transformações sociais associados aos contextos cultural e social do educando, partindo da sua própria compreensão de mundo.

Nessa prática cooperativa, democrática, a *educação de jovens e adultos* adquire um sentido humano, político, social e atitudinal para a vida dos educandos, numa participação ativa e dinâmica, concorrendo para uma aprendizagem significativa, relacionada à afetividade e à vivência do aluno.

1.4 - Aspectos metodológicos

Passamos agora a descrever a metodologia utilizada para a construção da nossa pesquisa, cuja fase inicial constou do diagnóstico, no qual identificamos a utilização, por algumas alfabetizadoras, de técnicas freinetianas em sala de aula. No primeiro encontro foi explorada a realidade das alfabetizadoras e aplicado um questionário acerca de seus conceitos sobre educação, sobre a alfabetização, jovens e adultos, sobre o que conheciam da *pedagogia Freinet* e sobre as técnicas utilizadas na sala de aula de alfabetização de jovens e adultos.

A partir dessas constatações, percebemos a necessidade de aprofundamento teórico em torno da *educação de jovens e adultos*, como caminho à elucidação de questões sobretudo referentes aos aspectos motivacionais, metodológicos e de aprendizagem.

Preocupada em colaborar nesse campo de estudo, a coordenação geral do Projeto Redução do Analfabetismo propôs um tríptico referencial teórico-prático a ser levado a efeito na dinâmica das salas de aula, a saber:

- 📖 uma visão da alfabetização voltada para os usos sociais da leitura e da escrita;
- 📖 a concepção dialógica de Paulo Freire, baseada na própria cultura do aluno e na valorização deste como sujeito ativo do processo de aprendizagem ;
- 📖 a proposta pedagógica de Célestin Freinet no aspectos filosófico e de dinamização da sala de aula, enfatizando os princípios da *livre expressão* da alfabetizadora, e do aluno, da colaboração, da atividade e do respeito ao ritmo de cada um, voltada para o sucesso escolar.

Algumas experiências com a Pedagogia Freinet já haviam sido levadas a efeito pela supracitada coordenação no Programa Alfabetização Solidária, em especial na aplicação de algumas técnicas freinetianas (correspondência interescolar, texto coletivo, aula-passeio) que revelaram uma aceitação muito positiva por parte de alunos e professoras (Relatório 2001.2).

Em seu funcionamento, no segundo semestre de 2001 (projeto-piloto), com cinquenta turmas, o Projeto Redução do Analfabetismo registrou, em pelo menos dez turmas, a aplicação de princípios e práticas freinetianas, feita livremente pelas alfabetizadoras, estimuladas por um curso de capacitação realizada em julho de 2001.

Ao refletirmos sobre o processo metodológico a ser desenvolvido nesta dissertação, destacou-se a importância da concepção de pesquisa. Concebemos a pesquisa como sendo uma ação dinâmica e construída por uma relação dialética estabelecida através da objetividade e da subjetividade. Nesse sentido, caracterizamos nosso estudo como sendo, sob o aspecto teórico-metodológico, filiado aos princípios da investigação qualitativa nas Ciências Humanas e Sociais, especialmente os estudos de André (1995, 1996), Bogdan e Biklen (1994), Coulon (1995), pois procuramos compreender o objeto de estudo a partir dos dados construídos.

A razão de optarmos pela abordagem qualitativa de pesquisa foi a necessidade de observarmos o ambiente natural onde a prática de alfabetização se processa, tendo como referência a sala de aula e sua dinâmica, descrevendo as situações do cotidiano e as estratégias utilizadas pelas alfabetizadoras e pelos alunos, a fim de discutir dificuldades, buscando soluções eficientes para a alfabetização de jovens e adultos. Consideramos que a pesquisa deve se constituir sob o enfoque de uma construção social, no qual os atores sociais são sujeitos ativos do processo histórico, político e cultural.

A pesquisa qualitativa se baseia no relato de um fato de modo que a linguagem desempenha papel fundamental, remetendo-nos ao campo das práticas cotidianas, no qual se

desenvolvem a interação e o diálogo com o campo epistêmico, para compreendermos melhor como se dá a sistematização, para o desenvolvimento da mente humana.

O enfoque qualitativo possibilita que o investigador frequente os locais de estudo, tendo como principal objetivo entender o contexto. Bogdan (1994) compreende como contexto observado, a própria sala de aula, privilegiando a compreensão do outro, das experiências concretas, associada à organização e tratamento dos dados. Ao se referirem ao objetivo das investigações qualitativas, Bogdan e Biklen (1994, p. 70) tecem o seguinte comentário: “o objetivo dos investigadores qualitativos é o de melhor compreender o comportamento e as experiências humanas. Tentam compreender o processo mediante o qual as pessoas constróem significados [...]”.

Sendo assim, pudemos acompanhar a participação e o desempenho das alfabetizadoras e dos alunos nas diversas situações didáticas propostas na escola, levando-as ao grupo, na tentativa de compreender o fenômeno, ressignificando a sua compreensão. Além desses aspectos, o pesquisador, ao atuar no campo empírico, faz a descrição dos fenômenos observados e tece os encaminhamentos indutivos e interpretativos nas análises dos dados. Nesse caso, os sujeitos da pesquisa assumem mais que o papel de objetos, intervindo, muitas vezes, nos planos e interpretações dos silêncios, visitando a teoria, modificando sua prática. O principal objetivo é construir um quadro teórico-metodológico que vá se constituindo a partir da coleta e da análise dos dados. Para Bogdan e Biklen (1994, p.62) “o objetivo dos investigadores qualitativos é de expandir, e não de limitar a compreensão”.

Articulando os dados obtidos nas observações das atividades em sala de aula, realizamos entrevistas, que foram fundamentais na construção deste trabalho acadêmico. Os assuntos abordados nas entrevistas foram definidos com base nas observações feitas em sala de aula e nas reuniões de estudos. Ao realizar as entrevistas deixávamos as entrevistadas bem

à vontade: lançávamos a pergunta e, à medida que as respostas surgiam, outras indagações iam sendo feitas.

As respostas das alfabetizadoras aos questionamentos de nossa investigação pressupõem a necessidade de uma ação dinâmica, na busca de compreendermos como o princípio da *livre expressão*, da *pedagogia Freinet*, contribui para a *alfabetização de jovens e adultos*, estabelecendo nessa análise, as conexões necessárias à construção do conhecimento, especialmente, no que se refere à aquisição da leitura e da escrita por esses alunos.

Os aspectos teórico-metodológicos utilizados neste trabalho de pesquisa nos remetem à análise do fenômeno educativo nas salas de alfabetização, considerando os aspectos histórico, cultural, social e econômico da ação alfabetizadora da *pedagogia Freinet*.

Metodologicamente, para este trabalho, utilizamos a *livre expressão*, a práxis da alfabetização de jovens e adultos. Percebemos graus de aproximação entre os princípios da *pedagogia Freinet* e a pesquisa qualitativa, uma vez que ambas valorizam as formas comunicativas que acontecem espontaneamente no dia-a-dia, o cotidiano escolar e a contextualização. A partir dos dados coletados e à luz da pesquisa qualitativa, buscamos compreender como as alfabetizadoras percebiam a experiência com a *livre expressão*.

A experiência realizada nas salas de alfabetização de jovens e adultos nos permite afirmar que o processo de alfabetização de jovens e adultos necessita de mudanças, especialmente no espaço reservado à ação efetiva do docente dentro da sala de aula, visto ser esse um espaço privilegiado, onde são desenvolvidas ações diretas que proporcionam a construção do saber. As alfabetizadoras empregam dinâmicas de trabalho que envolvem o aluno, tornando-o ser participante do processo de ensino-aprendizagem. Optamos pelo desenvolvimento de um trabalho ligado à ação das alfabetizadoras em sala de aula e às situações de interação aluno-aluno, alfabetizadora-aluno e destes entre si.

Partindo desse pressuposto, buscamos uma interação maior com as duas alfabetizadoras da alfabetização de jovens e adultos participantes dessa experiência a partir de princípios e práticas freinetianas, em especial a *livre expressão* aplicada no processo de alfabetização de jovens e adultos.

Com a participação dessas alfabetizadoras, montamos um programa de atividades que incluía:

- a) capacitação continuada, debates, aprofundamento na pedagogia freinetiana;
- b) discussões em torno de observações, a partir das visitas às salas de aula das alfabetizadoras, num espírito de cooperação.

Esse programa serviu de ponto de partida para a nossa investigação no campo de pesquisa. As alfabetizadoras selecionadas para auxiliar na construção dos dados da pesquisa atendiam aos seguintes critérios:

- ✓ atuar desde o projeto-piloto (2º semestre de 2001);
- ✓ participar dos encontros quinzenais;
- ✓ desenvolver práticas freinetianas em suas salas de aula;
- ✓ demonstrar interesse em participar da pesquisa na condição de sujeito investigado.

Inicialmente, analisamos os relatos das alfabetizadoras nas reuniões quinzenais, as entrevistas realizadas com elas, gravadas em fitas cassete e devidamente transcritas, junto a produções textuais dos alunos. Os dados obtidos através de um questionário para a

caracterização da turma, relatos orais (das alfabetizadoras e dos alunos) foram gravados em fita cassete, registrando-se a produção dos alunos através de textos e fotografias.

Optamos pela entrevista semi-estruturada porque ela possibilita uma maior liberdade de expressão, ou seja, deixa o sujeito mais à vontade para expressar seu ponto de vista – no caso das alfabetizadoras, permitindo uma melhor compreensão de como elas percebiam sua prática.

A entrevista com as alfabetizadoras constou de um roteiro com questões abertas, tendo como referência o elemento central de nossa pesquisa. Foi realizada em duas sessões individuais, com duração média de vinte minutos cada uma delas. Esse procedimento metodológico da entrevista semi-diretiva implica saber ouvir e compreender o outro, e a linguagem desempenha papel fundamental para a interpretação do objeto de estudo, uma vez que ele redimensiona o modo de organização do pensamento acerca daquele conhecimento.

Com os alunos foram colhidas algumas falas a partir das vivências, a fim de compreendermos como eles percebiam o trabalho que estava sendo desenvolvido na sala de aula. Foram gravados (com a permissão deles) em fita cassete depoimentos de vinte alunos, sendo dez de cada turma investigada. No início, os sensibilizamos a respeito de nossa pesquisa, conseguindo motivá-los, o que possibilitou que eles colaborassem com suas opiniões.

Quanto aos instrumentos de análise, estes se constituíram a partir dos dados obtidos nas duas turmas, nosso campo empírico, através de observações sistematizadas no nosso diário de campo, nas reuniões de formação continuada e nas entrevistas com as alfabetizadoras dessas turmas.

Coulon (1995), juntamente com os estudos de Bogdan e Biklen (1994), nos serviu de referencial para a sistematização, a organização dos dados coletados nas entrevistas com as alfabetizadoras, incluindo os depoimentos dos alunos envolvidos em nossa pesquisa.

Também foram registrados em fitas cassete e em vídeo alguns dos encontros com as alfabetizadoras no grupo de estudos da *pedagogia Freinet*, cujos fundamentos, em especial, a *livre expressão*, nos permitiram narrar e interpretar as situações propostas em sala de aula bem como as reações dos alunos.

O trabalho que realizamos exigiu intensa interação entre pesquisadores e pesquisados. Sobre isso, afirma André (1995, p. 27): “pesquisador e objeto pesquisado estão em constante interação chegando, às vezes, a ser considerado um membro do grupo”, o que possibilita o acompanhamento sistemático do grupo, assim como de pesquisadores.

Para a realização da coleta de dados, fizemos “uso das técnicas que tradicionalmente são associadas à etnografia, ou seja, pesquisa participante, a entrevista semi-estruturada e a análise dos documentos” (ANDRÉ, 1995, p. 28). Optamos por fazer um recorte convergindo para a percepção do modo como as alfabetizadoras desenvolviam seus trabalhos baseadas no princípio da *livre expressão*. Esse princípio atendeu ao caso específico dos nossos estudos, uma vez que nos preocupamos com o processo educativo, acompanhando regularmente duas turmas de alfabetização de jovens e adultos.

CAPÍTULO 2

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

2.1 Alguns aspectos históricos

É essencial que os enfoques da educação de adultos estejam baseados no patrimônio, na cultura, nos valores e nas experiências anteriores das pessoas, e que as distintas maneiras de por em prática estes enfoques facilitem e estimulem a ativa participação e expressão do educando.

(Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos. Item 5, 1997)

Neste capítulo, apresentaremos um breve histórico do processo de alfabetização de jovens e adultos no Brasil, destacando a importância, no cenário nacional, de Natal, onde o analfabetismo está associado às classes populares das periferias dos grandes centros urbanos.

Inicialmente, devemos lembrar alguns dados importantes, como, por exemplo, que, no Período Colonial, havia no Brasil, um grande contingente de negociantes ricos que não liam nem escreviam. O esforço dos educadores (padres jesuítas) era voltado para catequizar os indígenas. No Império admitia-se o voto do analfabeto, desde que ele possuísse bens e títulos.

Outros fatos nos ajudam a compor esse quadro, que ainda está presente em pleno século XXI – a baixa remuneração dos professores, falta de pessoal qualificado para atuar na educação de jovens e adultos – o que contribui para o afastamento “natural” dos alunos. Faz-se, então, necessária uma atenção maior para a possibilidade de continuidade dos estudos dos

alunos egressos dos projetos de alfabetização, para que se reduzam os números de analfabetos funcionais.

Como se pode observar, esses fatores ainda persistem e contribuem para que uma parcela considerável da população brasileira venha sendo excluída do direito de exercer sua cidadania plena, em virtude de não ter acesso ao Ensino Fundamental, bem como à possibilidade de permanecer na escola com sucesso. Essas pessoas vivenciaram experiências frustrantes as quais concorrem para o abandono dos bancos escolares, resultando em renegarem o direito à aquisição e domínio do sistema de escrita e das práticas sociais que envolvem o ato de ler e escrever.

Segundo Ana Maria Freire (1989), o analfabetismo no Brasil é seletivo e foi iniciado desde o Período Colonial, excluindo da escola o negro, o índio, o pobre e a quase totalidade das mulheres, gerando um enorme contingente de analfabetos.

A tabela 1 nos apresenta, sucintamente, no período de 1920 a 2000, a diminuição do índice de pessoas com quinze anos ou mais que são analfabetas, em nosso país:

Tabela 1
Analfabetismo no Brasil entre pessoas de 15 anos ou mais: tendência 1920/2000

Ano/Censo	Total	Analfabetos	%
1920	17.557.282	11.401.000	64,90
1940	23.709.769	13.269.381	56,00
1950	30.249.423	15.272.632	50,50
1960	40.278.602	15.964.852	39,60
1970	54.008.604	18.146.977	33,60
1980	73.541.943	18.716.847	25,50
1991	95.837.043	19.233.758	20,07
1996	106.169.000	15.560.000	14,7
2000	119.533.048	16.294.889	13,63

Fontes: IBGE. Censos Demográficos; Contagem da População 1996.
INEP. Mapa do analfabetismo no Brasil, 2003.

Como podemos observar na tabela há uma tendência ao declínio das taxas de analfabetismo ao longo do último século. Mas, esta redução no número absoluto de analfabetos jovens e adultos não é resultante de políticas públicas educacionais abrangentes, contínuas e adequadas para que se reduzam os altos índices de analfabetos, e, sim, da tentativa de universalização do ensino fundamental para crianças e adolescentes.

Em nosso país, a preocupação com a educação básica para adultos tomou impulso na década de 30, em virtude da tentativa de se consolidar um sistema público de educação e, também, do fato de o Brasil estar então passando por um período de industrialização e de deslocamento da população para os grandes centros, o que exigia do trabalhador um perfil especializado, ou seja, mais “preparado” para poder operar com as máquinas.

A partir da criação do Serviço de Educação de Adultos, foram necessárias outras providências para que se pudesse concretizar essa campanha educativa junto à população analfabeta. Instituiu-se o Fundo Nacional de Ensino Primário, através da promulgação do Decreto nº 4.958, de 14/11/1942, com o objetivo de ampliar e melhorar o sistema primário de ensino. No dia 30/08/1945, o Presidente Getúlio Vargas assinou um novo decreto, o de nº 19.513, que regulamentou uma verba federal para o ensino primário, destinando 25% para serem investidos na educação de adultos.

Associando-se a essas ações, houve uma tomada de consciência por parte de órgãos e empresas, que passaram a propagar a importância da alfabetização. A Consolidação das Leis de Trabalho também reforçava o pensamento vigente, pois exigia que o menor de idade, ao tirar a sua carteira de trabalho, comprovasse que tinha conhecimentos sobre leitura, escrita e contagem. Caso não atendesse a esse critério, seria estabelecido um prazo para apresentação de comprovante de matrícula e frequência na escola primária, oportunizando o aprimoramento intelectual dos trabalhadores.

Visando a uma boa aplicação dos recursos financeiros destinados à educação de adultos, Lourenço Filho idealizou e realizou a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, que tinha o seguinte lema: “ainda por amor às crianças é que devemos educar adolescentes e adultos”. Os que faziam essa campanha entendiam que, elevando-se o nível intelectual dos adultos, haveria, conseqüentemente, um reflexo positivo na educação e na vida das crianças, pois, freqüentando a escola, os pais incentivariam os filhos a realizarem os estudos na idade adequada.

Destacamos que foi, justamente, nesse período que foi assinada a Lei Orgânica do Ensino Primário: através do Decreto-lei nº. 8.529/46 instituí-se o curso supletivo primário para maiores de idade, desde que necessitassem desse ensino.

De acordo com Di Rocco (1979, p. 46):

A primeira campanha de âmbito nacional para erradicação do analfabetismo surgiu em 1947, através da portaria do Ministério da Educação n 57 de 30/01/1947, a qual criava no Departamento Nacional de Educação, o Serviço de Educação de Adultos.

O desenvolvimento dessa campanha de educação de adultos, iniciada em 1947, era instável, como nos aponta Di Rocco (1979, p. 47):

[...] a cada ano havia a necessidade da portaria para prorrogar o ano de vigência do Serviço de Educação de Adultos. Esse fato criava, a nosso ver, uma situação de instabilidade e insegurança. Em se tratando de educação, e particularmente de educação de adultos, somente planos em longo prazo, ou na pior das hipóteses, em médio prazo poderão levar a resultados positivos.

Essa instabilidade criou um clima de incertezas e angústias, especialmente devido à exigência de que esse trabalho fosse realizado em curto prazo, pensamento que ainda está presente na atualidade. Em meados de 1947, a Lei nº. 59 autorizou a parceria entre a União e as unidades federativas para o desenvolvimento de campanhas educativas, que seriam fiscalizadas pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. Nesse caso, os estados tinham liberdade para desenvolver seus projetos e campanhas de educação de adultos.

Tendo em vista atingir todos os pontos do país, foi criada, em 1952, a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), cujo objetivo era levar a educação de base ao meio rural. Embora houvesse um desejo implícito da educação de base para todos na campanha de Educação de Adultos e Adolescentes, a partir das influências da UNESCO, cujo conceito de educação de base estava ligado a dar condições mínimas para que o indivíduo pudesse se desenvolver e atuar no seu meio - para participar ativamente do processo econômico e social de sua comunidade - e se utilizar de preceitos básicos da leitura, escrita e matemática, as condições de ensino não eram compatíveis com o almejado; apenas se ensinava o aluno a decodificar, sem se estabelecerem relações com o seu cotidiano.

Pretendia-se, portanto, uma educação significativa e que estivesse a serviço do bem-estar social, bem como que contribuísse para o progresso e desenvolvimento do país, mas nem tudo saiu como fora planejado. No final da década de 50, muitas críticas foram feitas à Campanha Nacional de Alfabetização, com destaque para a superficialidade do ensino, a inadequação dos métodos de ensino à alfabetização de adultos e o fato de utilizar-se um único método em todo o território nacional, desrespeitando-se as diferenças regionais.

2.2 Contribuições de Paulo Freire como marco nas concepções de alfabetização

[...] Nomear o mundo torna-se um modelo para transformar o mundo. [...] Isso, por sua vez, depende do poder transformador da linguagem.

Paulo Freire

A partir do caos instaurado, emergem as novas concepções de educação, de homem, e um novo pensamento, inspirado nas idéias pedagógicas de Paulo Freire.

O pensamento freireano vem carregado de afetividade, através de uma convivência amorosa com seus alunos, estimulando-os a se assumirem como sujeitos sócio-históricos e produtores de uma cultura. Para o educador, a reflexão seria um exercício permanente de sua prática.

Paulo Freire preocupou-se com adultos nos *Círculos de Cultura* que buscavam escapar à escolarização tradicional. Percebendo a educação como práxis, Freire revela a consciência política do ato educativo, apostando numa educação para a transformação social, acreditando na importância da ação pedagógica para a libertação humana.

Freire dá a palavra às pessoas das classes populares, para que estas falem de si mesmas e dos problemas sociais, contribuindo para a autonomia dos educandos numa perspectiva de trabalho educativo vinculado à ação e a organização sócio-político do mundo adulto.

Ele elaborou uma proposta de alfabetização de adultos conscientizadora, que dispensava o uso da cartilha. Além disso, desenvolveu o método Paulo Freire de alfabetização constituído de procedimentos pedagógicos. Inicialmente, o alfabetizador deveria fazer uma

pesquisa a respeito da realidade dos alunos em sua comunidade; simultâneamente, iam sendo coletadas palavras do universo vocabular desse grupo. A partir desses dados, cabia ao alfabetizador selecionar as palavras de maior sentido (palavras geradoras) para a comunidade pesquisada e, em seguida, selecionava um conjunto que apresentasse diversos padrões silábicos, tanto os explorava nos aspectos gramaticais (da leitura e da escrita), quanto no desenvolvimento do pensamento crítico acerca da realidade.

Assim, em meados dos anos 1960, o pensamento de Paulo Freire passou a se concretizar nos principais programas de alfabetização de adultos em todo o território nacional. A respeito desse momento histórico, Ribeiro (2001, p. 22) relata: “Esses programas foram empreendidos por intelectuais, estudantes e católicos engajados numa ação política junto aos grupos populares.” Vale ressaltar que os grupos de educadores que se engajaram e se articularam em busca de novas diretrizes foram: os do MEB (Movimento de Educação de Base), ligado à CNBB, e os CPC (Centros de Cultura Popular), que reuniam artistas e intelectuais.

Na gestão do prefeito Djalma Maranhão, no ano de 1961, em Natal – RN, deu-se início à *Campanha de pé no chão também se aprende a ler*. Esta campanha teve grande repercussão, pois apresentava uma proposta ousada e inovadora, partindo dos pressupostos teórico-metodológicos da educação popular. Este trabalho conseguiu mobilizar a população em prol da redução do analfabetismo, em bairros carentes de Natal, como as Rocas, Santos Reis e as Quintas, chegando a provocar disputas a divulgação da redução do número de analfabetos naqueles bairros.

Um dos pilares dos *círculos de cultura* era o diálogo. No início do programa, eram apresentados aos alunos os objetivos do trabalho, a metodologia a ser utilizada, além de se

suscitar uma discussão acerca da importância de se ter o domínio do código escrito (ler e escrever).

Nos *círculos de cultura*, havia a presença de um animador cultural, que apresentava aos alunos algumas fotos ou *slides* com palavras geradoras e, a partir dessa situação motivadora, estabelecia-se um diálogo acerca de um dado tema, que tinha sido previamente pesquisado junto ao grupo. Nesse sentido, Jannuzzi (1979, p. 37) nos lembra que, no método dialógico, “[...] todos se dispunham a se comunicar sem que nenhum se sinta superior ao outro [...]”, ou seja, todos tinham voz e vez, assim como ocorria nas discussões, que partiam da realidade dos sujeitos, das suas vivências sociais, para se alcançar a conscientização em torno dos diversos problemas.

Essa metodologia utilizada para alfabetizar os adultos era bastante significativa e facilitava o processo de compreensão dos mecanismos da leitura e escrita. Isso pode ser exemplificado com o que nos descreve Barreto (1998, p. 86) sobre uma visita do ministro da Educação, Paulo de Tarso, a uma sala de aula.

Numa destas visitas, o ministro assistiu o momento em que, após a discussão da palavra geradora **tijolo**, o educador chamou a atenção para o estudo das famílias silábicas do **ti** do **jo** e do **lo**. Rapidamente, um dos alfabetizandos, demonstrando já ter aprendido a ler o mecanismo da leitura, juntou as sílabas e formou, numa linguagem bem popular ‘tu já le’.

Situações semelhantes a essa aconteceram e se repetem, até hoje, em nosso território brasileiro.

O ambiente escolar eram acampamentos cobertos de palha, onde se desenvolviam aulas não só para jovens e adultos, mas também para crianças, que representavam o maior percentual de matriculados.

O trabalho desenvolvido por este grupo pressionou o governo a aprovar, em 1964, o Plano Nacional de Alfabetização, que deveria implantar no Brasil propostas de alfabetização de adultos baseadas no pensamento freireano. Para Paulo Freire (2001, p. 27): “A educação, qualquer que seja o nível que se dê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento dessa necessidade radical dos seres humanos, e de sua expressividade.” Nesse sentido, a educação se apresenta como um instrumento de libertação e emancipação do homem.

Com a emergência do golpe militar de 1964, as experiências de educação popular foram reprimidas, pois eram consideradas perigosas para a manutenção da ordem nacional. Diante desse contexto, os programas ou propostas de educação de adultos de caráter popular, estrategicamente, resistiram na clandestinidade, pois só puderam permanecer os cursos de alfabetização conservadores, ou seja, aqueles que objetivavam ensinar os alunos a ler, escrever e contar, negando a formação integral do homem.

2.3 Do Mobral aos nossos dias

O legado deixado por Paulo Freire é muito rico e se mantém atual, muito embora seja pouco lido e compreendido pelos educadores, em muitos casos sendo reduzido a um simples

“método”, deixando-se de lado as concepções filosóficas que orientaram seu trabalho educativo com jovens e adultos.

Com o golpe militar, em 1964, Paulo Freire foi considerado subversivo, comunista e, conseqüentemente, foi exilado, tendo sido interrompido seu trabalho educacional, sob o argumento de que era uma ameaça à ordem e ao país. As orientações pedagógicas foram suspensas e os materiais didáticos foram apreendidos e queimados nesse período do governo militar. Após cerca de três anos sem nenhum programa do Governo voltado para a alfabetização de adultos, foi lançado o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização).

O MOBRAL foi criado no período do regime militar (no Governo Costa e Silva), pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, com a meta de alfabetizar jovens e adultos na faixa etária de 12 a 35 anos. Era voltado exclusivamente para ensinar a ler, escrever e contar, deixando de lado a formação humanística do indivíduo.

O programa propunha-se a extinguir o analfabetismo, ou, pelo menos, a sua redução para um nível residual inferior a 10%, índice considerado satisfatório pela UNESCO.

Os técnicos do MOBRAL afirmavam que se baseavam nas experiências significativas dos alunos, aproximando-o do método Paulo Freire, mas, na realidade, a proposta pedagógica fazia uso de *palavras geradoras* – que, para o educador pernambucano deveriam ser pesquisadas junto aos alunos e serviam de ponto de partida para o processo de alfabetização -, porém, estava esvaziada de todo o conteúdo crítico e problematizador presente na proposta freireana.

Eles apenas se apropriaram de uma série de procedimentos utilizados por Freire. No MOBRAL, a palavra geradora era imposta pelos técnicos responsáveis pela produção do material didático, o que contribuía para a descontextualização do material, especialmente em relação à região Nordeste.

Durante os anos 70, o MOBRAL expandiu-se por todo o país. Ao longo desse percurso, ele passou por transformações significativas: estados e municípios permitiram uma reorientação dos programas de alfabetização.

Paralelamente a essa proposta, houve algumas experiências isoladas, desenvolvidas por grupos ligados à educação popular, com propostas mais críticas.

O MOBRAL foi extinto em 1985, no governo Collor, e em seu lugar surgiu a Fundação Educar, que tinha como objetivo apenas apoiar técnica e financeiramente as iniciativas no campo da educação; a execução ficava sob a responsabilidade do Governo e de instituições a ele ligadas.

Em meados dos anos 80, começaram a ser discutidas e repensadas as experiências educacionais, com transformações referentes à ampliação das concepções de alfabetização, chegando-se a defender que as experiências educacionais com adultos deviam caracterizar-se como um processo que exige continuidade e sedimentação e que deviam ampliar-se as perspectivas de continuidade de estudo para essas pessoas, que não haviam tido oportunidade de realizar seus estudos na idade apropriada (dos 7 aos 14 anos).

A partir dessa constatação, percebemos a necessidade de aprofundamento em torno do informe apresentado à oficina regional da UNESCO para América Latina e Caribe, que aponta detalhes do conjunto de medidas tomadas pelo governo federal a partir de 1995, referentes à educação de jovens e adultos em nosso país:

A partir de 1995 o governo federal implementou um conjunto de medidas legislativas, normativas e de controle cuja amplitude e impacto permitem caracterizá-las como uma reforma educacional. As diretrizes dessa reforma podem ser assim sintetizadas:

- a) ampliação da cobertura e melhoria da qualidade do ensino sem elevação do gasto público, mediante uma gestão orçamentária orientada por cálculos de custo-benefício;
- b) focalização do gasto público no ensino fundamental de crianças e adolescentes de 7 aos 14 anos;

- c) desregulamentação do sistema de ensino e sua nova regulamentação, visando dotá-lo de maior flexibilidade;
 - d) desconcentração dos serviços e do financiamento da educação em direção aos governos subnacionais, concomitante à centralização de diretrizes curriculares e mecanismos de avaliação;
 - e) privatização de alguns segmentos do ensino não prioritários na política educacional (como o ensino superior), operacionalizada por meio da contenção da oferta e de investimentos na qualidade do serviço público, o que abriu novos mercados à iniciativa privada;
 - f) efetivação de programas governamentais em parceria com organizações não governamentais, fundações empresariais e movimentos sociais, atribuindo-se às instituições da sociedade civil mais funções de assessoramento técnico e provisão de serviços que espaços de participação nas definições e controle de políticas educativas.
- Apesar da demanda crescente de jovens e adultos por oportunidades educacionais em virtude das exigências de escolaridade para o acesso e a permanência no mercado de trabalho, o Governo Federal optou por priorizar a oferta de Ensino Fundamental às crianças e adolescentes. O expediente utilizado para focalizar os recursos públicos nesse grupo etário foi a restrição ao financiamento da educação para jovens e adultos por meio do Fundef (criado em 1996 e implementado nacionalmente a partir de 1998). Recorrendo a prerrogativa de veto do Presidente da República, o Governo anulou um inciso da Lei 9424/96 aprovada pelo Congresso regulamentando o Fundo, e que permitia computar as matrículas no Ensino Fundamental presencial de jovens e adultos nos cálculos do Fundef. O veto desestimulou Estados e Municípios a investirem na educação de jovens e adultos. (DI PIERRO e GRACIANO, 2003, p. 12-13)

Esse conjunto de medidas nos permite afirmar que essas mudanças devem ser efetivadas atendendo a esses critérios, elevando-se o nível educacional dos alunos. Além disso, o documento apresenta o veto a utilização dos recursos do FUNDEF para a EJA, mesmo tendo-se uma maior demanda de jovens e adultos que procuram vagas nessa modalidade de ensino, pois há uma contradição na legislação que desestimula estados e municípios a investirem na EJA, passando a optar pelo investimento no Ensino Fundamental, que vai de encontro a própria LDBN 9394/96 que assegura acesso.

Ao tratar da metodologia de trabalho baseada na alfabetização freireana, Barreto (1998, p. 123) (grifo da autora) destaca duas novidades: “o surgimento de ‘cadernos’ preparados para uso dos educandos e a introdução de pequenos textos onde antes aparecia apenas a ‘palavra geradora’. A proposta de se trabalhar com esses cadernos era justificada

pela crítica ao uso da cartilha, que trazia conteúdos desvinculados da realidade dos alunos, o que dificultava o processo de ensino e aprendizagem.

Assim como Célestin Freinet, Paulo Freire teve sua proposta de alfabetização conhecida como “alfabetização sem cartilha ou sem manual escolar”. Na tentativa de evitar o uso das cartilhas, muitos alfabetizadores exercitaram a criatividade elaborando “cadernos de cultura”, nos quais eram apresentados os temas geradores e as fichas de descoberta conforme a descrição de Barreto (1998). Esta autora também tece uma crítica a esse tipo de material, aos textos contidos nos cadernos, “pois os educandos tinham dificuldade para compreender tais textos e em consequência, o alfabetizador terminava elegendo uma palavra para o exercício de análise e síntese, tal como se fazia anteriormente (BARRETO, p. 125, 1998).”

Na década de 1980, o Brasil estava passando por um processo de reestruturação política, social e econômica, pois estava saindo da ditadura militar. Quem mais se identificou com a proposta freireana foram as lideranças comunitárias e os agentes das pastorais, que conheciam e conviviam com a realidade dura e cruel das classes populares. Eles tinham interesse em lutar por melhores condições de saúde, educação e moradia, para que esses sujeitos excluídos tivessem a oportunidade de ter uma vida melhor e mais digna.

Notadamente nesse período, houve um aumento significativo do número de participantes do sexo feminino nas turmas de alfabetização, em busca de aprender a ler e escrever, e ter uma participação mais ativa no lar e na comunidade, lutando pela criação de escolas, postos de saúde, entre outras reivindicações.

Nesse mesmo período, também recebemos, através de trocas de experiências, indicações de como extrapolar as barreiras impostas pelo método da silabação, influenciada pelos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985), que contribuíram para uma melhor compreensão do processo de aquisição da leitura e escrita, através de estudos referentes à psicogênese da língua escrita .

Na tentativa de compreender melhor o processo de alfabetização em adultos, Emília Ferreiro (1983) desenvolveu um estudo comparativo, no México, com adultos pouco escolarizados, ou sem experiência escolar. Os resultados desse estudo sinalizaram que os educandos produziam escritas semelhantes às das crianças, no que se refere às fases psicogenéticas. Nesse estudo, ela aponta que os adultos em processo de alfabetização distinguem a grafia dos números da grafia das letras mais facilmente que as crianças, possuem o cálculo mental bastante desenvolvido e uma compreensão das funções sociais da língua escrita bem mais avançada, em relação ao que ocorre com as crianças.

Ferreiro (1993) ressalta que os dados obtidos em sua pesquisa, merecem um maior aprofundamento, e que se devem analisar melhor as proposições que orientam a ação alfabetizadora, de modo que os alfabetizadores se apropriem da lógica desse processo tão complexo, devendo partir da compreensão do que é a escrita para o adulto e do que ele já construiu ao longo da vida.

Ao analisarmos as tentativas de alfabetização pós-Freire, observamos que, tanto o MOBRAL quanto a Fundação Educar, que o substituiu, e o Plano Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC), criado no governo Collor, ficaram muito aquém do pretendido, tendo em vista que objetivavam apenas a inserção do indivíduo no mercado de trabalho. Todas essas tentativas obtiveram pouco êxito e o número de analfabetos continuou bastante elevado.

O desejo de melhoria social aliado ao aumento do uso e do prestígio da leitura e da escrita durante a década de 80 acentuaram, também nas classes populares, a necessidade de ler e escrever.

Nos anos 1990, poucas iniciativas foram estruturadas e divulgadas. A tentativa de iniciar alguma proposta de alfabetização se deu em meados de 1997, com a participação do Brasil na V Conferência Internacional de Educação de Adultos (Hamburgo - Alemanha), na qual foram traçadas metas a serem cumpridas pelos países signatários. A partir de então

surgiram várias discussões acerca da *educação de jovens e adultos* e em junho de 2000 foi publicado, no Diário oficial da União, o Parecer do Conselho Nacional de Educação contendo a resolução que oficializava a EJA como sendo uma modalidade da educação básica.

O Parecer CNE/CEB 11/2000¹ diz:

A EJA, de acordo com a lei 9694/96, passa a ser uma modalidade de educação básica nas etapas do ensino fundamental e médio, usufrui de uma especificidade própria que, como tal deveria receber um tratamento conseqüente.

Várias instituições, conselhos e entidades questionaram o conteúdo desse parecer e buscaram maiores esclarecimentos junto ao Conselho Nacional de Educação. Em todo o país foram realizados estudos, seminários e conferências acerca da formação dos educadores dessa modalidade de ensino.

Tomando como referencial os estudos ligados à psicologia do desenvolvimento, compreende-se que o desenvolvimento intelectual do indivíduo acontece ao longo de todo o ciclo vital, portanto o indivíduo adulto pode continuar aprendendo, desde que lhe sejam fornecidas as condições favoráveis.

Essa questão foi amplamente discutida na V Conferência Internacional de Educação de Adultos, promovida pela UNESCO, no ano de 1997 (em Hamburgo – Alemanha). A partir das discussões levantadas foi sendo formulado um conceito amplo de formação de adultos que engloba vários conceitos formais e informais de aprendizagem. No Art. 3º da Declaração de Hamburgo (1997) consta:

¹ Despacho do Ministro em 7/6/2000, publicado no Diário Oficial da União de 9/6/2000, seção 1ª, p. 15. Ver Resolução CNE/CEB 1/2000, publicada no Diário Oficial da União de 19/7/2000, 1, p. 18.

Por educação de adultos entende-se o conjunto de processos de aprendizagem, formais ou não formais, graças aos quais as pessoas cujo entorno social considera adultos desenvolvem suas capacidades, enriquecem seus conhecimentos e melhoram as suas competências técnicas ou profissionais ou as reorientam a fim de atender suas próprias necessidades e as da sociedade. A educação de adultos compreende a educação formal e permanente, a educação não formal e toda a gama de oportunidades de educação informal e ocasional existente em uma sociedade educativa e multicultural na qual se reconhecem os enfoques teóricos baseados na prática.

Esse conceito vinha sendo construído desde a Conferência Mundial de Educação para Todos (Jontien – Tailândia, 1990) e o Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem, tomando como referência os dados de avaliação da década. De acordo com Haddad e Di Pierro (1999), “Um desses indicadores refere-se ao objetivo de ampliação dos serviços de educação básica e capacitação de pessoas jovens e adultas com competências essenciais à vida cotidiana, ao trabalho e à participação cidadã.”

A metodologia de avaliação proposta pela UNESCO implica envolver os programas de educação escolar nas diversas atividades socioculturais, nas de formação profissional, bem como nas de prevenção a doenças. Nesse sentido, seriam avaliados todos os processos de formação e qualificação formais e informais, ou seja, a sociedade, na sua complexidade. Esses aspectos ficam evidentes na fala de Haddad e Di Pierro (1999):

A metodologia de avaliação proposta pela UNESCO sugere que se analise a ampliação das oportunidades escolares, extra-escolares para jovens e adultos proporcionadas por múltiplos provedores governamentais e não governamentais, sua pertinência frente às necessidades de aprendizagem dos indivíduos e comunidades, considerando indicadores de equidade (territorial, gênero, étnica e geracional), qualidade (formação de educadores, conteúdos, materiais e métodos) e gestão (políticas públicas, financiamento, legislação e avaliação). Recomenda, ainda, que a eficácia dos programas seja avaliada

em função de mudanças de comportamento e de seus impactos na melhoria das condições de saúde, emprego e produtividade dos indivíduos e do grupo.

Por essa razão, a Declaração de Hamburgo (1997) nos alerta para a importância de se diminuir o analfabetismo no mundo, pois, de acordo com o documento, o acesso ao código escrito possibilita a compreensão e o desenvolvimento de outras habilidades estimuladoras no processo de aprendizagem e construção do saber partindo-se do que os alunos já sabem. Diz esse documento: “[...] a alfabetização, concebida como conhecimento básico, necessário a todos, num mundo em transformação, é um direito humano. Em toda sociedade, a alfabetização é uma habilidade primordial em si mesma e um dos pilares para o desenvolvimento de outras habilidades.”

Essa idéia, deve ser associada à de educação permanente, que se destaca como sendo uma necessidade social, inerente aos seres humanos. Estes, através de suas ações, confrontam o seu conhecimento com o novo e (re)elaboram seus conceitos, ampliando-os e passando a utilizá-los no dia-a-dia.

Não se pode esquecer a singularidade e a potencialidade dos sujeitos na educação de jovens e adultos. Cada indivíduo é único, e portanto, diferente. As diversas experiências de vida trazidas por eles vêm repletas de interesses particulares, que vão sendo desvelados ao longo do processo educativo, mediadas pelo educador. Nesse sentido, Célestin Freinet (1998, p. 9), em seu livro *Ensaio de psicologia sensível*, destaca o potencial latente do homem:

No início o homem traz em si um potencial de vida, assim como as variedades dos seres vivos hierarquizados na escala zoológica, assim como o grão de trigo e a mais ínfima semente, e este potencial de vida anima a criatura com um invencível ímpeto, lança para frente, rumo à poderosa realização do seu destino.

Diante desse potencial inerente ao ser humano, a escola deve estar pronta para cultivar o indivíduo e permitir que ele se desenvolva em todos os seus aspectos, para que possa frutificar. E uma das vias de acesso ao bom desenvolvimento começa com a alfabetização, a partir da qual o indivíduo passa a obter mais informações e a fazer uso delas, tornando-se possível a realização de desejos.

Nesse sentido, o educador precisa desenvolver em sala de aula atividades significativas e não mecânicas, fazendo uso adequado dos métodos e atividades. O erro constitui-se, assim, como um elemento natural do processo ensino-aprendizagem.

Os alunos que se encontram numa situação em que lhes são negadas as condições e possibilidades de apropriação do código escrito sentem-se inferiorizados e passam a atribuir à condição de analfabetos todas as perdas materiais, simbólicas e de condições de vida dignas, que acabam contribuindo para a estratificação social.

É importante lembrarmos aqui que os alunos jovens e adultos enfrentam algumas dificuldades de ordem física e fisiológica, pois o corpo, ao longo da vida, vai respondendo aos estímulos do meio ambiente de forma mais lenta, ou necessita de alguma correção. Isso ocorre, por exemplo, com a visão e a audição. Analisando-se, porém, a situação de um outro ângulo, percebe-se, no entanto, que esse mesmo indivíduo, com o passar do tempo, adquire mais experiência e maturidade.

Por isso os nossos alunos jovens e adultos, como aprendizes, não devem ser vistos como coitados e incapazes. É necessário entender que eles desenvolveram outros tipos de conhecimento, muitas vezes ignorados pela escola, uma vez que nela há uma valorização da interpretação da realidade à partir de conceitos e não de simples percepções. Sobre isso, Ribeiro (2001) afirma:

É a partir do reconhecimento do valor de suas experiências de vida e visões de mundo que cada jovem e adulto pode se apropriar das aprendizagens escolares de modo crítico e original, sempre da perspectiva de ampliar a sua compreensão, seus meios de ação e interação no mundo (RIBEIRO, 2001, p. 41).

A mesma autora ainda assegura que os jovens e adultos, ao se matricularem em turmas de EJA, já trazem para a escola alguns conhecimentos sobre o mundo letrado, que foram adquiridos através das breves passagens pela escola ou, até mesmo, através da realização de seus trabalhos cotidianos.

Kleiman (2000, p.26) revela que “os indivíduos com baixo nível de escolaridade apresentam uma visão de que a escrita possui um caráter pragmático, representando apenas a possibilidade de acesso ao mercado de trabalho ou simplesmente de lidar com a burocracia dos centros urbanos (preencher fichas, formulários, cadastros).” Nesse entendimento, a escrita não é percebida como uma fonte de prazer, como tendo uma função emancipadora. Talvez essa concepção justifique as dificuldades iniciais daqueles sujeitos diante de um texto literário, por exemplo, assim como a preocupação das professoras em trabalhar com textos considerados mais significativos para os sujeitos, ou relacionados ao seu dia-a-dia.

A educação de jovens e adultos apresenta outros desafios, dentre os quais a busca de uma educação transformadora, ao invés da conservadora. Os alunos dessa modalidade de ensino são detentores de muitos saberes válidos e úteis, no entanto, por serem pouco letrados, são excluídos de muitas possibilidades que a cultura letrada oferece, segundo ressalta Ribeiro (2001). Assim, o indivíduo analfabeto deve ser estimulado a se engajar nesse processo de transformação pessoal e social. Conforme as palavras de Soares, ao se referir à apropriação da leitura e da escrita (2002. p. 32): “Ser privado desse acesso é, de fato, a perda de um instrumento imprescindível para uma presença que significa uma convivência social contemporânea.”

Concordamos com a autora e lembramos, ainda, as riquezas das nossas manifestações culturais e artísticas, que, ao serem estimuladas, afloram, se sentem mais seguras e confiantes. Essa constatação nos remete à necessidade de desenvolvimento das habilidades e competências dos alunos da EJA.

Parece óbvia essa necessidade, mas a efetivação desse tipo de trabalho, está intimamente ligada à formação do educador de jovens e adultos, já que essa modalidade de ensino exige conhecimentos próprios, a compreensão de como esses alunos aprendem, quais aspectos norteiam as atuais práticas educativas.

Alfabetizar, num contexto globalizado, apresenta uma série de desafios, tanto para o mediador quanto para o sujeito da aprendizagem. Isso se dá, especialmente, porque socialmente espera-se que o indivíduo domine, no mínimo, rudimentos da linguagem e da contagem.

A *pedagogia Freinet* rompe com a pedagogia tradicional, em que somente o professor detém o saber e este é repassado de forma mecânica, com base na memorização, na repetição e na reprovação. Observamos, sobre isso, as próprias palavras de Freinet:

A pedagogia tradicional é uma pedagogia da reprovação, uma pedagogia da falta ou do erro que a Escola sanciona na esperança de melhorar o comportamento, como se sanciona um delinqüente, com a ilusão que este ficará curado dos seus defeitos quando sair da prisão (FREINET, 1977 b, p. 30).

O pensamento e fazer pedagógico de Célestin Freinet se constituem a partir da transformação do ambiente escolar mediante a organização cooperativa e da utilização dos canais de comunicação com o meio natural e social. As “técnicas” Freinet pressupõem processos ativos de aprendizagem, o aperfeiçoamento constante, tomando como referência a observação e a experiência, indispensáveis à aquisição dos conhecimentos e conceitos. Isso

motiva o educador para a importância de refletir sobre e a partir de seu fazer pedagógico, indagando-se: “por que se faz tal coisa?” “Como se faz tal coisa?” Tendo em vista as várias concepções e posturas pedagógicas.

Freinet nos lembra que a aprendizagem possui duas dimensões: a teórica e a prática, expressas, respectivamente, como uma teoria experimental e uma prática reflexiva. Nesse sentido, não haveria separação entre teoria e prática.

Diante disso, nos propomos refletir sobre a prática pedagógica voltada para jovens e adultos analfabetos, sob a luz de uma proposta que encara o processo de alfabetização como sendo complexo e ligado à capacidade do indivíduo de compreender o contexto histórico, político e social, extrapolando o conceito de que alfabetizar significa dominar a escrita e a leitura.

Em pleno século XXI, ainda existe, em nosso país, cerca de 15% da população adulta analfabeta. Preocupada com esse alto índice de analfabetismo é que a Prefeitura da cidade de Natal, através da Secretaria Municipal de Educação, em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, lançou o Projeto Redução do Analfabetismo.

A proposta pedagógica desenvolvida no projeto fundamenta-se nas bases teóricas de Célestin Freinet (1974, 1975, 1977, 1998, 2000, 2001), Paulo Freire (1999, 2001) e nas práticas do letramento (Kleiman 2001; Soares, 2000, 2002, 2003), com uma nova concepção de educação de jovens e adultos, em busca de uma prática significativa, que auxilia o educando a compreender o mundo a partir dos seus próprios referenciais de vida.

Destacamos a interrelação teórico prática entre a proposta pedagógica de Freinet e Freire que nos permitiram clarificar permanentemente nosso objeto de estudo.

Diante desta proposta, ressaltamos que ela visa uma nova práxis educativa transformadora. Tendo a construção do conhecimento a partir da reflexão de todos que constituem a escola (alunos, pais, alfabetizadoras, funcionários, coordenadores, diretores entre

outros) sobre o mundo de modo contextualizado, onde o alfabetizador desempenha um papel imprescindível, o de mediador, capaz de conduzir seus alunos a expressarem suas concepções de mundo respeitando seu modo de agir e pensar. E quando necessário, ajudá-los a vencer obstáculos, tomar iniciativas, proporcionando maiores oportunidades de êxito na vida.

CAPÍTULO 3

A PEDAGOGIA FREINET NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

3.1 A pedagogia Freinet e sua utilização no Projeto Redução do Analfabetismo

Paulo Freire se destaca como um referencial teórico na educação de jovens e adultos, pois, juntamente com Freinet, se comprometeu com uma forma de educação voltada para as classes populares, no sentido da formação humanista, condição necessária ao caráter da educação. Essa preocupação com uma educação voltada para a formação da consciência política permeia todo o Projeto Redução do Analfabetismo, como se pode verificar no relatório geral de 2002:

A base teórica adotada neste Projeto utiliza referência dos estudos de Freinet e Freire. Optamos por essas contribuições por considerar que ela possibilitam melhor ancoragem do objeto de estudo. E, também, por compreenderem e explicarem o contexto das relações sociais considerando o cotidiano dos sujeitos. (p. 4)

O Projeto Redução do Analfabetismo surgiu em 2001, tendo sua origem nas constatações do poder público municipal com relação à elevação dos índices de analfabetismo na população residente em Natal.

Isso se deu em decorrência de uma reunião entre a prefeita e a Secretária de Educação com representantes da UNESCO, no primeiro semestre de 2001 na tentativa de soluções para a superação do problema do analfabetismo em nossa cidade.

Neste sentido, lança-se a proposta de um projeto a ser custeado com recursos do próprio município, e a Secretaria Municipal de Educação, após negociações com a UFRN, firma um contrato com a FUNPEC para formalização de um projeto-piloto a ser desenvolvido na Cidade do Natal, através de uma ação alfabetizadora em cinquenta turmas, visando atender hum mil, duzentos e cinquenta alunos distribuídos em vários bairros de Natal.

Conforme previsto pelo projeto, foi realizada entre alunos das diversas licenciaturas da UFRN uma seleção que constou de análise de currículo e entrevista. Após a seleção dos alfabetizadores foi realizada uma Capacitação Inicial com os fundamentos da pedagogia Freinet e a visão do educando enquanto sujeito do processo de aprendizagem, estudos de Paulo Freire com destaque para a compreensão do educando como sujeito e produtor de cultura, bem como, concepções de letramento conforme as idéias de Soares (1978, 1989, 1995, 2000, 2003), Ribeiro (2001), Oliveira (1995), Kleimam (2001) foram articulados visando a formação dos alfabetizadores numa perspectiva de uma educação que valoriza os processos discursivos e interativos no cotidiano escolar.

As turmas do projeto piloto funcionavam de segunda a sexta-feira, com duas horas e meia de duração (equivalente a 3,3 horas-aula), sendo distribuídas nos três turnos – 10% pela manhã, 12% pela tarde e 78% das turmas funcionavam no turno noturno.

Em março de 2003, foi assinada em Natal uma parceria com o Governo Federal – Brasil Alfabetizado – e o Projeto passa a ser denominado “Programa Geração Cidadã – Reduzindo o Analfabetismo”, o que gerou interesse e perspectivas positivas de atuação no que tange a ampliação das turmas, a divulgação do trabalho perante as comunidades, a repercussão para os possíveis alfabetizadores que gostariam de lecionar, e, sobretudo, o

engajamento de novos alunos. Nesse sentido, demos continuidade ao trabalho que desde a experiência piloto em 2001 que apresentou bons resultados.

As salas de aula funcionavam nos mais diversificados espaços: nas escolas e creches municipais, postos e centro de saúde, Associação de Pais e Amigos do Excepcional (APAE) e ambientes sociais diversos como centros e conselhos comunitários, instituições religiosas como, associações espíritas, igrejas católicas, evangélicas, residências de líderes comunitários e do próprio alfabetizador, escolas conveniadas e núcleos do Tributo a Criança.

A sistemática de trabalho junto às turmas envolveu as seguintes atividades:

- a) Reuniões de planejamento participativo - Cada coordenador setorial reunia quinzenalmente seus alfabetizadores visando orientá-los em seus planejamentos, propiciar-lhes a troca de experiências, ouvi-los em suas múltiplas dificuldades, analisar conjuntamente alguns textos sugestivos, auxiliá-los no desenvolvimento dos projetos, dentre outras ações;



Foto 01 — Reunião com alfabetizadores



Foto 02 – Alfabetizadores socializando experiências

- b) Visitas às salas de aula — Essa atividade, na perspectiva da supervisão e orientação pedagógica oportunizou, dentre outras coisas, um contato mais profundo com as realidades, observações *in loco* do funcionamento das turmas, contatos pessoais com os responsáveis pelos locais de funcionamento além, claro, do apoio ao alfabetizador em seu próprio campo de atuação;
- c) Atendimento individual ao alfabetizador — Quando necessário e conveniente foi desenvolvida a atividade de atendimento individual aos alfabetizadores quer por maiores carências de condições pedagógicas quer por problemas na dinâmica processual das turmas ou até mesmo por dificuldades de horário;
- d) Reuniões administrativas — Foram realizadas reuniões gerais entre as coordenações setorial e geral de cunho administrativo e técnico visando analisar o desenvolvimento

do projeto e seus eventuais problemas, bem como para apresentar e discutir formulários para coleta de dados;

- e) Capacitação continuada — Foram realizados encontros quinzenais visando o aprofundamento de estudos nas seguintes áreas: pedagogia de projetos, produção textual, educação matemática, artes e violência; e



Foto 03 — Capacitação continuada – Educação Matemática

- f) Estudos da pedagogia Freinet — surgiram do interesse de alguns alfabetizadores em aprofundar seus estudos referentes ao desenvolvimento de experiências em sala de aula de jovens e adultos utilizando princípios e práticas da pedagogia freinetiana para a aprendizagem natural da língua escrita e falada.



Foto 04 — Lendo... refletindo...vivenciando a *pedagogia Frinet*

O Projeto Redução do Analfabetismo tinha como um de seus objetivos ampliar as experiências culturais dos alunos. Nesse sentido foram desenvolvidas algumas iniciativas, dentre as quais destacamos: o ateliê permanente de dança; apresentações artísticas dos alunos em eventos da cidade (carimbó e boi de reis); a biblioteca itinerante Djalma Maranhão, aulas passeio (museus, bibliotecas, bienal do livro, CIENTEC; Parque das Dunas, circuito histórico-

cultural de Natal, exposição de artes plásticas, escola de música da UFRN entre outras); palestras; caminhadas; e a festa da cultura onde reunimos vários grupos para confraternização e socialização de conhecimentos através da exposição de seus trabalhos manuais, artísticos e intelectuais. Destacaremos agora, alguns recortes dessas iniciativas:



Foto 05— Caminhada da Saúde na 3ª idade



Foto 06 — Apresentação do Boi de reis na CIENTEC



Foto 07 — Produção dos alunos com papel reciclado

Consideramos, que parte desse trabalho foi fruto da articulação entre todos os participantes desse projeto, bem como o engajamento, compromisso, bom desempenho e

esforço na tentativa de articular a teoria e a prática baseadas em Célestin Freinet e Paulo Freire, permitindo que todos se sintam sujeitos da própria aprendizagem.

Freire se preocupa com a organização sociopolítica do homem adulto; de outro lado, Freinet enfatiza a necessidade de transformação da escola numa prática democrática, visando aos ideais de formação do homem aliada a processos de participação social. Na obra de ambos perpassa a concepção de que não existe neutralidade política no processo educativo. Eles se aproximam em suas concepções de educação, nas assertivas de que há necessidade de educar numa perspectiva crítica.

Paulo Freire e Célestin Freinet nos remetem a uma visão de mundo necessária ao espaço escolar, fundamental à mediação do processo, à sistematização do conhecimento acumulado historicamente pela humanidade e à consciência política.

Nossa opção pela *pedagogia Freinet* resultou de discussões acerca da insuficiência das metodologias voltadas para a educação de pessoas jovens e adultas. Freinet rejeitou a pedagogia tradicional, considerando-a descontextualizada, por não ter a preocupação com uma formação para a vida.

A falta de neutralidade política na educação perpassa a obra de Freinet e a de Freire. Eles defendiam a idéia de a escola discutir os problemas sociais, em busca de soluções, por não haver como desvincular a vida escolar da realidade. O professor, ao escutar o aluno em sala de aula, estaria contribuindo para a formação do sujeito crítico, autônomo, consciente, aquele que não se deixa manipular, capaz de transformar o mundo através da conscientização (FLEURI, 2002).

Quando o professor escuta atentamente a fala do aluno, não ouve apenas palavras, mas também os sentidos, os significados que este possui. Quem é ouvido encara-se a si

mesmo e a sua realidade de modo mais significativo. Ouvir com atenção e simpatia é condição necessária para o desenvolvimento de um relacionamento franco e confiante, a fim de que o estudante possa alcançar meios mais construtivos de comportamento. Quando o professor distorce a fala do aluno, este reage com frustração; assim o indivíduo passa a crer que a comunicação verdadeira é impossível.

Essa visão de escola está traduzida por Célestin Freinet na Invariante Pedagógica 24: “a nova vida da escola supõe a cooperação escolar, isto é, a gestão da vida pelo trabalho escolar, pelos que a praticam, incluindo o educador.” Ao analisar essa invariante pedagógica, constata-se como a aproximação entre as propostas pedagógicas de Freinet e Freire se complementam.

Freinet buscou trazer a vida para a escola. Além disso, preocupou-se com uma escola para o povo, devido à falta de um trabalho comprometido com as classes populares. Da escola para o povo surgiram as bases para o Movimento da Escola Moderna (MEM).

Refletindo sobre as contribuições da *pedagogia Freinet* no Brasil para a educação popular Fleuri (2002, p. 10) destaca :

As contribuições da pedagogia Freinet para a educação popular em nosso país ainda são insipientes, fruto de trabalhos isolados de educadores comprometidos que buscam respeitar e valorizar a cultura do aluno. No entanto, pode-se identificar algumas contribuições significativas no campo da alfabetização, de formação de educadores, de transformação da escola e da construção da cidadania, onde a fecundidade da proposta de Freinet se verifica na interação, tanto prática quanto teórica, com outras pedagogias populares.

Com relação aos conteúdos, Freinet defende que as aulas teóricas são indispensáveis para sistematizar o conhecimento adquirido nas atividades, porém não devem ocupar todo o período de permanência do aluno na escola, pois o aluno deve aprender através da observação do fenômeno, testando hipóteses e socializando seu pensamento.

Nesse sentido, ressaltamos também, que perpassa a obra de Freinet no sentido de trazer a escola para a vida. Mas para que isso ocorra faz-se necessário a mudança na concepção de ensino-aprendizagem, apartir do trabalho cooperativo. Relativamente a esse tema Oliveira (1995, p. 139) esclarece:

A classe Freinet é isto, um lugar de produção: tudo nela evoca o trabalho produtivo, até o vocabulário usado pelo educador: a classe é um canteiro de obras, ela se subdivide em oficinas onde é fundamental a presença de ferramentas e o uso de técnicas de trabalho.

Dessa forma, o aluno será motivado a vivenciar através força do trabalho, a realização de seus projetos educativos em consonancia com os conteúdos propostos nos programas oficiais.

3.2 Célestin Freinet e a ousada proposta de uma *escola para o povo* – Articulando princípios e práticas

Célestin Freinet nasceu no vilarejo de Gars, sul da França, no dia 15 de outubro de 1896. Passou a sua infância no campo como pastor de rebanhos. É bom lembrar o depoimento de Oliveira (1995) sobre a origem familiar e momentos da infância que marcaram Freinet:

Também por suas origens familiares, Freinet conhece desde cedo as tarefas da lavoura, e, em particular, o pastoreio de cabras que era freqüentemente, atribuição das crianças. A brincadeira gratuita, quase que lhe é totalmente desconhecida, mas ele consegue encontrar um prazer intenso e, até certo ponto, lúdico, no desempenho dos afazeres que lhe são atribuídos. Os trabalhos socialmente úteis fazem com que se sinta, desde a infância, parte de uma coletividade onde todos, homens, mulheres e crianças, têm sua contribuição a dar (OLIVEIRA, 1995, p. 93 - 94).

Freinet manteve ao longo de sua trajetória a presença do mundo rural, da vida no campo e um profundo amor ao trabalho. Essas marcas foram fundamentais para o desenvolvimento das suas concepções pedagógicas, muitas das quais remetem a Rousseau. Oliveira (1995, p. 94-95) (grifos da autora) comenta sobre Freinet:

Não há dúvidas de que certos trechos “bucólicos” de sua obra, particularmente de textos escritos no último terço de sua vida, têm ressonâncias que lembram o “Émile”: as metáforas e analogias rurais abundam; o professor é um “pastor de ovelhas”, conhece seu “rebanho”, sabe oferecer-lhe na hora exata a “água e os alimentos” que permitirão seu “crescimento natural”, a criança é uma “árvore”, que precisa de “cuidados” para “crescer reta” etc.

A partir da reflexão de que a criança tem seu lugar e tem contribuições a dar à sociedade, Freinet elabora um dos princípios de sua pedagogia, a *educação do trabalho*, com a compreensão de que os indivíduos ao longo da vida vão se desenvolvendo através da

criatividade. Nesse sentido, a sua concepção de escola é diferente das concepções clássicas. Para ele, a escola constitui um momento privilegiado para a inserção social.

Célestin Freinet estudou na Escola Normal de Nice, mas em 1914 teve que interromper os estudos para se alistar e lutar na 1ª Guerra Mundial, quando, em virtude da ação dos gases tóxicos, comprometeu seus pulmões, com remotas expectativas de cura. Apesar disso, ele cultivava o desejo de ser professor primário, que seria sua realização pessoal. Mas tinha consciência de suas limitações físicas e orgânicas: sabia que lhe restava apenas um fio de voz, a respiração era difícil, a sua energia logo se dissipava e precisava ser socorrido. Apesar de todas as dificuldades, era persistente e foi capaz de rejeitar a possibilidade de aposentar-se por invalidez.

Observando seus alunos num contexto de práticas educativas tradicionais, Freinet percebia que eles se sentiam infelizes dentro da sala de aula: nada os motivava, as aulas aconteciam através de estudos massacrantes, decorando-se as lições, frases sem sentido, com a obrigação de seguir rígidas normas educacionais retrógradas, caducas. No entanto, havia um brilho intenso no olhar desses alunos quando eles observavam o mundo através da janela, voando nas asas dos pássaros, sentindo a brisa acariciando seu rosto, como se a vida estivesse além do limite geográfico da sala de aula.

Convicto de sua humanização, Freinet elabora uma práxis pedagógica orientando as ações do professor, além de auxiliá-lo na observação, nas anotações das reações das crianças — seus sucessos, seus fracassos. Tais anotações serviram de parâmetro às avaliações do processo, vitalizando a escola, levando-a a caminhar na descoberta de uma educação participativa, num espírito cooperativo, humanizado.

Freinet desenvolveu seus esforços em busca de uma escola mais humana e de uma práxis pedagógica em níveis mais elaborados redimensionando as ações do professor. Aos poucos, esse educador francês foi trazendo a vida para a escola, descobrindo interesses e

caminhos para uma educação cooperativa e participativa. Resolveu tornar suas aulas interessantes, participativas, conduzindo seus alunos ao encontro da felicidade. Surgiu, assim, a idéia da *aula-passeio*: criava-se a oportunidade de observar os campos ao redor da escola, as estações do ano, destacando as suas particularidades, além de observar as atividades dos artesãos, contribuindo para a formação dos educandos, numa alfabetização participativa e construtiva.

Ao observar de perto a natureza, os alunos percebiam os diferentes sons da natureza, os pássaros, as flores que abriam na primavera, os frutos amadurecendo. Isso despertava sua curiosidade e eles eram incentivados a pesquisar os fenômenos observados, passando essa atividade a ser um instrumento educativo dos sentidos, como narra Élise Freinet (1979, p.24):

Saía-se alegremente e aparentemente sem problemas, mas agora já havia a preocupação de fazer um relato de todos os acontecimentos que ao longo dos caminhos, atraíam o olhar daqueles que estavam habituados a ver as coisas mais de perto dentro das perspectivas de uma atenção mais concentrada: uma busca permanente dos olhos, ouvidos de todos os sentidos abertos à magia do mundo, fazia surgir de todas as paisagens, agora vista como novas, uma incessante descoberta, imediatamente comunicada e que se tornava coletiva.

Nesse contexto, professor e aluno estabelecem um diálogo mais próximo, no qual todos têm direito à palavra. Ao retornarem da aula-passeio os alunos narravam e registravam tudo – suas curiosidade e descobertas – através do desenho, da pintura e da elaboração de textos.

Quanto aos textos dos alunos, Freinet se preocupava com que houvesse compreensão, o que conduzia à busca da coerência e da competência textual, de uma bela caligrafia e da ortografia. Nesse sentido, Freinet conseguiu conduzir seu trabalho pedagógico

adequando o conteúdo ao interesse do aluno, mostrando-lhe a possibilidade de enriquecimento, de expandir os horizontes dos significados da aprendizagem.

Esse estímulo ao desenvolvimento do aluno deve ser promovido pelo professor: “[...] dar procedência à ação fecunda sobre o pensamento puramente especulativo, esta é a revolução copérnica que se deve realizar na educação (CÉLESTIN FREINET, 1998, p. 287).” Assim será possível concretizar a modernização no ensino, capaz de acompanhar os avanços social, cultural e político.

Devem ser trabalhados os textos elaborados pelos próprios alunos, textos ricos e repletos de sentido, respeitando-se seu ritmo individual. Isso os motiva à elaboração de seu próprio estilo, e permite-lhes percorrer níveis de excelência cada vez mais significativos.

Enquanto desenvolvia seu projeto político-pedagógico, Freinet recebeu duras críticas dos intelectuais, como se depreende dessa passagem de Oliveira:

[...] Por essa razão, já foi muitas vezes dito que Freinet é, essencialmente prático, pouco afeito a reflexões teóricas. Na nossa opinião, trata-se de um equívoco. Freinet não deixa, um só momento de teorizar sua prática. Para isso, ele também se vale constantemente das contribuições dos grandes pedagogos e de intelectuais em geral. Na realidade, a teoria acompanha toda sua obra. Mediante ela, procura descobrir os processos que determinam uma aprendizagem autêntica, formular sínteses, enunciar os princípios gerais da teoria pedagógica que vai paulatinamente construindo. (OLIVEIRA, 1995, p. 115-116).

Na constituição de seu projeto político pedagógico, Célestin Freinet buscou referência na sua experiência pedagógica, fundamentando-se nas obras de Montaigne, Rousseau, Rabelais, Pestalozzi, entre outros educadores, o que revela indícios de que ele já defendia a idéia do professor pesquisador, capaz de buscar caminhos, refletindo acerca das suas descobertas, avaliando possibilidades e limites pedagógicos.

Em sua trajetória, Freinet depara-se com Adolphe Ferrière, defensor dos pressupostos da *escola ativa*, o que gerou no primeiro indagações profundas sobre o fazer pedagógico, assinalando as afinidades, entre ambos e revelando as inovações implantadas na sala de aula, que possibilitaram uma ação viva e prazerosa para os alunos.

O professor Freinet também propôs mudança na sala de aula, eliminando o estrado:

[...] Abolição do estrado – primeiro gesto que indica sua disposição a orientar-se para uma nova concepção da educação. Sumir com o estrado, em cima do pontífice sua cátedra, que se tornará uma simples mesa como as outras, no nível e proporção das outras mesas. Você verá, então, sua classe com outros olhos, mais coerentes com a norma de sua humanidade. O comportamento de ambos será radicalmente influenciado por essa medida. E você vai ganhar um espaço que lhe será precioso para a nova organização material da sua classe.. (FREINET, 2001, p.13).

Ao eliminar o estrado, Freinet passa a sentar-se lado a lado com seus alunos, rompendo com os padrões da época. Deixa, assim, professor e aluno no mesmo patamar, podendo interagir intensa e verdadeiramente.

Como se percebe, Freinet foi um dos educadores mais importantes do século XX, tendo dedicado mais de quarenta anos de sua vida à educação. Essa dedicação estava totalmente voltada para a criação de uma *escola para o povo*. Argumenta ele:

[...] O feudalismo teve sua escola feudal; a Igreja teve a sua educação especial; o capitalismo gerou uma escola bastarda, com sua verborragia humanista a mascarar sua timidez social e a sua imobilidade técnica. O povo, ascendendo ao poder, terá a sua escola e a sua pedagogia. Essa ascensão começou. Não esperemos mais para adaptar nossa educação ao mundo novo que está nascendo. (FREINET 2001, p. 15)

Durante os anos dedicados à educação, Freinet perseguiu um ideal de escola entregando-se totalmente a esse projeto de vida. Ele objetivava orientar a aprendizagem, garantir acesso à escola — independente de raça, cor, sexo e religião —, o domínio das linguagens — em especial, o código escrito —, a possibilidade de *livre expressão*, de elevar os níveis cognitivo, afetivo e sociocultural do aluno.

Embora ele se considere um simples professor primário, nota-se a sua presença marcante em vários movimentos sociais de sua época — de que é exemplo a sua atuação no Partido Comunista, no movimento sindical. Ele buscou articulação com outros colegas, criando cooperativas, numa busca incansável de uma escola popular e de uma sociedade menos competitiva, mais justa e igualitária.

Célestin Freinet teceu várias críticas à *educação nova*, pois, apesar de apresentar alguns avanços com relação à metodologia aplicada na sala de aula, acentuava a alienação dos alunos no regime capitalista, o que a distanciava cada vez mais de uma educação voltada para as classes populares.

Uma grande falha apontada por ele foi a falta de preparo dos professores para atuar de acordo com a nova proposta pedagógica. Isso os induzia a fazer uma série de tentativas frustradas, através de suas práticas pedagógicas

Ao disseminar sua proposta educativa, Freinet encontrou adeptos no mundo todo, e até hoje há grupos que participam ativamente do Movimento da Escola Moderna. A pedagogia Freinet fornece elementos para o desenvolvimento de uma prática pedagógica significativa. Para realizar-se, essa prática, fazem-se necessárias as condições sociais, pedagógicas e materiais adequadas, o que Freinet denomina de *materialismo escolar*, o qual vai dar o suporte material, de infra-estrutura, ao sistema educativo. O *materialismo escolar* tem sua origem no pensamento marxista, como observa Oliveira (1995, p.117) e “ [...] que

sem dúvida alguma fornece a Freinet instrumentos de compreensão da sociedade e de fortalecimento do seu compromisso com as classes populares.”

Freinet desejava uma escola dinâmica, em que a necessidade dos alunos fosse respeitada, possibilitando a constituição de seres autônomos, conscientes e responsáveis pela sua vida e sua história.

Élise Freinet (1978, p. 457) ao descrever a *pedagogia Freinet*, aponta que, segundo a experiência desenvolvida por esse educador ao longo de sua trajetória pedagógica,

[...] não existe nenhuma consciência preestabelecida em determinadas faculdades intelectuais ou morais; pelo contrário, é um organismo inteiro que se apropria gradualmente de mecanismos “históricos” que garantem a realização do ser.

Essa apropriação do processo histórico pelo ser integral permite-lhe um nível de realização capaz de lhe possibilitar a inclusão dos aspectos físico, social e intelectual.

Durante todo o seu itinerário pedagógico, Freinet busca estender a participação no cotidiano escolar, aperfeiçoando-o ao longo de sua vida. Por isso dedicou grande parte dela a contribuir para a formação da personalidade das crianças, estimulando-as a viver dentro de um espírito cooperativo, em liberdade.

Freinet considerava a organização da sala de aula indispensável ao desenvolvimento das atividades psicológicas. Sem ela, nenhuma educação seria possível. Ele sugere um trabalho interdisciplinar, visto que as atividades devem surgir a partir do interesse do aluno. Nesse processo, as atividades desenvolvidas em sala de aula são organizadas envolvendo todos os integrantes do processo educacional.

Na experiência que realizamos, as alfabetizadoras conquistaram esse espaço dialógico, buscando resgatar a auto-estima dos alunos através dessa lapidação, como podemos ver no depoimento de ECBS:

Olha [...] a princípio, nós tivemos que fazer todo um trabalho de resgate da auto-estima. Nós temos que trabalhar com a auto-estima, do resgate dessa auto-estima e nesse resgate, nós trabalhamos muito com a questão da *livre expressão*. Da oportunidade para que eles se colocassem... E que eles falassem um pouco sobre a sua vida, para que a partir desse momento a gente iniciasse realmente o processo de alfabetização.

Diferente da compreensão de que a escola constitui um espaço privilegiado para a sistematização dos saberes, nós a percebemos como estando cheia de vida, ampliando os horizontes, pois ela era percebida como uma preparação para a vida. Nesse sentido, as nossas turmas de alfabetização de jovens e adultos se diferenciam, pois partem de princípios de autonomia e cooperação, que, ao longo do processo educativo, vão se construindo numa relação de cooperação, amizade, respeito mútuo.

Na perspectiva freinetiana, o professor prioriza a expressão do aluno — no sentido da necessidade que ele tem de valorização dos conhecimentos prévios —, as expectativas e necessidades imediatas e de trabalho dos educandos. As decisões do professor são estimuladas pelo processo de *tateamento experimental*, encorajando o sucesso dos resultados. As experiências bem sucedidas tendem a ser repetidas, passando a constituir regras de vida, capazes de tornar os alunos passíveis de adquirir maior grau de sensibilidade, exercendo uma troca favorável de afetividade que os conduza ao sucesso na vida.

Em conformidade com os princípios freinetianos, para o bom funcionamento da sala de aula são necessárias condições materiais e estruturais adequadas. Ao consolidar o conceito de escola popular, Freinet defende uma escola capaz de alavancar o sujeito política e

socialmente na sociedade moderna. Nesse sentido, a escola deve estimular o alunado à cooperação, tendo como referência a vida na sua integridade.

Ao desenvolver sua técnica, Freinet estabelece nova dimensão para o trabalho escolar, passando o esforço cerebral a ser considerado um trabalho real e produtivo, necessário à formação humana.

Freinet estabeleceu os seguintes princípios educativos:

Educação pelo trabalho

Eu digo educação pelo trabalho. Que não se entenda imediatamente pelo trabalho manual, como se devesse designar exclusivamente manual. Ela é, na verdade, isso, na origem, mas que essa atividade seja alguma vez arbitrariamente separada de uma alta espiritualidade que a ilumina, isolada do processo vital de que ela é um elemento, do mesmo modo que o processo social que a condiciona. (Freinet, 1974)

Trata-se de uma educação voltada à realização prazerosa do conhecimento, proporcionando o desenvolvimento das capacidades afetivas, psicomotoras e cognitivas do educando. Ao referir-se à *educação pelo trabalho*, Freinet, em nenhum momento, está falando do aperfeiçoamento técnico voltado para o profissional, mas do trabalho como sendo um ato motivador de descobertas.

Nessa perspectiva, o trabalho aparece compreendido como um conjunto de atividades ativas, participativas, com o objetivo de proporcionar o prazer e a satisfação de se construir algo significativo.

Freinet tinha uma grande admiração pelo trabalho do homem do campo, por perceber a grande capacidade que tinha o camponês de auscultar a natureza, observando seus sinais e reações capazes de determinar seu ritmo natural. Freinet (1998, p. 195) diz:

[...] quando discutíamos sobre nosso futuro, no quadro desse ritmo natural em que nos banhamos, é como nosso trabalho que prossegue. Ou antes, isso faz parte da nossa vida de trabalho e não se opõe de modo algum à paciente continuidade do nosso esforço.

Freinet permite-nos perceber que o homem se constitui a partir de interações com o meio e com outros seres humanos. Além disso, a natureza nos impõe ritmos, tudo acontece no seu devido tempo. Como ele mesmo afirma na Invariante nº 13, “as aquisições não são obtidas através do estudo de regras e leis, como às vezes se crê, mas sim pela experiência. Estudar primeiro as regras e leis é colocar o carro adiante dos bois.”

Para esse autor, “o trabalho é o grande princípio, o motor e a filosofia da pedagogia popular, a atividade de onde advirão todas as aquisições.” Assim, o trabalho é tomado como uma expressão da vontade livre do indivíduo. Por isso defendemos que o aluno deve estar consciente de seu papel na sala de aula e de suas tarefas durante o tempo em que permanece na escola.

Ressaltamos que o professor, ao planejar suas atividades, deve considerar que nem sempre os trabalhos serão realizados em curto prazo. Muitas vezes, encontram-se barreiras, que devem ser transpostas, tendo em vista os objetivos traçados pelos educandos e educadores cooperativamente.

A dinâmica do trabalho educativo está presente em toda a obra freinetiana. Ao mergulhar na obra de Freinet, o indivíduo está sendo, a todo momento convida, estimula a descruzar os braços e estabelecer princípios, traçar metas, “[...] fazer surgir do instante vivido o processo histórico, no seu duplo aspecto individual e social” (FREINET, 2000, p.12.)

Percebe-se, desse modo, a inconsistência do discurso segundo o qual a concretização da educação necessariamente está ligada a uma situação financeira acima do razoável,

especialmente ao se trabalhar considerando a realidade social e política do aluno. O problema encontra-se principalmente na formação da alfabetizadora (professora); no sentido de ela mostrar-se plenamente consciente do seu papel na vida do seu aluno, do modo mais humano possível.

Tateamento experimental

Não são a observação, a plicação e a demonstração dos processos essenciais da escola as únicas vias normais de aquisição de conhecimento, mas a experiência tateante que é a conduta natural e universal.

(Freinet)

Uma das formas de desenvolver o espírito investigativo de nossos alunos seria estimulá-los a vivências através do *tateamento experimental*, possibilitando-lhes a observação, o sentimento, o levantamento de hipóteses ao longo do processo de construção do conhecimento.

Quando em situações desafiadoras, o indivíduo se envolve, ativa-se sua capacidade de conquista de novos conhecimentos, pela mobilização das funções mentais superiores, concretizadas através da análise, da síntese, da criatividade e da cooperação. Ao longo dessa construção, surgirão erros, considerados saudáveis, por tomarem parte no processo de construção do conhecimento. Ninguém chega à escola pronto; o educador deve buscar alternativas pedagógicas para a superação das dificuldades, com vistas ao sucesso escolar dos educandos.

Cooperação

É a essência da proposta pedagógica de Freinet. Todas as atividades, as conferências, os textos livres, as correspondências interescolares, o jornal escolar, os planos de trabalho... são desenvolvidos dentro de uma linha de cooperação, adquirindo, assim, um sentido novo e profundo.

(Paiva, 1997, p. 15)

Outro princípio freinetiano é a *cooperação*. Ela permite uma maior integração do grupo, no qual são respeitadas as opiniões e há a contribuição de cada um. A cooperação é um estímulo ao grupo para encarar os desafios, contribuindo para a construção de relações de trabalho e de afetividade a partir da vivência de valores tais como: companheirismo, solidariedade, integração social.

Na sala de aula freinetiana, os alunos são estimulados a adotar uma relação harmoniosa, para uma aprendizagem significativa. À medida que o aluno apresenta sua experiência, interage sugerindo estratégias de superação das dificuldades na sala de aula.

Livre Expressão

A *livre expressão* caracteriza a dimensão ideológica da *pedagogia Freinet*. Ela fundamenta a prática educativa emancipadora, capaz de estabelecer rupturas tanto com o dogmatismo como com as formas limitadoras de convivência no espaço escolar.

Na *pedagogia Freinet*, o educando é valorizado na sua comunicação, expressando suas idéias, seus valores, sentimentos e gostos, assegurando o respeito a sua individualidade. A liberdade do aluno é respeitada e preservada no âmbito escolar. Na alfabetização de jovens e adultos, ela é compreendida como manifestação de vida e de amor à ação educativa.

3.3 – A livre expressão nas salas de EJA

A livre expressão é a própria manifestação da vida.

(Freinet, 1979, p.12)

A *livre expressão* estimula, valoriza e impulsiona o desenvolvimento de atividades que possibilitam ao aluno aplicar os conhecimentos adquiridos na escola em outras situações do cotidiano.

Freinet (1896-1966), em sua trajetória aponta aspectos relevantes para o desenvolvimento da *escola para o povo*, dentre os quais, destaca: o respeito ao educando como sujeito da aprendizagem, a vivência do cotidiano escolar, o desenvolvimento de uma práxis pedagógica dinâmica, criativa, que permita ao aluno construir o conhecimento a partir de atividades práticas, conseguindo teorizar sua prática educativa, como afirma Pereira (1997, p. 67):

[...] enfim, uma proposta que tem sua origem e seu próprio campo experimental no processo dialético da práxis educativa, corporificando uma síntese de fundamentos e técnicas educativas, comprometida com a valorização do indivíduo para que este se torne forte fisiologicamente, intelectual, moral e psiquicamente, desenvolvendo de modo lógico, poderoso e integralmente a sua personalidade, condição fundamental para a sua participação crítica, criativa e cooperativa no seio da sociedade.

Atualmente, as pesquisas e estudos em torno da *pedagogia Freinet* têm avançado significativamente, adequando-se ao novo contexto social e às exigências do mundo contemporâneo, assim como Freinet afirmava, com relação à *escola moderna*, que, segundo ele, “[...] não é nem uma capela, nem um clube mais ou menos restrito, mas na realidade uma via que nos conduzirá àquilo que todos juntos construiremos (FREINET, 2001, p. 28).” Nesse sentido, a constituição de uma sociedade mais justa e igualitária será fruto do trabalho cooperativo, do incentivo ao auxílio mútuo bem como do compromisso individual e grupal.

Freinet, ao abordar temas atuais, convida os educadores a fazer uma revisão das práticas pedagógicas contemporâneas, a refletir sobre a sua prática pedagógica num contexto de século XXI. A possibilidade de legitimação de uma política educacional voltada para a superação das dificuldades, submetendo-se a críticas, a dúvidas ao longo do trabalho contribuiu para uma prática significativa e contextualizada.

A obra de Freinet expõe aos educadores, partindo de experiências do cotidiano, com genialidade, clareza e simplicidade, o desejo de tornar a educação mais humana e solidária, estimulando a construção do conhecimento.

A *pedagogia Freinet* foi, desde o início, coletiva, militante, tendo como mérito a paixão pela educação, a coragem para desenvolver a pedagogia, conforme Élise Freinet (1979) narra na obra *O itinerário de Célestin Freinet*.

A *livre expressão*, na *pedagogia Freinet*, significa dar voz ao aluno, a partir da necessidade que todo o ser humano tem de ser estimulado a falar e ser considerado. Além disso, praticar a *livre expressão* no processo pedagógico com jovens e adultos passa a ser um estímulo fundamental e indispensável para o desenvolvimento desse aluno. Segundo SANTOS, 1996, p. 25,

[...] não é somente favorecer-lhe o domínio do código lingüístico, mas é também e principalmente, por meio desse domínio, criar condições favoráveis para que ele – indivíduo e ser social, co-detentor e co-construtor de uma cultura – possa: desenvolver no máximo as suas potencialidades; adquirir o hábito de buscar por si só meios para superar seus bloqueios e dificuldades e tornar-se cada vez mais independente e capaz de enfrentar, com o máximo de realização, o seu destino de homem e cidadão.

Como se pode observar, a prática da *livre expressão* exige situações motivadoras, facilitadoras, para o exercício de uma prática pedagógica estimuladora, viva, na qual o aluno começa a se apropriar do código escrito de maneira mais significativa, sendo estimulado à busca de suas respostas, de modo autônomo.

A *livre expressão*, então, é o ponto de partida da *pedagogia Freinet*, constituindo o elemento central das técnicas de trabalho. Ela estimula a ação educativa, além de impulsionar todas as atividades do contexto escolar, visto que o que se aprende na escola fornece elementos para que o aluno mobilize o seu conhecimento e possa aplicá-lo em outras situações do cotidiano de modo significativo.

Nessa perspectiva, Élise Freinet (1979), ao reconstituir o itinerário de Célestin Freinet, diz que, de acordo com esse princípio, a sala de aula freinetiana deve ser constituída num clima de respeito, confiança, no qual o jovem ou adulto se sinta à vontade para se expressar através do gesto, do desenho, da palavra, o que possibilita a realização da sinceridade, e a sensibilidade aguça os alunos, possibilitando a busca de soluções de problemas, além de fortalecer o conhecimento do indivíduo e do grupo social.

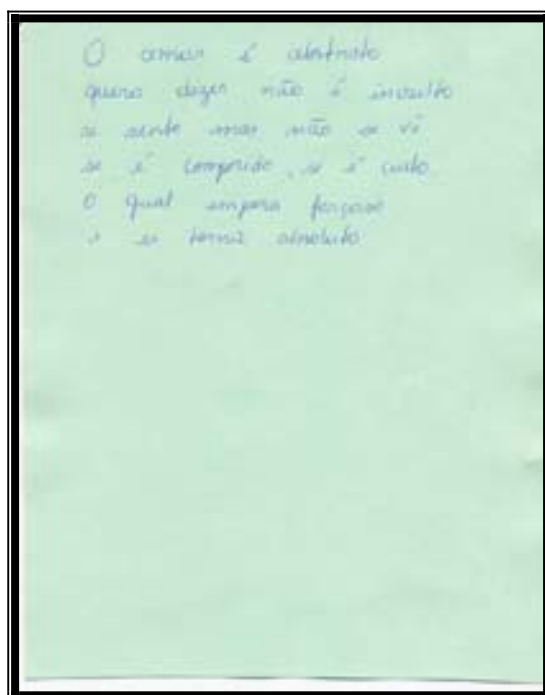
Trabalhando-se nessa perspectiva de liberdade de expressão, não se pode deixar o aluno entregue a sua própria sorte: o professor mediador é de fundamental importância nesse processo; ele é inclusive, responsável pela permanência do aluno em sala de aula:

Nem sempre o meio familiar propicia experiências de descobertas fundamentais para que se desperte o desejo de se alfabetizar. Nesse caso, intensifica-se ainda mais que a escola – na medida em que assume essa responsabilidade – criar o maior número possível de situações capazes de gerar o desejo de realizar o aprendizado e até mesmo – por que não] – fazer surgir um certo descontentamento provocado pelo fato de ainda não se saber ler nem escrever (SANTOS, 1996, p.212).

Concordamos com Santos (1996), quando ela nos aponta a dificuldade de apoio ao educando no ambiente familiar. Com a clientela de alunos jovens e adultos, essa dificuldade torna-se mais preocupante ainda. Ao longo do desenvolvimento do projeto, deparamos com casos de abandono e evasão por vários motivos; dentre eles, os ligados ao preconceito da família, à violência contra mulheres, vizinhos que desvalorizavam os alunos e alunas, o cansaço físico, o mental, a busca de emprego, o difícil acesso à escola devido a alagamento nas proximidades, etc.

Na salas de EJA onde desenvolvemos a nossa pesquisa, a *livre expressão* tornou-se uma prática cotidiana: alunos e professoras interagiam opinando, criticando, contribuindo, através da palavra, da produção textual, de discussões e do balanço das atividades para o desenvolvimento do trabalho alfabetizador, entendido como participação ativa no processo de aprendizagem com um pensamento crítico em relação a aspectos da realidade da vida dos educandos.

Nessa convivência educativa, os princípios da *pedagogia Freinet*, em especial o da *livre expressão*, eram postos em prática, ao dar-se a palavra aos jovens e adultos, ao ser-lhes possibilitada a manifestação artística, expressiva, oral, musical – os meios de se expressar e se comunicar. Como podemos observar que o aluno J ao finalizar a sua produção de pintura com anilina, ele sentiu vontade de escrever um verso de amor do outro lado da folha:



*O amor é abstrato
quero dizer não é invulto
se sente mas não se vê
se é comprido, se é culto.
O qual impera forçoso
e se forma absoluto.*

Esse versinho nos revela o quanto essa experiência está sendo valiosa e significativa para os alunos. Além do aspecto cognitivo percebemos também mudanças no aspecto atitudinal, e uma elevação da auto estima, além disso, o aluno se sente capaz de aprender cada vez mais.



Fotos - 08 e 09 - Confeccionando cartões

CAPÍTULO 4

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA NAS SALAS DE AULA E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Descrição da experiência

Neste capítulo, descreveremos as situações de aprendizagem desenvolvidas pelas alfabetizadoras nas duas turmas de alfabetização, bem como analisaremos os dados coletados.

Fundamentamo-nos estudos da pesquisa qualitativa, que propõem a interação entre o pesquisador e o fenômeno pesquisado, adentramos nas turmas que constituíam o campo de investigação deste trabalho um ano antes de iniciar a experiência propriamente dita, mantendo contatos, coordenando reuniões pedagógicas — nas capacitações inicial e continuada dos alfabetizadores —, observando as salas de aula — nas visitas de acompanhamento pedagógico — e colocando-nos à disposição das alfabetizadoras para trocas de experiências.

Ao iniciarmos a trabalhar no Projeto Redução do Analfabetismo, constatamos que havia uma dificuldade muito grande de mantermos a frequência dos alunos na sala de aula, uma vez que eles eram desmotivados, devido ao fracasso escolar nas experiências anteriores. Ao tentarem retomar os estudos, os alunos costumam enfrentar desafios, como a crítica de vizinhos, a falta de apoio da família além das condições precárias das salas de aula e a fadiga após um dia de trabalho pesado. Somando-se a tudo isso, não podemos esquecer a realidade socioeconômica, as condições precárias em que vivem os alunos e a baixa auto-estima, que, em alguns casos, dificulta a possibilidade de vislumbrar melhores condições de vida.

Desde os anos de 1990, a legislação que defende uma educação para todos vem sendo muito discutida, com a preocupação voltada também para a alfabetização de milhares de jovens e adultos que ainda não se apropriaram do código escrito.

Mas, ainda se tem muito que melhorar nesse aspecto, porque, na prática, as alfabetizadoras vivenciam uma contradição: de um lado, está o avanço tecnológico; de outro, esse avanço está muito distante da sala de aula, pois usa-se apenas giz, lousa e saliva. Além disso, há o despreparo de alguns professores, que, à noite, já estão no terceiro turno de trabalho, geralmente desmotivados pelos baixos salários, péssimas condições de trabalho, além de não serem treinados para atuar nessa modalidade de ensino. Tudo isso reflete no fazer pedagógico, dificultando o processo de ensino-aprendizagem .



Organizando a aprendizagem de jovens e adultos baseada na experimentação e na vivência

Como dissemos anteriormente, para a realização deste estudo passamos cerca de um ano fazendo observações, em visitas às salas de aula, ouvindo o relato de outros coordenadores setoriais alfabetizadores, o interesse e a curiosidade pelos estudos freinetianos, incluindo-se a tentativa de aplicação dos princípios e técnicas da *pedagogia Freinet* a salas de alfabetização de jovens e adultos.

Percebemos que havia a predominância do uso dessas técnicas, sendo necessários apenas alguns ajustes, uma melhor apropriação dos princípios freinetianos. Verificamos,

também, que, nesse processo, todos os envolvidos, à medida que vão se apropriando da essência dessa pedagogia, passam por transformações significativas, — em especial, no que se refere ao respeito ao outro e à convivência em grupo.

Foi a partir da constatação do que vinha acontecendo nas salas de alfabetização que nos dispusemos a promover encontros quinzenais voltados para os estudos dos princípios e práticas freinetianas. Nesses encontros, discutimos aspectos relevantes da prática pedagógica, os problemas enfrentados nas salas de alfabetização de jovens e adultos, aspectos da aprendizagem desses sujeitos, buscando construir alternativas para a superação das dificuldades nos pressupostos teórico-metodológicos de Célestin Freinet.

Ressaltamos que, em tais encontros, também foram discutidos alguns aspectos que permeiam o processo educativo que julgamos relevante para uma melhor compreensão da função social da escola, da dinamização da sala de aula, da aprendizagem da leitura e da escrita, e os tipos de atividades realizadas com os alunos numa sociedade letrada.

Como se sabe, a educação não deve ter objetivos imediatistas, mas ser construção para a vida. Para isso, ela deve desenvolver um trabalho centrado nos alunos, com o intuito de atender a suas necessidades partindo do seu próprio cotidiano.

Acatando o pressuposto de que é preferível ter-se cérebros bem estruturados e mãos experientes a cabeças cheias de conhecimento, Freinet reestruturou a escola e o fazer pedagógico dos professores, convencendo-os de que apenas o uso exclusivo da palavra não bastava, mas que deviam desenvolver atitudes que demonstrassem essas mudanças, capazes de tornar a escola viva, participante, mais interessante para os educadores, na construção de uma sociedade mais justa.

A escola voltada para o homem do século XXI deve estar em constante modificação, a fim de acompanhar o progresso da tecnologia e do interesse do homem moderno. Nesse

sentido, há uma exigência cada vez maior da adequação do uso da leitura e da escrita no cotidiano.

Partindo desse ponto de vista, propusemos às alfabetizadoras investigadas a realização de experiência com a utilização de diversos textos nas salas de alfabetização de jovens e adultos, visando à exploração pedagógica de algumas necessidades dos alunos, como:

- a) *conteúdos significativos e oriundos de seu convívio;*
- b) *clareza de linguagem e riqueza de sentidos;*
- c) *conhecimento de diversos gêneros literários que estão presentes nas experiências cotidianas dos alunos;*
- d) *contato com elementos da própria cultura escrita que passam a ser explorados pedagogicamente e na perspectiva de interdisciplinaridade;*
- e) *discussões provenientes das realidades sociais.*

Nesse sentido, nossa experiência foi desenvolvida com a utilização dos princípios e práticas freinetianas no contexto da alfabetização de jovens e adultos, em busca de uma melhor compreensão do contexto, tentando viabilizar uma prática pedagógica viva, significativa.

Enfrentamos, ao longo do percurso, resistências quanto à metodologia de ensino aplicada em sala de aula, especialmente por parte dos alunos. Atribuímos isso ao modelo de escola que eles conheciam e com o qual tinham fracassado até então. Ao passar a freqüentar o projeto, eles tinham o objetivo de suprir o fracasso a partir da única referência que possuíam. Nesse sentido, Freinet (1977, p. 16) diz: “Sabe-se vagamente que o método global é como um

símbolo da não obediência às práticas tradicionais que ensinam a letra, a sílaba, a palavra e só depois a frase.”

O processo de alfabetização a partir da utilização de um trabalho de análise dos textos dos próprios alunos exige do alfabetizador um processo de negociação e conscientização, para que o aluno se sinta seguro e capaz de enfrentar os desafios.

De acordo com a proposta freinetiana, deve-se valorizar a produção do aluno ao invés do uso do livro didático, que limita o desenvolvimento da criatividade do aluno. Sobre esse tema Freinet (1976, p.54) assim se expressa:

Devemos dizer, por fim, para evitar todos os mal entendidos, que a nossa coordenação não visa os livros, cujas virtudes jamais seremos capazes de enaltecer suficientemente, mas os livros que se usam como ‘manuais escolares’ para o estudo e o trabalho na escola, ‘súmulas’ sem horizonte, especialmente escritas tendo em conta os programas e os exames.

Freinet (1977), em seu livro *A leitura pela imprensa na escola*, comenta um trabalho realizado por Decroly, que fala da construção da fala na criança. No qual ele diz:

Para falar, ela nunca parte da letra ou da sílaba, nem mesmo da palavra, mas da expressão global. Se só tiver uma palavra à sua disposição essa palavra estará já num contexto de entonação e de música que lhe confere o seu elevado valor global (Freinet, 1977, p. 17).

Nesse sentido, ao aprender a pronunciar as palavras, a pessoa não necessita apegar-se aos elementos que constituem a palavra (letra, sílaba), mas à idéia daquilo que deseja expressar. Pode-se, portanto, estender esse raciocínio para o aprendizado da língua materna; ou seja, para se aprender a ler e escrever, faz-se necessário compreender o sentido global da palavra; caso contrário, ocorrerá a simples decodificação.

Ao percorrer os caminhos que nos indicariam uma resposta positiva para nossas inquietações, contamos com a participação das alfabetizadoras das duas turmas com as quais trabalhamos, que nos ajudaram a construir o nosso referencial empírico, através do acompanhamento sistematizado de suas práticas quotidianas.

A participação no grupo de estudos era optativa, como propõe Célestin Freinet, que afirma que sua pedagogia deve ser uma pedagogia de adesão, deve ser uma atitude livre da qual os sujeitos se sintam estimulados a participar e que queiram vivenciar.

✓ AS REUNIÕES DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS

As reuniões de estudos pedagógicos foram muito importantes para a discussão das práticas freinetianas e dos seus desdobramentos no dia-a-dia das ações pedagógicas das alfabetizadoras. O conhecimento como uma atividade inseparável da prática social, o alfabetizador como mediador do processo ensino-aprendizagem, e uma dimensão político-social inerente a esta prática pedagógica, implicando numa reflexão sobre os alfabetizados e seus contextos de vida assinalaram esses momentos significativos de estudos.



FOTO 10 - Grupo de estudos da *pedagogia Freinet*

Nossos encontros eram realizados quinzenalmente, às sextas-feiras, no turno matutino. Foram previstas dez sessões, porém só foi possível a realização de nove delas, em virtude do calendário universitário e de feriados, que coincidiam com os dias dessas reuniões. A duração de cada sessão era de cerca de duas horas e meia.

A coordenação dos encontros ficou sob a nossa responsabilidade, com a participação e a colaboração da professora Giovana Carla Cardoso Amorim de Melo e do professor Francisco de Assis Pereira.

Nesses encontros, fomos construindo um ambiente acolhedor e aberto a discussões referentes ao fazer pedagógico da *pedagogia Freinet*, compartilhando experiências. Esse espaço privilegiado também era onde buscávamos a superação das dificuldades encontradas

nas salas de alfabetização de jovens e adultos — desde a falta de estrutura física à impossibilidade de se incrementar o ambiente alfabetizador, pois muitos locais de funcionamento das turmas do projeto Redução do Analfabetismo não ofereciam condições para exposição dos trabalhos dos alunos, inclusive correndo-se o risco de destruição.

O contato permanente com as alfabetizadoras do Projeto Redução do Analfabetismo permitiu que fosse traçado o perfil de cada uma delas. Desse modo, passamos a conhecer de perto seus pontos fortes, os compromissos com a educação dos jovens e adultos, as expectativas, as fragilidades, as dificuldades, angústias. Percebemos, ainda, como as alfabetizadoras mobilizavam os saberes para aplicar as idéias do ensino ativo: mesclavam essas idéias com as do ensino tradicional, característico da formação da maioria delas.

Pudemos observar que algumas alfabetizadoras avançaram mais nos aspectos atitudinais, pois a abertura para o diálogo estava sempre presente nas salas pesquisadas. O ritmo do aluno também recebia uma atenção especial.

As situações de ensino-aprendizagem baseadas em princípios da *educação ativa* começavam a ser sutilmente ampliadas, apesar de presenciarmos algumas ocorrências em que conteúdos eram memorizados de modo fragmentário. Esse fato era uma marca sempre presente, consequência da formação das alfabetizadoras. De certa forma, não poderia ser diferente, pois o novo assusta um pouco e nem sempre podemos nos desvincular das nossas origens, das nossas referências.

A partir das inquietações e sugestões das alfabetizadoras, alguns estudos específicos sobre as técnicas freinetianas foram realizados para facilitar o desenvolvimento do ensino-aprendizagem da língua materna, como estratégias para a superação dos *erros* dos jovens e adultos em processo de alfabetização. Paralelamente, discutimos questões ligadas ao desenvolvimento cognitivo na alfabetização de jovens e adultos.

Iniciamos nossos estudos com a apresentação de um breve histórico da vida e do trabalho de Freinet e do contexto educacional da França nos anos 20. A partir dessa contextualização, passamos à discussão dos princípios pedagógicos das técnicas educativas de freinetianas.

Dentre os princípios freinetianos, percebemos que as alfabetizadoras faziam uma aplicação mais acentuada da *livre expressão*. Isso ficou patente quando elas declararam que a *livre expressão* é fundamental para o desenvolvimento de uma prática pedagógica centrada no aluno das classes populares que vem se mantendo à margem da sociedade.

✓ AS DIFICULDADES ENCONTRADAS

Ao longo de nosso trabalho, enfrentamos muitas dificuldades pedagógicas de organização do espaço educativo, uma vez que não podíamos expor os trabalhos dos alunos na sala de aula. As tentativas de trabalhar com painéis e murais foram frustradas, chegando ao ponto de, no dia seguinte à exposição do trabalho, este ser encontrado rasgado e na lixeira.

A alfabetizadora SSA nos revelou certa vez:

[...] não dá pra trabalhar porque os outros arrancam, rasgam[...]. comigo aconteceu que jogaram no lixo [...].outro dia cheguei e encontrei molhado os livros que consegui de doação [...] As alunas ao encontrarem seus trabalhos no lixo ficaram muito chateadas e sentindo-se desrespeitadas.

Essa situação motivou o grupo a promover uma reunião com a diretora do Pólo da FUNDAC, apresentando os objetivos do nosso trabalho. Ao final da reunião, ficou acordado que as alfabetizadoras poderiam utilizar o espaço da melhor forma possível, mas, na prática, os *acidentes* com os trabalhos fixados na parede continuaram acontecendo.

Num desabafo, SSA diz:

É muito difícil, pois há muita má vontade por parte de quem cede o espaço. Mesmo enfrentando esses obstáculos sentimos que, de certa forma, vai fortalecendo e permitindo uma maior organização no momento de reivindicar seus direitos, de forma crítica contribuindo para a constituição da cidadania desse grupo.

Outra alfabetizadora também encarou situação semelhante: teve o seu *correio* arrancado e pisoteado por alunos de outros turnos. Essa situação motivou a discussão acerca do respeito ao outro, limites, uma vez que os jovens e adultos da pesquisa se sentiram desrespeitados e seu trabalho desvalorizado. Após esse incidente, foi necessário um período de negociação e de elevação da auto-estima, pois muitos não se sentiam capazes nem em condições de realizar determinadas tarefas. Foi de grande relevância toda a iniciativa de estimulá-los a produzir textos diversificados, tais como o jornal mural da sala de aula, quando tiveram a oportunidade de se sentir capazes de ler, escrever, desenvolvendo ações educativas. Transparecia seu entusiasmo, que os impelia ao capricho, favorecendo para que tudo saísse da melhor forma, com o melhor acabamento possível, visto que tinham a consciência de que aquele registro ficaria ali por muito tempo.

Outro ponto que mereceu destaque foi a limpeza e a manutenção da sala de aula, muitas vezes feita pela própria alfabetizadora e pelos alunos, pouco antes do início das

atividades do dia. Tornou-se imprescindível desencadear uma discussão acerca do papel da escola e dos alunos diante de uma situação como essa.

Tais atitudes de desrespeito atrapalhavam o desenvolvimento do trabalho proposto pela *pedagogia Freinet*, uma vez que ela tenta conjugar várias atividades, sistematizando-as em momentos de produção individual ou coletiva. São de grande importância os momentos de exposição dos trabalhos para o grupo. Para que isso se concretize, deve ser gerado em sala de aula um clima de cooperação e confiança pelo grupo.

Uma sala de aula verdadeiramente freinetiana exige um espaço propício para que os alunos vivenciem experiências tateantes. Caso contrário, a educadora deverá tentar suprir essa deficiência montando outras estratégias pedagógicas que conduzam a turma a atingir seus objetivos.

É no contexto da sala de aula que tudo se concretiza, ganha força e vida na pedagogia freinetiana, porque ela rompe com os padrões pré-estabelecidos pela escola tradicional, começando pela disposição das carteiras. As salas adquirem característica de oficinas de trabalho, ou de ateliês, estimulando o aluno a trabalhar em grupo. Nesse espaço, vale a pena salientar, o aluno tem também a liberdade para executar tarefas individualmente, respeitando-se seu ritmo e sua autonomia. O papel do professor mediador é importantíssimo, buscando estar sempre disponível nos momentos em que o aluno necessita da sua intervenção.

A vida na sala de aula

A democracia de amanhã prepara-se pela democracia na escola. Um regime autoritário na escola não seria capaz de formar cidadãos democratas. (FREINET, 1969, p.187).



Foto 11 - Alunos apresentando suas produções

A *pedagogia Freinet* revela-se pelos seus princípios e práticas: utiliza a pesquisa como princípio educativo, fundamenta-se em valores universais — como a autonomia, a responsabilidade e a cooperação —, utiliza estratégias dinamizadoras na sala de aula.

A sala de aula com características freinetianas apoia-se nas necessidades e direitos dos educandos, que precisam ser reconhecidos e respeitados. A originalidade dessa pedagogia está no caráter atribuído às atividades escolares, assumidas como um verdadeiro trabalho e durante as quais o professor se coloca à disposição dos jovens e adultos, para que eles possam divulgar suas realizações (SANTOS, 1996).

Nas turmas freinetianas, os alunos realizam um trabalho criativo e recebem, dos alfabetizadores e dos colegas, comentários, críticas e sugestões acerca das suas produções. A

livre expressão é reconhecida como elemento central de todas as ações. Por isso mesmo, a sala de aula Freinet é um convite permanente ao trabalho, ao diálogo e à comunicação.

Nas atividades freinetianas, exercícios rotineiros cedem lugar à realização de projetos, aulas-passeio, enquetes, álbuns, livros da vida e à prática da correspondência interescolar, dentre outras.

A sala de aula se organiza em cantos de trabalho onde são desenvolvidos momentos coletivos, momentos em equipe e individuais, nos quais são previstas conversas, planejamento cooperativo de atividades, narração ou leitura de histórias, planejamento de visitas e trabalhos em oficinas.

Os alunos vivem alternadamente diferentes papéis — ajudando e sendo ajudados, auxiliando e sendo auxiliados, criticando e recebendo críticas, propondo sugestões e realizando-as cooperativamente. Da mesma forma, as alfabetizadoras têm como intencionalidade central motivar o educando a se expressar, a pesquisar, a interagir e a decidir. Assim, tornam-se ambos — alfabetizadora e alfabetizados — responsáveis, respondendo pelos seus atos e exercitando a democracia no interior da sala de aula.

Algumas técnicas concretizaram a *livre expressão* nas salas de aula com que trabalhamos, concorrendo para a dinamização das atividades bem como possibilitando o respeito aos interesses e ritmos de cada educando.

Eis um comentário da alfabetizadora SSA sobre as atividades realizadas:

[...] As técnicas mais utilizadas foram: partindo do histórico de cada um, nós fizemos a biografia, os aniversariantes de cada mês e a aula passeio... e inclusive nós descobrimos os meios alternativos de transporte daqui da comunidade [...] como o trem urbano que é mais econômico [...]

A alfabetizadora ECBS também comentou sua experiência com a aplicação das técnicas freinetianas na alfabetização, no contexto da sua sala de aula com jovens e adultos:

É. [...] Não foi fácil e acho que hoje, se eu ainda estivesse dando continuidade, não estaria sendo fácil porque [...] é uma coisa a longo prazo. Não é uma coisa imediata. Eu vejo alguns resultados que se consegue com essa proposta. Eu vejo alguns resultados porque é uma mudança muito assim... é uma mudança do alfabetizador, do professor. É uma mudança nos alunos, é uma mudança na escola. Senão a gente não consegue. A gente consegue apenas aplicar as técnicas, mas não a proposta em si. Ela exige muita dedicação, muito trabalho.



Foto 12 – A Vida na sala de aula freinetiana

A sala de aula freinetiana oportuniza um novo tipo de organização do ambiente escolar: este vai se constituindo à medida que os alunos vão se familiarizando com a dinâmica da sala de aula e vivenciando situações de trabalho real, desempenhando diferentes papéis sociais. Mas como isso pode ocorrer?

No momento em que os alunos passam a desenvolver o trabalho de forma coletiva vão se alternando os papéis: num dado momento, um aluno desenvolve o papel de liderança, é o responsável, o que sabe ajudar e pedir ajuda, fazer apreciações críticas e ser criticado, vivenciando na sala de aula um espaço privilegiado, incluindo-se a busca de resolução dos conflitos que surgem ao longo do percurso. São negociadas as soluções coletivamente, através da construção/reconstrução das regras de vida pelo próprio grupo.

O fato de reconhecermos a importância da busca do sentido político na aprendizagem da leitura e da escrita dos jovens e adultos nos conduz a uma aprendizagem global, na qual o aluno aprende na escola a interagir, a se comunicar, a questionar, a problematizar a sua realidade social, bem como, produzir linguagem verbal e não-verbal, além de estabelecer relações com o seu cotidiano.

Por isso chamamos a atenção para que o desenvolvimento do processo de alfabetização se consolide num contexto de interação com a escrita, utilizando-se palavras, frases, textos, atividades realizadas em consonância com a vida dos educandos.

4.2 Discussão dos dados

4.2.1 – Construindo caminhos para uma prática pedagógica viva com as técnicas freinetianas da *livre expressão*

Em contatos mantidos com pessoas vinculadas ao Movimento da Escola Moderna no Brasil, nos foi informada a escassez, até o início de nossa pesquisa, de experiências da *pedagogia Freinet* com jovens e adultos analfabetos ou de pouca escolaridade, o que mais

estimulou nosso interesse pela fundamentação nesse tema e a experimentação no campo empírico.

Com base nos princípios freinetianos, aplicamos estratégias dinamizadoras baseadas no princípio da *livre expressão* e as técnicas correspondentes nas salas de aula pesquisadas, concorrendo essas técnicas para a construção de circuitos comunicativos e interativos bastante ricos.

Salientamos que o trabalho com a *livre expressão* foi bastante motivado: as alfabetizadoras desenvolveram estratégias que despertaram o interesse dos alunos. Quando perguntamos de que modo os alunos sentiram necessidade de se expressar livremente, a alfabetizadora SSA se pronunciou:

A questão da singularidade. Onde a minha opinião pode ser comum, no entanto, há particularidades na minha forma de expressão seja ela corporal, seja de idéias... Sejam palavras que a meu vocabulário acrescente. Então, essa idéia de singularidade trouxe a cada uma... Uma necessidade de participar, de ser parte de um todo, que eu faço falta no grupo. Então, assim... a gente percebeu que eles hoje participam mais por querer se inscrever no contexto social, num seguimento, seja num grupo... Significou muito na vida dessas pessoas.

A alfabetizadora ECBS disse:

Tinha um aluno... Seu J. Ele era muito difícil de se entrosar. Ele se deu muito bem comigo. A gente tinha uma confiança, mas para trazer ele para o grande grupo era muito complicado. Porque ele tinha confiança em determinadas pessoas e outras não. É... a gente foi tentando[...] Vendo com quem ele se aproximava mais, procurando fazer... sempre procurando fazer alguém que ele... pra que ficasse ao lado dele com outro grupo.que era dona P. e também pessoas que eram da mesma religião que ele. Então, eu colocava duas ou três pessoas que eram da mesma religião que ele. Então, eu colocava duas ou três pessoas num grupo e aí ele participava, mas ainda era complicado.

Para possibilitar a alfabetização dos nossos alunos, foram exploradas, em nossos projetos, atividades que atendiam às necessidades coletivas e às individuais, a partir das técnicas da pedagogia freinetiana, conforme elencamos abaixo.

✓ Livro da vida

O objetivo dessa prática educativa é estimular a *livre expressão* do aluno através da escrita, da colagem, do desenho, enfim, o mais relevante nela é o desejo do aluno de comunicar-se.

O *livro da vida* é um espaço privilegiado para o registro do cotidiano da turma. Os alunos se sentem muito felizes por terem um espaço para exercitar a sua *livre expressão*, como nos falou a alfabetizadora ECBS, em uma das nossas reuniões de estudos: “Você precisava ver a satisfação dela ao deixar sua marca no livro da vida...”

Em nossa pesquisa, os alunos criaram muita resistência a essa técnica. Fomos tentando, através de nossas observações, encontrar alguma resposta para esse tipo de comportamento e chegamos à conclusão de que o fato de o livro da vida ser trabalhado de forma coletiva e de ficar exposto para qualquer pessoa que quisesse saber um pouco do cotidiano daquela sala de aula, o que fora produzido pelos alunos, tornava um pouco complicada a motivação para esse tipo de atividade, devido à dificuldade deles para mostrar sua obra, especialmente através do registro escrito.

Quanto à resistência dos educandos, buscamos referências nos fundamentos da pedagogia freinetiana e nos questionamos: Será que o grupo ainda não consegue se vê cooperando?

Percebemos que, diante de determinadas situações, de determinados desafios, os educando se comportam de modos diferentes. Quando se sentem capazes/confiantes para solucionar um problema, eles se prontificam, agem rapidamente. Porém, em situações que apresentem um certo desafio, eles desistem com facilidade e se escondem atrás das seguintes frases: “Eu não sei...” “Eu não posso...” “Eu não sou capaz de fazer...” e alguns assumem: “Eu tenho medo de errar...”

Diante de uma situação dessas, o mediador deve ter muita clareza de seus objetivos e tranquilidade para encorajar os educandos a superar essas dificuldades através do fortalecimento da auto-estima, sempre lembrando os avanços realizados por eles ao longo da trajetória empreendida.

✓ **Textos individuais e coletivos**

Buscamos estimular o processo de alfabetização, como recomenda PEREIRA (1997, p.103), através da “utilização do texto em situações de real interlocução e de clima de liberdade onde o aluno possa pensar e se expressar, pondo em xeque a tradicional forma de ensino da escrita, ainda hoje adotada em nossas escolas.”

Estimulado inicialmente nesse nível, o debate, enriquecido pela produção textual, necessariamente busca ampliar-se significativamente na socialização. A troca de idéias dirige-

se para a produção de texto nesse incentivo gerador de confiança e respeito. Aqui se realiza o processo educativo, quando a alfabetizadora conduz seu aluno a níveis mais significativos.

O *texto livre* — como o próprio nome sugere, é livre. Embora não seja exigido pelo professor, deve ser estimulado cotidianamente e o aluno poderá sentir necessidade de socializá-lo.

Os alunos devem ser estimulados a debater, trocar idéias, experiências, produzir textos individuais e coletivos. Uma das estratégias utilizadas para iniciar a produção de textos dos alunos nas turmas que investigamos foi levar para a sala de aula textos diversificados. No início foi muito difícil, pois eles “exigiam” “o b - a - ba.” E reclamavam muito dizendo: “Ah! É um absurdo querer ensinar a gente com texto se nem conhecemos direito o alfabeto...”

Com muita paciência, as alfabetizadoras foram conquistando a confiança dos educandos, através do incentivo diário e constante, havendo casos relatados por elas em que, depois de um tempo, eles começaram a trazer textos como poesias, panfletos, jornais, revistas para serem discutidos em sala de aula ou, até mesmo, fizeram a socialização de textos interessantes.

Algumas vantagens foram evidenciadas com o uso do *texto livre*, mesmo que essa técnica tenha sido um verdadeiro desafio para os grupos trabalhados. Para a alfabetizadora SSA, os alunos, no *texto livre*,

Puderam mergulhar na própria subjetividade, descobrindo o quanto eles tinham guardado e podiam expressar. É uma história de que Eu não sei... Não posso... Eu não consigo... De repente ele diz: Eu fiz isso tudo? E não foi? E não foi é... recomendado o número de linhas, nem... nem de palavras. Elas ficam a vontade de fato e a coisa flui e se surpreendem com o resultado.

Também para a alfabetizadora ECBS há vantagens no uso do *texto livre*:

Quando eles começam a perceber que podem produzir, reconhecer textos, então [...] essas foram as maiores vantagens que o texto livre produziu. E o prazer mesmo de dizer: Hoje eu estou sabendo ler e escrever.

Ressaltamos, com a alfabetizadora SSA, que no início do trabalho com o *texto livre*, os alunos se apresentavam inibidos:

Há um medo, no princípio de se identificar nas produções? No início eram anônimas, com o passar do tempo [...] com a reescrita do texto[...] visto uma segunda leitura [...] a organização da ortografia[...] com a arrumação foram perdendo a inibição da questão do erro... o que está errado[...] fica feio. E aí surgiu uma identificação de assinatura, de assumir o trabalho, a autoria.

Esses relatos nos remetem a Paulo Freire (2001) quando fala da descoberta dos alunos de suas possibilidades de aprendizagem e afirma que é fundamental o papel do educador, aquele que auxilia o aluno a “reconhecer-se como arquiteto de sua própria prática cognoscitiva (FREIRE, 2001, p. 140).” (grifo do autor)

Ao introduzirmos o uso do *texto livre* como uma técnica educativa da *pedagogia Freinet*, as salas de aula se transformaram em espaços de expressão, produção, com um novo sentido para os alfabetizandos, que passaram a atuar como sujeitos da sua própria aprendizagem, exercendo sua humanização.

Jornal escolar

Instigados em sua sensibilidade pelas alfabetizadoras, os alunos decidiram realizar um jornal escrito, no qual tiveram espaço para exercitar sua *livre expressão*.

Antes da confecção do jornal, fez-se a vivência, para que eles pudessem ter acesso ao jornal, manusear, conhecer, podendo ler, discutir, comparar os cadernos, enfim para que conhecessem a estruturação do jornal em si. Primeiramente foram escolhidos os assuntos a serem abordados naquela edição, a periodicidade do jornal, além do material necessário à confecção, optando-se pelo jornal mural. Registramos um desses momentos de produção na turma da alfabetizadora SSA, como podemos ver a a seguir:



Foto 13 – Produção de um jornal mural

✓ Festa de aniversário²

Estimular o aluno a aprender com prazer, divertindo-se, quando se trata de alfabetização de jovens e adultos, é considerado o método para a conquista do aluno, pois serve de pretexto para a utilização do lápis e do papel. É importante lembrar a necessidade do ser humano de socializar-se, confraternizar-se com seus pares, como numa solene celebração da vida.

O momento festivo deve ser muito bem aproveitado na adequação à aprendizagem em sala de aula por envolver conteúdos lingüísticos diversificados como ocorre na produção: do cerimonial, da homenagem, do convite, do cardápio, perpassando pela integração do grupo e a socialização, e culminando na aprendizagem.

Nas duas turmas pesquisadas, observamos que tudo foi muito bem pensado. Uma das primeiras providências tomadas foi a realização de uma reunião cooperativa, na qual foram apresentadas propostas, como a promoção de uma festa de aniversário, de um São João, um Natal, com a divisão de tarefas: ornamentar, animar, etc. Nessas comemorações, os alunos revelam seu talento musical, ao tocar violão, pandeiro; recitavam poesias; até acompanham as letras das músicas no videokê. Os alunos se sentiam extremamente valorizados, encorajados a enfrentar a vida, graças ao ambiente acolhedor e de confiança. Isso é muito gratificante, uma vez que permite ao aluno experimentar suas possibilidades criativas.

² Essa prática consta do livro da Professora Maria Lúcia dos Santos, militante do *Movimento da Escola Moderna* (fundado por Célestin Freinet), intitulado “A expressão livre no aprendizado da Língua Portuguesa – (Pedagogia Freinet), da Scipione (1993).



Foto 14 - Preparando a festa de aniversário

O principal, dentre os vários motivos desencadeadores do abandono da escola por jovens e adultos “analfabetos”, seja a sua baixa auto-estima.

Muitas turmas realizaram festas de aniversário, proporcionando para alguns colegas momentos ímpares. Muitos vivenciaram pela primeira vez a realização de um evento festivo — uma ceia de Natal, aniversário — , momento de excelência em suas vidas. Nesses eventos, todos os envolvidos no processo — coordenação, professor, alunos — têm oportunidade de se conhecer melhor, num ambiente descontraído e cooperativo: os alunos mostram-se mais espontâneos, receptivos, por perceberem possibilidades de amadurecimento, encorajados pela pedagogia freinetiana.

Aula-passeio

Dentre as práticas freinetianas, no contexto da pesquisa que realizamos, a mais conhecida de todas é a aula-passeio. Com essa prática, além de ensinar, oportuniza-se aos alunos conhecerem espaços culturais, monumentos históricos, auxilia-se o processo de integração na escola e, concomitantemente, os alunos passam a conhecer melhor o espaço onde vivem.

Sobre esse aspecto, a alfabetizadora SSA nos relata:

[...] através das aulas-passeio ampliamos os horizontes. Fomos a Parnamirim, à Ribeira, percorrendo o trecho do trem urbano, que é bem mais econômico. E entre outros como visitar a Praia do Forte, que destaca o contexto histórico da cidade[...]

Quanto a esse aspecto de abertura para conhecer a história da cidade em que vive, através da aula-passeio, percebe-se a integração da vivência do aluno. Nesse caso, a memorização funciona como um complemento. No processo ensino-aprendizagem, o estudo da história, na escola tradicional, obriga a memorizar conteúdos considerados importantes, no entanto sem se estabelecerem reflexões, conexões com o contexto do aluno e sem se mostrar a possibilidade de esses conhecimentos serem aplicados em outras situações. Essa vivência permite que os alunos passem a ter uma visão mais significativa sobre monumentos históricos, fatos que ocorreram em outro espaço temporal. A mudança desse olhar pode ser observado quando SSA diz:

Na verdade[...] eles conheciam esses locais por nomes, apenas, por citações[...] Não o contexto histórico e o valor desses conteúdos para a vida da cidade, como por exemplo: a Praça André de Albuquerque[...] Porque que tinha esse nome? A igreja[...] A primeira igreja que a cidade[...] A cidade nasceu ali naquele contexto[...]



Foto 15 – Percurso do trem urbano

E nessas viagens pela história também foram feitas descobertas importantes, como a possibilidade de utilização do trem urbano para o deslocamento diário. As alunas entenderam que, para isso, bastava apenas se programarem e, com um custo menor — se comparada a tarifa do trem com a tarifa do ônibus coletivo, meio mais utilizado por elas —, teriam outra opção de transporte.

Uma das alunas calculou, e disse que, com o valor de uma passagem de ônibus, seria possível ir do bairro do Alecrim ou ao Centro, e que, se fosse comprada uma quantidade acima de dez tickets na estação da Ribeira, receberiam um desconto, conforme havia sido dito pela alfabetizadora SSA:

Esse trem urbano é bem mais barato porque dá para andar por toda a cidade... inclusive no Alecrim... e assim, todo mundo foi descobrindo um vizinho... o trem.. o barulho, incomodava às vezes, mas de repente ele beneficia muita gente!

Após esse nível de compreensão ser incorporado pelos alunos, o benefício do trem urbano serviu de exemplo à comunidade local, que hoje a utiliza, no seu dia-a-dia, como meio de transporte, como nos diz a alfabetizadora SSA:

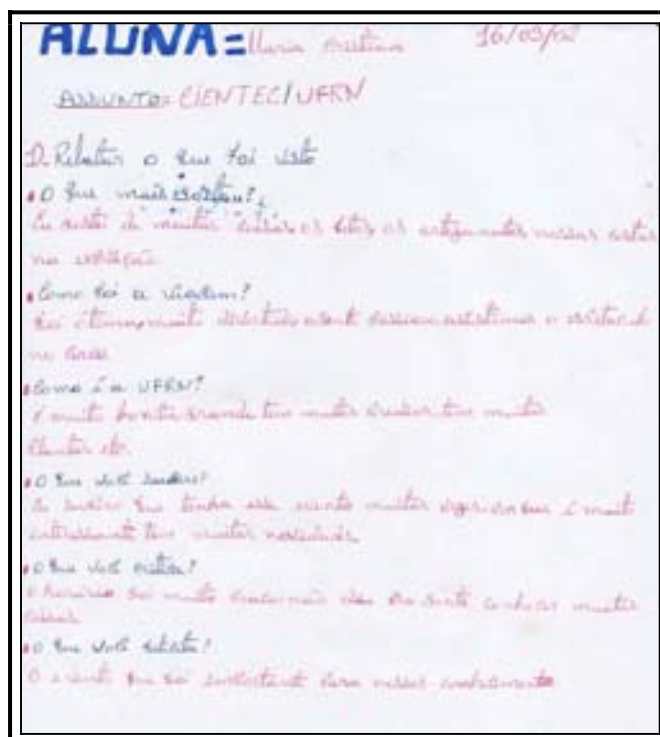
Hoje elas conseguem administrar os horários .Organizam-se para ir a eventos, a consultas médicas, fazem compras na feira do Carrasco e trazem a bagagem no trem.... O horário é agendado e se alguém perguntar informam o horário dos trens. E as promoções para as pessoas que adquirem os passes em quantidade.

Como podemos perceber, a atividade que começou a ser desenvolvida em sala de aula estimulou as alunas a refletirem, questionando a situação prática de utilização do transporte com tarifa acessível, descoberta mediada pela alfabetizadora, numa perspectiva de assimilação dos conteúdos pelos alunos.

Para a realização de uma aula-passeio a alfabetizadora deve chamar a atenção para as situações reais de comunicação e expressão que deverão ocorrer, o prazer de aprender, as emoções, a afetividade. Essa atividade deve estimular o aluno a ser um sujeito ativo. Como se pode perceber, a *aula-passeio* inicia bem antes de a turma sair da sala de aula.

As alunas de SSA, ao receberem o convite para visitar a CIENTEC 2002, na UFRN, ficaram empolgadas: foi uma festa! Uma das alunas disse: “Ah! Quando a gente voltar vamos ter que escrever sobre o que vimos lá na UFRN, pra num esquecer nunca mais...” E já saíram todas estimuladas a questionar sobre o que veriam. Podemos observar esse interesse no questionário construído por elas para registrar o que foi visto durante a *aula-passeio*. As questões revelam sugestões, críticas, além de “parabenizar”, destacando o evento de que

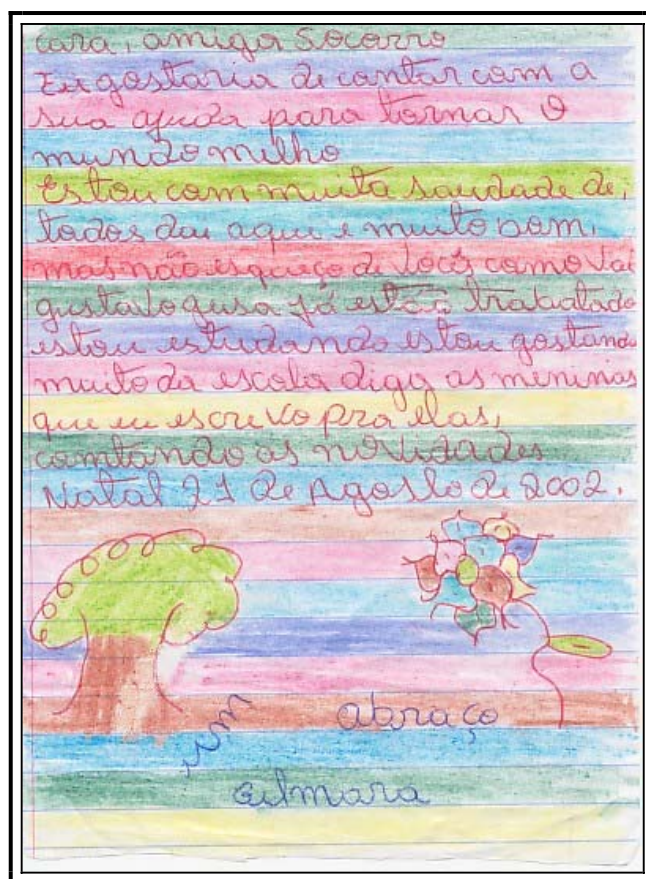
participaram como sendo muito importante para a aquisição do conhecimento, conforme podemos verificar no texto da aluna MC:



✓ Correspondência interescolar

A necessidade de comunicação, de correspondência, de estabelecer um diálogo na proposta educacional freinetiana é aproveitada possibilitando-se ao aluno a prática dessa correspondência, capaz de ampliar a sua auto-estima, sua afetividade. Assim, ele tem a oportunidade de acesso a contextos diferentes.

Além desses aspectos, destacamos também o cuidado com a apresentação do texto, como podemos verificar nesta carta:



Carta para uma amiga

Conforme vimos demonstrado, na nossa pesquisa foi possível aplicar alguns dos princípios da prática freinetiana exitosamente. Ao longo dessa experiência, salientamos a nossa preocupação com o processo de aquisição da linguagem de forma significativa, construído pelo próprio aluno, através da oralidade, da leitura e da escrita, caracterizando-se como uma aprendizagem repleta de vida, de sentido, por trazer a vida para a escola.

No trabalho que realizamos, ficaram evidenciadas marcas profundas no perfil das alfabetizadas e dos alunos, sempre em busca da conquista do saber. Destacamos como elementos de formação e de manutenção das turmas as relações pessoais estabelecidas entre os educandos, considerando-se em sala de aula a afetividade, o interesse pelo outro, a cooperação, além dos aspectos pedagógicos, como os conteúdos e métodos utilizados em sala de aula.

Ao longo do percurso, avaliamos o modo de produção de textos individuais e coletivos, auxiliares na teoria freinetiana. A partir dos estudos realizados com essa pedagogia, verificamos que, aplicando-se a técnica pela técnica, esta fica vazia, como se pode observar no depoimento da alfabetizadora (ECBS):

[...] Dentro do grupo de estudos mesmo, eu já tinha colocado que no princípio eu aplicava as técnicas. Então, ia aplicando porque sempre achei muito importante essa abordagem, essas formas, essas práticas[...]. Com o grupo de estudos, percebi que não adiantam só as técnicas. A gente tinha que utilizar os Princípios. E, esse grupo de estudos, foi me ajudando[...] a conhecer, a compreender melhor esses Princípios. E aí sim... eu percebi que estudando mais os Princípios é que temos como aplicar essas técnicas de forma mais adequadas.

Esse depoimento vem reforçar o que Freinet já havia dito com relação à aplicação das suas técnicas, destacando o nível de recepção dos conteúdos pelo aluno, mostrando a valorização da mestria do educador, visto que não se trata de um método ou receituário didático, nem de um caminho a ser seguido: as técnicas passam a se adequar à prática. O diferencial está na busca permanente de enriquecer e facilitar o trabalho pedagógico de acordo com a realidade, o nível cultural, a vivência de cada aluno.

Na busca de elementos que facilitassem a apropriação da leitura e da escrita, perguntamos às alfabetizadoras quais dos aspectos abordados no curso de capacitação de que tinham participado tinham despertado seu interesse pela utilização em sala de aula e obtivemos as seguintes respostas:

Para a alfabetizadora SSA:

A princípio a proposta do texto livre abre muitas portas[...] Dá margens para outras atividades e[...] tanto a trabalhar a criatividade do aluno quanto instiga ao educador a pesquisar, a estudar... daí, a necessidade de se inteirar, de se integrar... integrar-se num grupo para continuar estudando...,a formação continuada!

Curiosamente... a proposta freinetiana nos dá essa dimensão de diagnóstico, que permite primeiro conhecer os relatos de vida do aluno Primeiro eu ouvia o que trouxe cada um até essa sala de aula. Daí, fluiu naturalmente [...] Todo esse contato, aí traçamos as metas, fizemos os combinados, os acordos; isso tem motivado para a não resistência e para os bons resultados.

Enquanto a alfabetizadora ECBS nos diz:

Como eu disse... a questão da livre expressão é... a questão da capacitação. A gente trabalhou muito a questão dos ateliê. Aqueles momentos em que o aluno poderia trabalhar com o desenho livre... Os ateliês que chamaram a atenção... Que me despertou.

Percebemos que houve adequação do princípio da *livre expressão*, possibilitando a clarividência, levando à superação da timidez, da vergonha, do medo de fracassar, de errar.

Para que a *livre expressão* se concretize em sala de aula, a alfabetizadora deve proporcionar a criação de um espaço adequado e acolhedor, que desperte o prazer, a vontade de aprender, num clima de harmonia, fazendo que o aluno se sinta valorizado, especialmente nas pequenas conquistas, como nos lembra Freinet (2001 p. 41-42) (grifo do autor):

Escute as exigências normais da vida, valorize a obra do mais humilde dos alunos! ... Valorize o texto informe, dando-lhe a perenidade do majestoso impresso... Então você sentirá o orgulho da obra bem feita animar os seus jovens operários, e fará nascer e se impor essa grande dignidade do TRABALHO, que nós também desejaríamos escrever, em letras definitivas, na fachada das nossas modernas escolas do povo.

Ao longo do processo, fomos acompanhando o desenvolvimento das alfabetizadoras.

Percebemos que elas passaram por mudanças significativas, extrapolando o contexto escolar,

amalgamando o princípio freinetiano a suas vidas, seu projeto de vida. A alfabetizadora SSA nos revela:

[...] De repente a gente precisa ter Esperança para estar em sala de aula. Principalmente como pessoa. Uma coisa que essa proposta freinetiana me traz é que é preciso ter um Projeto de Vida, não basta ser só um profissional. Porque um profissional sem um projeto pessoal não vai muito longe na área de educação, principalmente.

O depoimento da alfabetizadora nos remete a Freire (2001, p. 88), quando diz que há possibilidade de mudança:

É a partir desse saber fundamental: mudar é difícil, mas é possível, que vamos programar nossa ação político-pedagógica, não importa se o projeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças, se de ação sanitária, se de evangelização, se de formação de mão de obra técnica.

Essas são lições aprendidas no dia-a-dia da sala de aula de jovens e adultos, contruídas a partir da comunhão com o outro, mostrando a contribuição da educação freinetiana. Nessa atividade rotineira, a alfabetizadora deve estar atenta às particularidades do seu alunado, objetivando o sucesso de todos.

Dentro da nossa programação de estudos, destacamos a importância de trabalhar a *livre expressão* dos alunos, jovens e adultos. Vejamos como as alfabetizadoras compreendem esse fenômeno.

Assim a alfabetizadora SSA descreve a *livre expressão*:

A livre expressão... Eu acredito que seja a democratização da escola que nós nunca tivemos acesso. Nem o educador, acredito, como o próprio aluno. O direito de ter voz, de ter uma opinião própria, a discordar... mesmo do grande grupo. Mas um espaço, a Livre Expressão mesmo. De ter direito mesmo a expressar-se.

Na mesma perspectiva, ECBS menciona:

O que é a Livre Expressão? É... Às vezes as pessoas confundem e acham que a gente vai deixar o aluno completamente livre e ele vai fazer só o que ele quer. Só e exclusivamente. E que o professor não vai poder interferir. Mas, pelo que eu entendi, pelo menos do jeito que eu trabalhei a gente planeja junto[...].Essa livre expressão é ele poder se colocar. Claro! A gente ouvir a opinião dele. Planejar junto com ele. Mas, eu não sei se estava fazendo corretamente. Mas, procurava sempre dar um direcionamento. Porque a questão pedagógica necessita desse direcionamento, mas sempre colocando a opinião dele[...] respeitando a opinião e fazendo o possível de acordo com a opinião dele, com o que foi planejado pelo grupo. Até porque eu era o grupo também.então, essa capacidade de deixar que o aluno pense, planeje junto, que diga o que ele pensa, mude as estratégias, mude as regras também, que a gente possa discutir essas mudanças.

Percebemos que a proposta de trabalho com a *livre expressão* possibilita o uso da palavra pelo educando. E se sente à vontade para exteriorizar as suas idéias, interagindo com os outros colegas e com as alfabetizadora, num clima cooperativo.

É importante ressaltar que o estímulo à *livre expressão* deve permear todo o trabalho pedagógico. Embora no princípio, a participação do grupo de alunos com que trabalhamos fosse menor, os mais extrovertidos já falavam de suas escolhas e opiniões a respeito do cotidiano. Constatamos que essa dificuldade de expressar opiniões encontrava-se atrelada ao fato de que o grupo não estava acostumado com discussões desse tipo, nas quais poderiam expor de forma clara e ampla suas opiniões, seus sonhos e desejos.

Em algumas situações, havia certa desorganização: várias pessoas falando ao mesmo tempo no momento de expor as idéias perante o grupo. As opiniões contrárias eram criticadas,

o que, de certa forma, calava os mais tímidos, que voltavam a silenciar. Aos poucos, com a continuidade do exercício de expressividade, eles foram se encorajando, até chegarem a defender seus pontos de vista com argumentos, a princípio auxiliados pelas alfabetizadoras até compartilharem do prazer da reflexão participativa, tornando-se capazes de estabelecer técnicas, novos princípios, de ultrapassar parâmetros do fazer educativo. Houve discussão acerca de política, alimentação do dia-a-dia, orçamento familiar, higiene, além de outros temas. ECBS fala desse despertar das alfabetizadoras e dos alfabetizados:

Comecei principalmente nas reuniões cooperativas a não deixar que só a minha opinião prevalecesse. Embora, muitas vezes eu não concordasse com a opinião deles, aquelas propostas. Mas, como era um grupo... A questão da democracia, aprendi muito mais do que eles.... a Proposta da Pedagogia Freinet.

Isso exige do alfabetizador muita clareza dos seus objetivos e auto-disciplina, para evitar que a sua opinião prevaleça e seja imposta ao grupo. Esse tipo de abertura permite ampliar a organização do grupo. Trabalhando-se com a diversidade de opiniões, considerando o contexto dos alunos, o consenso dificilmente pode ser estabelecido. Então, o que fazer na sala de aula? Como fazer o exercício de escutar o outro, criticar, receber críticas e ainda aceitar a decisão tomada pelo coletivo?

Aos poucos, foram sendo sugeridos para serem estudados, temas como eleições, conflitos no Oriente Médio, pontos turísticos da cidade de Natal, contexto histórico da nossa capital, meios de transporte alternativo, trem urbano. Já tendo clareza sobre a natureza do trabalho educativo, a alfabetizadora realizou a *aula-passeio* a que nos referimos anteriormente.

Ao retornarem à sala de aula, naturalmente, os alunos mostraram interesse por discutir o valor histórico dos monumentos da cidade. Provocou euforia, uma contagiante alegria, ao reconhecer-se capaz de intervir no mundo, de comparar, de escolher, de realizar

grandes ações no mundo, por sentir a presença efetiva da pedagogia freinetiana permitindo-lhe a reformulação, a recriação, o estabelecimento desse princípio pedagógico.

Com uma certa frequência, surgia timidamente na sala de aula o tema *sexualidade*. Os aprendizes apresentam esse tipo de comportamento por se tratar de um tema delicado, inclusive as alfabetizadoras também se sentiam inseguras. Apesar de elas terem construído, junto aos alunos, um ambiente de muita naturalidade e espontaneidade, essa temática era considerada “tabu”. Havia uma certa censura, que, com o tempo, foi sendo quebrada e o diálogo fluiu de forma natural. Surgiram questões sobre as mudanças no corpo na fase da adolescência, o ciclo menstrual, controle de natalidade e uso de métodos anticoncepcionais.

Surgiram também, em nossas salas de aula, problemas muito presentes no dia-a-dia dos alunos, relacionados ao consumo de álcool, cigarro, maconha, craque, cocaína, entorpecentes de um modo geral. Às vezes, ficava inviabilizada a presença de alguns deles em sala de aula, por ter sido vitimado por agressões físicas, ou mesmo na tentativa de preservar um parente em situação de risco, pois assuntos como esses são difíceis de serem tratados no grupo, levando, em alguns casos, a pessoa envolvida a isolar-se, envergonhada.

Mas, com o passar do tempo, diante da dificuldade de lidar com esses problemas, alguns passaram a encontrar na sala de aula espaço para pedir ajuda ao grupo para amenizar as aflições que surgiam a partir do vício, como a violência no lar, assaltos, tráfico. Aos poucos, os silêncios foram dando espaço à palavra e à comunicação natural, espontânea.

As salas de aula foram reorganizadas tornando-se convidativas à comunicação, ao trabalho, às atividades, organizada de modo adequado aos conteúdos a serem trabalhados. O processo de alfabetização e letramento foi facilitado com a interpretação e o uso social das informações do texto, pois os alunos sentiam uma alegria contagiante com essa rica experiência.



Foto 16 – Alunos produzindo textos

Elias (1997, p. 24 - 25) diz que o conhecimento é, para Freinet,

[...] resultado de um processo de elaboração e construções autênticas, derivado de nossas experiências – do que lemos, vemos, ouvimos, tocamos etc. – mas provocado também pela exigência da sociedade, sempre vistas a novas possibilidades.

Essa diversidade vivenciada com os textos escolares possibilitou mediações e descobertas de novos caminhos facilitadores da construção do conhecimento, buscando-se dessa maneira, contribuir para a consolidação da humanização da escola, através de uma educação para a paz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação de jovens e adultos inserida num contexto vem sendo discutida e muitas tentativas de se estabelecer um plano específico para esse público vêm surgindo, graças ao esforço de educadores comprometidos com uma educação para a transformação e a autonomia.

É urgente a decisão política para a implementação de uma educação popular, na qual o povo tenha condições de exigir que os governantes cumpram o dever de oferecer escola pública gratuita de qualidade. Temos clareza de que a educação sozinha não pode resolver todos os problemas e dificuldades do mundo, mas pode contribuir significativamente para solucionar alguma coisa. Lembramos que é preciso cuidar da formação permanente, assumindo cada um seu papel político nesta sociedade capitalista, competitiva.

Acreditamos que a prática educativa terá força para transformar a realidade em face das possibilidades sócio-históricas, rompendo com um certo *status quo* da estrutura ideológica a qual ajuda a manter o poder na sociedade atendendo interesses de um pequeno grupo. Para essa conquista, o papel da escola é primordial, uma vez que ela tem a função sociopolítica de desenvolver a autonomia de seus alunos. Tendo-se em vista que a educação é uma forma de interferir no mundo com clareza, lembramos ainda que a autonomia é um processo que acompanha o amadurecimento biopsicológico dos seres humanos, baseando-se nas experiências do indivíduo.

Entendemos que, para o alcance de uma escola democrática, faz-se indispensável a existência de políticas públicas que atendam aos interesses das classes populares, visto que a alfabetização constitui um direito humano fundamental, devendo atender à necessidade básica de aprendizagem, ponto crucial para aprender a aprender. Nesse sentido, pode-se considerá-la

fundamento de uma sociedade que reúne cidadania, competitividade, permitindo viver num espírito de solidariedade e cooperação.

O trabalho pedagógico desenvolvido nas duas salas de aula do Projeto Redução do Analfabetismo foi relevante, proporcionando um momento de reflexão acerca da nossa práxis pedagógica, com clareza sobre a natureza do trabalho educativo.

No início, havia uma certa cobrança a respeito de uma cartilha, pois os alunos traziam uma concepção de que só aprenderiam a ler e a escrever caso fossem capazes de recitar todas as lições da cartilha. As alfabetizadoras explicaram aos alfabetizados que estavam propondo algo novo, diferente do que se fazia na escola que eles tinham freqüentado ou conhecido e, com o desenvolvimento do trabalho e a percepção dos avanços, eles aceitaram a proposta. Nesse sentido, a aluna A recorda as professoras de antigamente, sugerindo um paralelo com a nova professora:

As professoras de antigamente eram mais rígidas que as de hoje. As de hoje têm muita autonomia na escola, explica melhor a pessoa. A pessoa num sabe daquela palavra e ela vai e ajuda. Antigamente, nos meus catorze anos tinha até caroço de milho, ficar de costas. Se a gente num soubesse dizer, ia pro castigo e aí a gente tinha que se esforçar. Tinha aqueles exercícios de matemática, quando a gente num sabia ia pro milho ou, então, levava madeira na cabeça.

O relato dessa aluna mostra que a presença dos castigos físicos amedrontavam e humilhavam os alunos perante o grupo.

Lembramos que o processo de alfabetização, no contexto do letramento, exige professores capacitados, capazes de compreender o modo de adequação dos conteúdos à aprendizagem dos adultos, que acontece diferentemente da aprendizagem das crianças, pois eles já trazem opinião, já têm uma visão de mundo.

Como procuramos mostrar ao longo da nossa dissertação, consideramos que obtivemos bons resultados e significativa atuação na educação de jovens e adultos, contribuindo significativamente para a promoção social daqueles indivíduos, bem como para o processo de alfabetização com conquistas no dizer, no ler e no escrever, contribuindo para um pensamento crítico das turmas investigadas.

Pelo que observamos, as turmas pesquisadas evidenciaram formas de participação e atuação, extrapolando o contexto escolar, o que produz alegria, comunhão, poder, pelo reconhecimento da função social da escola e do trabalho de alfabetização com jovens e adultos.

Pretendendo estabelecer uma nova prática educativa restauradora da autonomia, uma nova reflexão sobre prática educativa capaz de valorizar o conhecimento prévio do aluno, percebemos que o desenvolvimento de nosso trabalho num curto período produziu diferença no modo de emitir opiniões críticas nas atitudes. Os alunos tornaram-se mais confiantes e alguns até se engajaram em grupos de pastorais, em trabalhos voluntários. Não podemos deixar de frisar, também, que houve uma melhora significativa nos relacionamentos familiares e na escola: eles passaram a confiar em si próprios e, por reflexo, nos outros.

Desde o início do desenvolvimento da pesquisa, trabalhamos no sentido de compreender a aquisição da leitura e da escrita pelo jovem e pelo adulto, através da análise e da discussão a partir das concepções de aprendizagem, da *pedagogia Freinet*, de adulto, de alfabetização, de letramento, postas em prática nas atividades concretas que contribuíram para a compreensão da complexidade e da mobilização de saberes que envolvem os atos de ler e de escrever.

Nessas atividades, sempre estimulávamos as alfabetizadoras para que elas permitissem que seus alunos escrevessem livremente, embora nem sempre isso fosse possível,

especialmente no início do processo, mas aos poucos os alunos foram aceitando a idéia e quando tinham vontade produziam textos.

De acordo com Freinet (2001, p. 38): “A escrita só tem sentido se somos obrigados a recorrer a ela para comunicar nosso pensamento, além do alcance da nossa voz, além das barreiras de nossa escola.[...]”. As produções textuais dos alunos são conduzidas na sala de aula pelo princípio freinetiano da *livre expressão*, da própria vida, ao aprimorar essa expressividade no sentido de elaborar uma educação para a paz.

Os erros são importantes quando trabalhados pedagogicamente servindo de base para a discussão e a reescrita do texto, possibilitando a construção de hipóteses, através do tateamento, a partir da oralidade, passando pela escrita e culminando com a leitura.

Diante desse contexto, consideramos que a aprendizagem pode acontecer de maneira mediatizada pelo alfabetizador, possibilitando a relação direta do aluno com a leitura e a escrita, tateando, comunicando-se, interagindo com os colegas, desenvolvendo habilidades diferentes, compreendendo o mundo, o próximo e a si mesmo.

Ler exige desde a capacidade de desenvolvimento de habilidades inerentes à compreensão e à interpretação dos textos até a capacidade de fazer analogias, comparações, enquanto se escreve. Vai desde a capacidade de transcrever sons até a de interagir com o leitor. Isso implica organização e expressão de idéias, ou transcrição de unidades sonoras em símbolos escritos.

Nesse sentido, ao aluno não basta obter informações ou dados isolados; ele tem que compreendê-los e saber fazer uso deles no dia-a-dia. As atividades de leitura e escrita devem ser acompanhadas da reescrita coletiva e individual, conduzindo o aluno a refletir e levantar hipóteses acerca do processo de escrita e organização do texto.

Nas salas de aula da pesquisa baseada nos princípios freinetianos, houve espaços para a discussão, exposição da produção de texto, realizada sob a forma de projeto, cartaz,

jornal escolar, correspondência, para a narração de histórias, preparação de aula-passeio, dramatização e avaliação dos trabalhos.

Todas as atividades contavam com a participação dos alunos. Nesse contexto de trabalho, a atuação da alfabetizadora é fundamental como mediadora do processo ensino-aprendizagem, ou seja, ela desempenha o papel de sistematizadora da aprendizagem, auxiliando os alunos a realizar projetos didáticos e as atividades de alfabetização.

A pedagogia freinetiana, nesta pesquisa, caracterizou-se como uma condição privilegiada que permitiu a discussão de opiniões, estimulando a responsabilidade de se exercer a cidadania. As atividades passaram a ser compreendidas através da aproximação com a realidade do educando, e as alfabetizadoras propuseram desafios, criando situações que concorreram para o avanço dos alunos em todos os aspectos: afetivo, intelectual, emocional e social.

A relevância deste trabalho foi evidenciada por ele demonstrar a possibilidade de se construir uma práxis pedagógica capaz de restaurar a autonomia, na qual todos tenham a oportunidade de viver num clima de solidariedade e cooperação. Isso ficou evidenciado com a participação das alfabetizadoras, com o entusiasmo dos alunos na aprendizagem da leitura e da escrita, com o uso da *livre expressão* e o estímulo permanente à construção da cidadania.

Nesse sentido, lembramos ainda que nosso estudo se constitui como sendo uma relevante fonte de consulta para o processo de capacitação inicial e continuada de alfabetizadores de jovens e adultos com a referência da pedagogia Freinet. Lembramos que essa discussão não se encerra neste trabalho, pois reconhecemos nossas limitações, considerando-se a incompletude e a dinâmica do processo de produção do conhecimento.

Como pudemos observar ao longo do trabalho, a *pedagogia Freinet* pode ser aplicada em salas de alfabetização de jovens e adultos. Sentimos que ela enriquece as aulas, fortalece a auto-estima dos alunos, fazendo-os participar das atividades, produzir textos com

prazer e interesse. Esse estado de ânimo também se reflete nas relações que se estabelecem no grupo: os alunos se sentem mais motivados e cooperam para o sucesso do grupo. E isso Célestin Freinet, ao longo de sua obra, destaca como sendo de fundamental importância para a construção do indivíduo autônomo, pois a construção do conhecimento e a formação se dão através do trabalho associado à reflexão crítica da própria prática.

Ressaltamos, em relação ao objetivo geral da pesquisa, que foi possível compreender o princípio da *livre expressão* concretizado através das técnicas da *pedagogia Freinet*, que possibilitaram um trabalho alfabetizador coerente com as bases freinetianas.

Quanto aos objetivos específicos do trabalho, destacamos a dinâmica das estratégias utilizadas, que concretizaram o princípio da *livre expressão* num clima cooperativo, em que foram respeitadas as possibilidades de participação de cada educando, com vistas a uma prática discursiva e dialógica. Salientamos que, para isso foi de grande relevância a clareza e a coerência dos critérios para a escolha dos instrumentos de coleta de dados e posterior análise.

Lembramos, ainda, que foi decisiva a nossa experiência anterior de investigação na rede pública de ensino, fruto da nossa formação acadêmica na Iniciação Científica e a docência no Ensino Fundamental com crianças e também com jovens e adultos, alicerçada no diálogo com vários autores, em especial os que tratam da *educação de jovens e adultos*, da *pedagogia Freinet*, que contribuem para o desenvolvimento de uma prática pedagógica viva e significativa.

Quanto à opção pelas entrevistas semi-diretivas, nos permitiu compreender melhor o pensamento das alfabetizadoras investigadas, pois tivemos a oportunidade de compartilhar suas impressões, desejos, silêncios e falas naquele momento de construção de uma prática pedagógica reflexiva.

As técnicas freinetianas da *livre expressão* utilizadas oportunizaram, igualmente, superar medos e receios e tornar evidente que é possível agir pedagogicamente em situações limitadoras, contribuindo para uma vivência cidadã.

Ao final desta pesquisa, podemos afirmar que o princípio da *livre expressão* alcançou bons resultados, porque isso se deu em virtude da sistematização de técnicas de produção textual a ele relacionados (textos individual e coletivo, jornal, correspondência, entre outras), que possibilitaram o avanço e o dinamismo das ações, tudo isso em decorrência da postura e compromisso assumidos pelas alfabetizadoras, protagonistas desses momentos, que permitiram a nossa inserção no seu cotidiano profissional que ocasionaram o desencadeamento de melhoria do trabalho didático em suas salas de aula.

Ainda não podemos considerar que as turmas com que trabalhamos sejam classes Freinet, mas podemos afirmar que o uso do princípio da *livre expressão* apontou contribuições relevantes para o desenvolvimento da aprendizagem da leitura e da escrita na alfabetização de jovens e adultos.

Consideramos que o processo de interlocução e as relações vivenciadas com as alfabetizadoras possibilitaram lançar um novo olhar sobre o seu fazer pedagógico, a retomada de conceitos e, conseqüentemente, a resignificação destes.

Ao longo deste trabalho, pudemos estabelecer uma ligação entre os fundamentos teóricos da *pedagogia Freinet*, as técnicas de trabalho freinetianas e a concretude da ação alfabetizadora, através da utilização do princípio da *livre expressão*, que, de certa forma, foi utilizado pelas alfabetizadoras, quando planejaram, executaram, avaliaram atividades e desenvolveram estratégias voltadas para o trabalho da alfabetização de jovens e adultos nas situações de sala de aula.

Ressaltamos a importância desta pesquisa para os trabalhos da Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em especial para a base de

pesquisa que desenvolve estudos em torno dos fundamentos e das práticas freinetianas, ao mesmo tempo que registramos o caráter desafiador do nosso trabalho, que buscou articular a *pedagogia Freinet* com as experiências educativas de jovens e adultos.

Com relação à utilização da *pedagogia Freinet* no Projeto Redução do Analfabetismo, os estudos dos fundamentos freinetianos e das práticas correspondentes na capacitação das alfabetizadoras, em nossas reuniões, foram relevantes para a realização do trabalho de alfabetização nas salas de jovens e adultos, pois elas tinham subsídios significativos, que possibilitaram a articulação teoria-prática e o desenvolvimento do trabalho sem dispersão.

Nossa vivência nesta pesquisa foi, notadamente enriquecedora, pela permuta de idéias, de experiências e pelo mútuo apoio reflexivo. Acrescentamos que de modo geral, a experiência de alternativa pedagógica com o uso da *livre expressão* nas salas de aula foi relevante pois a dinâmica da sala de aula tomou um impulso novo, pois de acordo com o depoimento de outros coordenadores setoriais, estimulou a permanência e aprendizagem dos alunos.

Além desses aspectos percebemos, também, que os alunos passaram a estabelecer uma dinâmica com a escrita, através do uso da linguagem em situações reais e criativas, considerando-se que o texto possui interlocutores definidos (amigos, professoras, filhos) e que através da escrita eles puderam emitir suas idéias e sentimentos. Todas essas possibilidades de aprendizagem foram possíveis desde o momento em que eles se sentiram estimulados e à vontade para se expressar, tanto oralmente quanto através de pinturas e da escrita de textos.

Destacamos a existência de um componente nessa modalidade de ensino que é pouco valorizado em nossos dias, porém de fundamental importância: a afetividade.

Em suma, este estudo permitiu a reflexão sobre as múltiplas facetas que envolvem o processo de alfabetização de jovens e adultos alicerçado na pedagogia Freinet que em alguns

pontos primordiais prioriza o desenvolvimento do ser humano: o respeito ao ritmo de cada aluno, a *livre expressão*, a cooperação, a integração, a afetividade, a abertura da escola para a vida e para o futuro. Esses são estímulos fundamentais no processo de educação, capazes de atender à necessidade que todo ser humano tem de expressar suas idéias e ser considerado.

Ressaltamos ainda, a relevância deste trabalho, para a ressignificação de nossa própria prática docente, possibilitando que nos envolvêssemos num clima de otimismo, passando a acreditar que a *pedagogia Freinet* pode contribuir como uma alternativa pedagógica comprometida com a construção dos significados da leitura e da escrita pelos educandos, através do convívio constante entre alfabetizadores e alfabetizados, com os textos, bem como situações didáticas construídas numa perspectiva cooperativa e dialógica.

No contexto atual, o educador precisa estar preparado para enfrentar os desafios da profissão docente, com uma formação profissional que abranja Saberes diversos, as Habilidades, as Atitudes e Valores, considerando os aspectos cognitivo, afetivo, histórico, social e político, indispensáveis à formação de cidadãos capazes de enfrentar os desafios de seu tempo.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas:

Papirus, 1995.

_____. ; LUDKE, Menga. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1996.

_____. Tendências atuais da pesquisa na escola. In: **Caderno CEDES** v.18 n.43 Campinas Dez. 1997

BARRETO, Vera. **Paulo Freire para Educadores**. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.

BOGDAN, Robert.; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em educação, uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Lisboa: 1994.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1992.

CAMBI, Franco. História da Pedagogia. Tradução: Álvaro Lorencini: São Paulo: UNESP, 1999.

CNE. Resolução CNE/CEB 1/2004 Diário Oficial da União, de 4 de fevereiro de 2004, Seção 1, p. 21. http://www.mec.gov.br/seesp/pdf/res2_b.pdf <acessado em 18/09/2003>

COMÊNIO, João Amós. **Didática Magna**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CORDEIRO, Waldília Neiva de M. S. ; VALE, Maria Luiza lima do. Alfabetização. In: ELIAS, M. D. C. (Org.). **Pedagogia Freinet: teoria e prática**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

DI PIERRO, Maria Clara; GRACIANO, Mariângela. **A educação de jovens e adultos no Brasil: Informe apresentado à Oficina Regional da UNESCO para América Latina y Caribe. Ação Educativa; São Paulo, Brasil - Junho de 2003.**

DI ROCCO, Gaetana Maria Jovino. **EDUCAÇÃO DE ADULTOS: Uma Contribuição para seu estudo no Brasil**. Loyola; São Paulo, 1979.

ELIAS, Marisa Del Cioppo (Org.). **Pedagogia Freinet: teoria e prática**. Campinas: Papirus, 1996.

_____. **Célestin Freinet: Uma Pedagogia de Atividade e Cooperação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

FERREIRO, Emília et al. Los adultos no-alfabetizados Y sus conceptualizaciones del sistema de escritura. *Cadernos Investigaciones Educativas*,. México, nº 10; 1983 (Mimeo).

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREINET, Célestin. **A Educação do Trabalho.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Para uma Escola do Povo.** Guia prático para a Organização Material, Técnica e Pedagógica da Escola Popular. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Pedagogia do Bom Senso.** Tradução: J. Baptista. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Ensaio de Psicologia Sensível.** Tradução: Cristiane Nascimento e Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **As técnicas Freinet da Escola Moderna.** Tradução: Silva Letra. Lisboa: Editorial Estampa. Lisboa, 1975

_____. **O Jornal Escolar.** Tradução: Filomena Quadros Branco. Lisboa: Editorial Estampa. Lisboa, 1974.

_____. **A Leitura pela imprensa na Escola.** Tradução: Ana Barbosa. Lisboa: Dinalivros. Lisboa, 1977 a.

_____. **O método Natural: a aprendizagem da língua.** Tradução Teresa Medeiros. Lisboa: Editorial Estampa, 1977 b.

_____. **O método Natural III: a aprendizagem da escrita.** Tradução: Teresa Medeiros. Lisboa: Editorial Estampa, 1977 c.

FREINET, Élise. **Nascimento de uma pedagogia popular.** Lisboa: Estampa, 1978.

_____. **O Itinerário de Celéstin Freinet: a livre expressão na Pedagogia Freinet.** Tradução: Priscila de Siqueira. Rio de Janeiro; Livraria Francisco Alves editora, 1979.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler.** São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática Educativa.** Rio de Janeiro, Paz e Terra: 2001.

_____. **Ação cultural para a Liberdade e outros escritos..** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo; MACÊDO, D. **A alfabetização – leitura do mundo/leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Ana Maria. **Analfabetismo no Brasil**: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista ou de como deixar de ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu), Felipas, Madalenas, Anas, Genebras, Apolônias e Gracias até os Severinos. São Paulo: Cortês; Brasília, DF: INEP, 1989.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez,

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da linguagem escrita**. São Paulo: Artes Médicas, 1991.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Freire e Freinet**: entrelaçamento de pedagogias populares. <http://vello.sites.uol.com.br/fleuri.htm> <Acessado em 03/07/2003>

_____. Educação Popular no Brasil: significados contemporâneos das propostas de Freire e Freinet. In: **Educação Brasileira**: Revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras. Brasília, v. 20, n. 41, p. 159-171, jul/dez. 1998.

_____. Freinet: Confronto com o Poder Disciplinar. In: ELIAS, Marisa Del Cioppo, (organizadora) **Pedagogia Freinet**: Teoria e Prática. Campinas, SP, 1996.

HADDAD, Sérgio e DI PIERRO, Maria Clara. Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem de jovens e adultos no Brasil: contribuições para uma avaliação da década da Educação para Todos. In: **I Seminário Nacional sobre Educação para Todos**: Implementação de compromissos de Jontiem no Brasil. Brasília, DF: 10-11/06/1999, promovido pelo INEP/MEC.

IRELAND, Timothy D. O atual estado da arte da educação de jovens e adultos no Brasil: uma leitura a partir V CONFITEA e do processo de globalização. In: **Educação Popular**: outros caminhos. SCOCUGLIA, Afonso Celso e MELO NETO, José Francisco de. (Org.) 2ª edição, João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001.

JANNUZZI, Gilberta S. Martino. **Confronto pedagógico**: Paulo Freire e MOBREAL. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979. (Coleção Educação Universitária)

JARES, Xésus R. **Educação para a Paz**. Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

KLEIMAN, Angela Del C.B.R.de; **Oficina de leitura. Teoria e Prática**. ed. 8, Pontes e Editora da Unicamp, 2001.

LANDROIT, H. **Options fondamentales de l'autre école**. L'aoutre École. Animation – Éducation, Bruxelles, Dez. 1997.

MEC Conferência Regional Preparatória e V conferência Internacional sobre Educação de Adultos. Brasília: MEC, 1998,

MEC/INEP Plano Nacional de Educação. Brasília. s.d.

MEC Lei nº. 9394/96 – Lei de Diretrizes de bases da educação Nacional
<http://www.mec.gov.br/seesp/pdf/dec2208.pdf> <acessado em 12/03/2004>

MEC Decreto nº. 2.208/97 Regulamenta a Lei 9394 que estabelece as leis diretrizes da educação nacional
http://www.mec.gov.br/seesp/pdf/lei9394_ldbn1.pdf <acessado em 12/03/2004>

MOURA, Tânia Maria de Melo. **A prática pedagógica dos alfabetizadores de Jovens e Adultos: Contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky.** Maceió: EDUFAL, 2001.

MORAIS, Maria de Fátima (Org.). **Freinet e a escolado futuro.** Recife: Bagaço, 1997

OLIVEIRA, Anne M. Milon. **Célestin Freinet: Raízes sociais e políticas de uma proposta pedagógica.** Rio de Janeiro: Papéis e cópias de Botafogo e Escola de Professores, 1995.

PEREIRA, Francisco de Assis. **As contribuições do Texto Livre na vitalização da sala de aula:** uma experiência na escola pública. Natal: DEPED/CCSA/UFRN, 1997. (Tese de Doutorado).

RIBEIRO, Vera Maria Masagão (Org.). **Educação de Jovens e Adultos:** Proposta curricular para o 1º seguimento. São Paulo: Ação Educativa: Brasília: MEC, 2001.

RIBEIRO, Márcia Maria Gurgel; Sandra PEREIRA, Maria Borba (Org.). **Anais do Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste:** Educação Fundamental, Natal, 17 a 20 julho de 1997; Natal: EDUFRN, 1997.

ROUSSEAU, J. J. **O Emílio ou da Educação.** Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SANTOS, Maria Lúcia dos. **Expressão livre no aprendizado da Língua Portuguesa – Pedagogia Freinet.** São Paulo: Scipione, 1991 (Série Pensamento e Ação no Magistério).

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura.** In: Educação & Sociedade, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 143 – 160, 1978.

_____. As muitas facetas da alfabetização. **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo, n. 52, p. 19 - 24 Fev. 1995.

_____. **Linguagem e escola – uma perspectiva social.** São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Contexto, 2003.

UNESCO. La educación de las personas adultas: una clave para el siglo XXI, Hamburgo, Alemanha, 14-18 de junho de 1997.

UNESCO. La educación de las personas adultas: la declaración de Hamburgo y la agenda para el futuro, UIE, Hamburgo, Alemanha, 14-18 de junho de 1998.

WHITAKER, Rosa Maria; SAMPAIO, Ferreira. **Freinet: Evolução histórica e atualidades.** São Paulo: Scipione, 1989

ANEXOS